

Tribunais:
o desastre
sobe de novo
à ribalta

Pág. 8

Diário de Lisboa

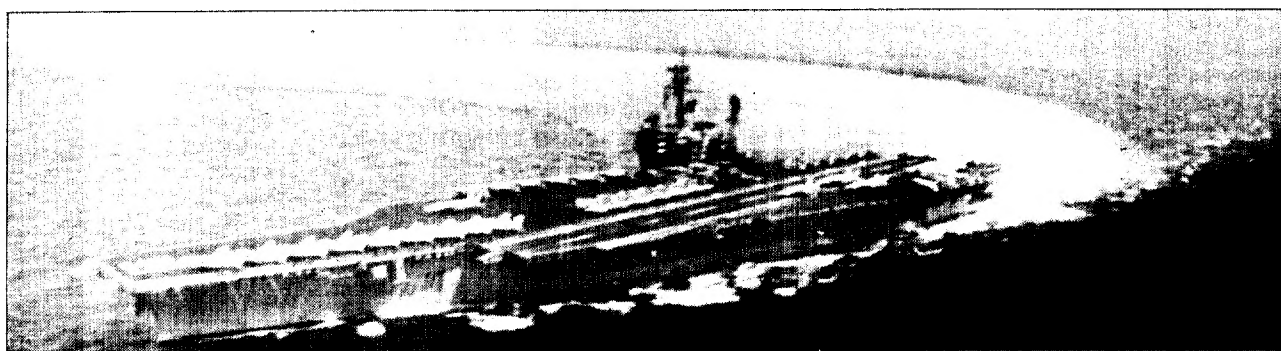
ANO 66 N.º 22 034

Sábado, 12 de Abril de 1986

Preço 40\$00

Fontes de Washington dizem que poderá ser já amanhã

ATAQUE À LÍBIA PARECE IMINENTE



«Coral Sea»: rumo à Líbia

Aliados europeus estão divididos e URSS

nega existência de um acordo

de não intervenção com os Estados Unidos

Pág. 19

POLÉMICA



Prémio da APE

Romance deu em "novela"

Lobo Antunes foi ontem oficialmente confirmado como o vencedor do Grande Prémio de Romance e Novela 1985, da Associação Portuguesa de Escritores, pelo seu livro «Auto dos Danados». A decisão do júri, no entanto, revelou-se bastante polémica: enquanto Maria da Glória Padrão defendeu que o prémio não deveria ser entregue este ano os restantes quatro quintos do júri (tanto quanto exige o regulamento do prémio, que foi zurzido de alto a baixo) assumindo a responsabilidade da decisão e afirmando que a obra premiada com mil contos tem qualidade q.b. (quanto baste), dão a entender que a produção literária de 1985 ficou pela mediania, não tendo aparecido grande coisa por aí... O prémio ainda vai no adro.

Pág. 11

Congresso do CDS: a autocrítica da Direita

Pág. 5



O povo coreano comemora o aniversário do presidente Kim Il Sung

O Presidente Kim Il Sung nasceu em 15 de Abril de 1912 numa família que se havia distinguido na luta contra o colonialismo nipónico.

Todos os anos em Abril, o povo coreano comemora como uma data festiva o aniversário do Presidente que pela sua inteligência e capacidade de trabalho e de direcção, provada através da sua própria vida, grangeou a profunda admiração e confiança da nação.

Durante os 36 anos da dominação colonial japonesa, o povo coreano foi vítima da escravidão colonial, de humilhações e maus tratos de toda a índole. Na altura, muito jovem ainda, o Presidente Kim Il Sung criou uma organização armada antijaponesa e durante 15 anos conduziu, à frente desta organização, a luta armada, alcançando finalmente a libertação nacional.

O povo coreano conhece muito bem a eficácia da direcção do seu líder que o dirigiu sempre no caminho da vitória ultrapassando todas as dificuldades e vicissitudes com a mobilização de todo o povo, tanto no período da construção da jovem Coreia depois da libertação nacional em 1945 e durante os 3 anos de guerra (Junho de 1950-Julho de 1953) como no da reconstrução nacional após a guerra.

A Coreia, que era no passado um país muitíssimo atrasado em termos económicos e tecnológicos, transformou-se num estado de indústria moderna, agricultura muito desenvolvida e alto nível cultural.

Em 1984 o valor global da produção industrial aumentou 431 vezes em comparação com 1946, a produção de meios de produção teve um acréscimo de 486 vezes e a de consumo, de 279 vezes. No mesmo período, a produção de cereais cresceu mais de 5 vezes. Em 1984, colheram-se 7,2 toneladas de arroz por hectare e produziram-se 10 milhões de toneladas de cereais.

Nas quatro décadas após a libertação, registaram-se também grandes mudanças nas áreas do ensino, da cultura e de saúde pública. O número de institutos de ensino superior aumentou 54 vezes em relação a 1946; o de escolas especializadas superiores, 58 vezes em comparação com 1956. Deste modo, os técnicos e especialistas constituem a sétima parte da população economicamente activa (um milhão 250 mil técnicos e especialistas).

Em relação a 1945 o número de centros de prevenção e assistência médica, em 1984 tinha aumentado 93 vezes; o de hospitais, 40 vezes; o de médicos e de médicos estagiários, 180 vezes; o das camas dos hospitais, 115 vezes. A vida média da população prolonga-se agora até aos 74 anos, mais 36 do que antes da libertação.

Hoje em dia, a República Popular Democrática da Coreia está a travar uma luta dinâmica para alcançar as metas da construção económica socialista e para modernizar a economia do país.

Apesar de duas falências retumbantes

O sistema bancário canadiano não foi atingido pela crise norte-americana

Alain Vernholes

Exclusivo Le Monde/DL

O sistema bancário canadiano — um dos mais fortes a nível mundial — foi recentemente abalado por duas falências retumbantes. Não era a crise norte-americana que se respirava em Ottawa, no entanto, uma certa desordem...

Foi um autêntico suspiro de alívio que os meios de negócios canadianos soltaram quando souberam, a partir de exames oficiais, que o seu sistema bancário não tinha sido atingido pela crise norte-americana que multiplicou as falências nos Estados Unidos desde 1984. A dúvida admitia-se tendo em consideração a liquidação espectacular, no fim do mês de Agosto, de dois bancos de Alberta: a Canadian Commercial Bank (CCB), cuja sede se situava em Edmonton, e o Northland Bank, sediado em Calgary.

É indubitável que estes dois estabelecimentos bancários eram pouco representativos em relação aos activos do conjunto do sistema bancário canadiano: exactamente 1%. É indubitável também que os seis grandes bancos nacionais (1) não tinham absolutamente nada a ver com esse facto, a não ser pelo franziro de sobrelavagem reprovador dos seus dirigentes, chocados pelo facto de acontecimentos como esses — os primeiros do género desde 1923 — pudessem produzir-se no Canadá, chocados também pelo facto de terem tentado inutilmente uma operação de salvamento no fim do Inverno.

A euforia petrolífera

Nem por isso o efeito provocado pela notícia deixou de ser brutal. Tão brutal que lançou a dúvida em todos os espíritos. A crise de confiança que se seguiu abalou numerosos estabelecimentos bancários de dimensão média. Alguns de entre eles, apesar de bem administrados e perfeitamente viáveis, foram subitamente apanhados pela tempestade e sofreram de falta de liquidez em consequência de retiradas maciças de grandes depositantes: empresas industriais, sociedades petrolíferas... Foi o caso em especial do Mercantile e do Continental Bank, este último, no entanto, classificado no sétimo lugar dos estabelecimentos canadianos do sector.

Se as reservas e a solidez do Continental permitiram-lhe aguentar-se, o Mercantile sofreu bastante, apesar de uma participação importante do City Bank de Nova Iorque, apesar também das suas contas serem irrepreensíveis. Sofreu de tal maneira que o seu salvamento só pareceu possível, desde logo, através do casamento com um outro mais rico. Desse modo foi anunciado oficialmente a fusão do Mercantile com o Banco Nacional do Canadá, um dos seis grandes bancos nacionais, sediado em Montréal e cujo capital (21,5

mil milhões de dólares canadianos, cerca de 130 mil milhões de francos) colocará o conjunto (25,5 mil milhões de dólares, mais de 150 mil milhões de francos) acima de qualquer suspeita...

Há uma dezena de anos os bancos regionais multiplicaram-se: Banco de Colúmbia em Vancouver, CCB em Edmonton, Northland, Mercantile, Continental. Estes novos bancos regionais aproveitaram-se da alteração da lei bancária — revista de dez em dez anos no Canadá — que lhes concedeu mais poder e em especial a possibilidade de fazer empréstimos para a construção de casas. Esta liberdade novinha em folha foi seguida pouco depois pelo primeiro choque petrolífero, e a subida dos preços do petróleo que se seguiu.

O contexto era especialmente favorável: Alberta, com os seus enormes recursos petrolíferos e de gás, viu os seus lucros duplicados e julgou que essa expansão fosse eterna. Os estaleiros multiplicaram-se entusiasticamente. Era um pouco a vingança do Oeste sobre o Leste, dos lavradores sobre os cidadãos.

Os novos bancos procuraram conquistar rapidamente um lugar ao sol. Era essa a lei em Alberta onde os imóveis nasciam como cogumelos. Os bancos puseram em prática uma política comercial altamente agressiva que só muito mais tarde, em 1981-82, se viria a revelar imprudente. Foi quando sobreveio a recessão mundial e os preços do petróleo começaram a descer.

Durante anos, não houve problemas. A confiança era tanto maior quanto é certo que os accionistas dos novos bancos eram, na maior dos casos, organismos perfeitamente respeitáveis: Caisse de retraite pour la CBB, Caisse Populaire Desjardins — o equivalente às nossas caixas de depósitos — no Northland.

A recessão de 1981-82, que obrigou à queda dos preços da construção civil em cerca de 40% em Alberta e a travar algumas perfurações petrolíferas, tinha sido precedida por um primeiro aviso, uma espécie de corrente de ar, desagradavelmente presentida em Calgary e em Edmonton: o programa nacional de energia realizado em Outubro de 1980 pelos liberais, então no poder, tinha lançado um imposto bastante pesado sobre os lucros da indústria petrolífera e controlado os seus preços. Esses avisos deveriam ter estimulado os bancos à prudência mais absoluta. Mas no país do petróleo o optimismo não desaparece com essa facilidade. Alimentando a esperança de que as coisas se arranjariam com a recuperação da expansão que se julgava próxima, optou-

se por arranjar os balanços. Estes foram ampliados (falou-se em *creative accounting*) pela contabilização integral dos juros devidos por devedores de que muitos, no entanto, se tinham tornado notoriamente insolventes.

Factor de gravação: os novos bancos não possuíam — ou quase — sucursais para se refinanciar, pelo que dependiam estreitamente do mercado interbancário e portanto de importantes depositantes muito bem informados...

Intervenção do Banco Central

Em 1985, o comércio mantém-se parado, acumulando-se os prejuízos nos bancos novos, em especial no Canadian Commercial Bank e no Northland.

O CCB possui uma filial nos Estados Unidos, na Califórnia mais exactamente, o Commercial Center que concedeu empréstimos a sociedades de pesquisa de petróleo. Quando os preços deste desceram, as investigações foram abandonadas. Em Fevereiro de 1985, as autoridades bancárias norte-americanas consideram que a situação se tornou pouco saudável e ordenam ao CCB que aumente o capital da sua filial californiana ou que se retire. Encurralado, o CCB comunica às autoridades canadianas a sua situação.

As coisas foram então suficientemente tomadas a sério? O que continua a suceder é que na base de um exame superficial da situação pedido pelo inspector-geral dos bancos (2), os prejuízos do CCB foram calculados em 255 milhões de dólares canadianos (cerca de 1,5 mil milhões de francos) para activos (empréstimos a sociedades petrolíferas e a sociedades imobiliárias, obrigações, etc.) que atingiam 2,5 mil milhões de dólares canadianos (15 mil milhões de francos).

Consultados pelo governador do Banco Central, Gerald Bouey, os responsáveis dos «seis grandes» pronunciaram-se a favor do descalço do CCB, ao qual foi concedido um empréstimo de 255 milhões de dólares canadianos. Foram contribuintes, com cerca de 60 milhões cada: o governo federal de Ottawa, o governo de Alberta, os seis grandes e a Canadian Deposit Insurance Corp., que garante os depósitos pequenos e é financiada por um prémio recebido nos estabelecimentos bancários.

O CCB podia, com estas medidas, ser ainda salvo. Mas o caso foi propalado e, advertidos, os grandes depositantes durante o Verão, retiraram maciçamente os seus fundos, deixando em seco o Continental Commercial Bank e obrigando o Banco central a adiantar urgentemente 1,3 mil milhões de dólares canadianos, cerca de 8 mil

milhões de francos.

Perante a importância das somas em causa e o mau andamento que os acontecimentos conheciam, o inspector-geral dos bancos pediu então um relatório completo e aprofundado a um antigo banqueiro da Nova Escócia, conhecido pela sua competência, Hinckman. A sentença desabou no fim do mês de Agosto: os prejuízos eram muito maiores de que as primeiras análises tinham feito supor. Uma sentença que atingia também o Northland ao qual o Banco Central tinha emprestado 500 milhões de dólares canadianos (cerca de 3 mil milhões de francos).

O governo decidiu nessa altura estancar as despesas. Estava-se então nos primeiros dias de Setembro.

A oposição acusa agora o governo por ter demorado demasiado a reagir, por ter avaliado mal a situação durante vários meses e, por fim, por estar disposto a dispendir demasiado dinheiro, dinheiro que o Estado recuperará dos contribuintes sob a forma de impostos. De facto, enquanto a lei não prevê mais do que uma indemnização até 60 000 dólares canadianos, cerca de 360 000 francos, os depositantes dos dois bancos falidos serão totalmente indemnizados, o que virá a custar ao Tesouro 875 milhões de dólares, de acordo com as estimativas de Barbara McDougall, a intratável secretária de Estado das Finanças. Considera-se na oposição que as eleições de 1984 explicam muito o atraso com que foram examinadas as contas dos bancos de Alberta, um feudo especialmente favorável aos conservadores.

Lógica das aparências

As respostas do governo a estas acusações têm a vantagem de ser perfeitamente lógicas, ao menos na aparência. Articulam-se em quatro pontos:

1) Os exames foram tardios e foram suficientemente cuidadosos porque o número dos controladores não tinha aumentado enquanto os bancos se multiplicavam.

2) Fora necessário tentar tudo para salvar os estabelecimentos em falência para não agravar mais a situação no Oeste e no Centro canadianos — Saskatchewan e Manitoba inclusive — já a braços com uma recessão.

3) Os depositantes que tinham mantido a confiança nos bancos depois de Fevereiro de 1985 tinham-no feito tendo em consideração as declarações governamentais.

4) Por fim, e sobretudo era necessário evitar um efeito de dominó tanto mais de temer quanto as falências nos Estados Unidos se multiplicavam desde o retumbante caso do Continental Illinois Bank, em 1984, até aos graves dissabores dos estabelecimentos de crédito agrícola sem esquecer as frequentes quebras dos Savings and Loans (caixas de depósitos).

Imagina-se o pânico que teria provocado a assimilação das falências canadianas à síndrome norte-americana: os «seis grandes», de facto, têm vastos compromissos nos mercados internacionais dos capitais e, se os seus empréstimos aos países em via de desenvolvimento (3) são muito menores do que os dos bancos norte-americanos, e sobretudo têm bons provimentos, não representam menos de qualquer coisa como 7% dos seus compromissos. Do mesmo modo, o Canadá acolhe desde a revisão do Bank Act em 1980 numerosos bancos estrangeiros (58 actualmente), que importava não assustar.

O Banco Central do Canadá sair-se-á bem já que espera recuperar facilmente os seus empréstimos (1,8 mil milhões de dólares) sobre os activos (2,5 mil milhões de dólares) dos dois defuntos bancos de Alberta. Quanto ao governo federal, pôde travar a tempo um incêndio que teria provocado terríveis estragos se os meios comerciais não tivessem dissociado as falências canadianas das dos bancos norte-americanos, causadas, estas, pela insolvabilidade de numerosos países em vias de desenvolvimento e pela forte descida dos preços das terras agrícolas.

Os grandes bancos de Montréal e de Toronto, por momentos perturbados pelo excesso de gritaria oriunda do Oeste, voltam agora a encontrar a sua calma.

Seriedade, competência, experiência... Bem precisam delas para resistir aos assaltos cada vez mais vivos que desencadeiam contra eles poderosas sociedades financeiras que, se não são bancárias, nem por isso deixam menos de lhes fazer concorrência em quase todos os domínios. Uma concorrência que o governo de Ottawa — que tinha publicado no início do ano um Livro Branco sobre o assunto — parece encarar com simpatia.

Isto antes da falência dos dois bancos de Alberta. Fica por saber se o que acaba de acontecer vai retardar a desregulação de um sistema que, de qualquer maneira, está em transformação.

(1) Banco Real do Canadá, Banco de Montréal, Banco Canadiano Imperial do Comércio, Banco Toronto Dominion, Banco de la Nouvelle-Ecosse, Banco Nacional do Canadá.

(2) O inspector-geral dos bancos tem a responsabilidade da regulamentação e da inspecção dos bancos. É responsável perante o ministro das Finanças.

(3) Os bancos canadianos que emprestaram a países em vias de desenvolvimento que solicitaram a seguir um reescalonamento das suas dívidas, devem conceder provimentos de 10 a 15% desses empréstimos.

Desenvolvimento com mosquitos?

Rui Cacho

Nas minhas crónicas falo pouco de livros, tema que me é caro.

Suponho que se me impõem outras realidades. Que me aparecem ao caminho através de pessoas, notícias, e o mais a que não resisto. E que depois passo ao papel.

Não que a Cultura não seja prioritária e que o livro não tenha nela um lugar insubstituível. Mas como entregar-me à tarefa de chamar a atenção para uma Obra que devia ser mais conhecida se há pouco conversei com um amigo que me disse ir receber o último subsídio de desemprego e que depois não sabia como era?

Penso também que toco a Política em doses superiores à minha competência e vocação. Daí que faça disparos demasiado generalizados e que se tornam fogo perdido. Às vezes, assaco aos governantes a responsabilidade de situações que já vêm de longe. Que devem ser encaradas e resolvidas, é verdade, mas Roma e Pavia não se fizeram num dia.

Entenda-se que não estou em parte a dar o dito por não dito porque me ofereceram um lugar numa secretaria Qualquer. O que não gosto é de espadeirar a torto e a direito em claro desequilíbrio crítico. Devo cingir-me ao que está visivelmente mal e não devia estar.

Também afirmo algumas vezes que andamos demasiado distraídos e que deixamos passar muita coisa sem nos opormos. Ora, é outra meia-verdade, pois muita gente resiste e luta pela sua dignificação nalguns casos pela sua sobrevivência. São inúmeras as situações diárias que o comprovam (as conhecidas) e é exemplar dessa resistência a caminhada dos vidreiros da Marinha Grande até Lisboa.

O que não significa que não haja muito acomodado que nunca levanta um dedo para denunciar um erro. Uns porque se instalaram e outros por variadas razões muitas delas irrazoáveis. Mas o trabalhador português além da sua grande inventiva já se habituou a manifestar o seu descontentamento quando o consideram cidadão de se-

gunda. Talvez nem sempre do modo mais apropriado — mas é fácil comentarmos desfavoravelmente quando estamos de fora. Já observei sujeitos que se «arranjaram» na vida e que à menor injustiça que recaia sobre eles, comportam-se de imediato como se sofressem de revolução aguda.

Colocassem todo o País com salários em atraso que em poucas horas toda a gente tinha os salários em dia ou então desatava tudo à bolachada.

2

Relendo o que fica dito, convém aclamar que o facto de em certos casos criticar mal, não significa que não esteja muita coisa mal.

Por exemplo, os últimos lugares governamentais parecem preenchidos por iluminados que não pensam governar com todos, mas governar todos. E isso não é democrático, mesmo que a política adoptada seja a melhor, o que nunca sucede completamente. Não me consta que alguma embarcação navegue apenas com o comandante e os immediatos — ainda que bem escolhidos. A tripulação e não só importante como indispensável.

Também há governamentais de agora que quando dizem qualquer coisa, parecem recomendar-nos que acatemos o seu pensamento senão segue-se o Dilúvio. Quando os oiço, penso exactamente o contrário: se estes sujeitos levam por diante esta política segue-se mesmo o Dilúvio.

Alguns Comunicação Social ajuda muito à Festa. Repetem exaustivamente o palavrório dos dirigentes como se apregoassem a Verdade Eterna.

Em 1986, e já em Abril, ainda há políticos do topo que afirmam que o desenvolvimento não pode esquecer o homem. Esta passa por grande tirada. Mas realmente desenvolvimento com mosquitos — não vislumbro. A menos que no programa do Governo esteja considerado que vamos ser substituídos por exemplo por robots. Se assim é, rendo-me, é sinal que vamos dedicar-nos livremente aos nossos gostos e já atingimos uma etapa superior.

A alimentação do diabo

Beja Santos

Já o escrevi nestas colunas: a nossa cultura nutricional não é produto de nenhum acidente histórico mas certamente nunca conheceu alteração tão brusca como agora, em que o consumo de aditivos, a química dos aviários e novos métodos de esterilização, a par de caudais de lixo alimentar, têm consequências ainda não totalmente previsíveis.

O «fast-food», isto é, aquela lúgubre cultura de snack-bar, com hamburger, ovos, batatas, frituras de duvidosa higiene, bebidas açucaradas e salgadinhos dispendiosos e inúteis para a alimentação, para já não falar noutros cortejos de horrores da chamada restauração rápida, devia obrigar-nos a pensar nas enfermidades que estão a preparar a prazo. A TV difunde estilos de vida que banalizam este lixo alimentar: logo, nós confiamos que quem cala consente.

Peço-vos uma pequena e despretensiosa reflexão acerca desta tenebrosa receita para os problemas alimentares.

Primeiro, o «fast-food» não é uma necessidade das populações. Decorre de técnicas agrícolas sofisticadas e duradouras de energia. No nosso mundo ocidental, a produção alimentar segue a par de um sistema industrial de fabrico em série e de distribuição centralizada. Que ninguém se iluda quanto à soberania do consumo: as culturas são muitas vezes concebidas e utilizadas como fontes de matérias-primas para o fabrico de enormes quantidades de alimentos acondicionados de maneira prática e lucrativa. Estude-se a Política Agrícola Comum, e veja-se como ela prepara os fundamentos da alimentação consumista, antes que seja tarde!

Teoricamente, todo este maquinismo serviria para desenvolver as nações, alimentar convenientemente biliões de estômagos, trazer a prosperidade aos campos. Supôs-se que a biologia humana se adaptaria sem engulhos de maior a esta tecnologia eficaz: a revolução alimentar assente na tecnologia mecânico-química. Para denunciar o extremo da nossa degradação alimentar, um especialista em nutrição socorre-se do exemplo da «pizza» congelada, muito popular nos EUA e que começa agora a fazer algum furor na nossa moda alimentar, a par dos «croissants». O segredo desta «pizza» reside nos ingredientes artificiais especialmente fabricados para aguentar a comercialização. É uma massa quimicamente tratada para lhe dar uma qualidade plástica que resiste à humidade e procura simultaneamente dar a sensação de uma massa doce. É sobre esta massa que se coloca uma camada de queijo «mozzarella» e molho de tomate, artificiais. Na guarnição também os cogumelos são artificiais e põe-se uma coisa que faz lembrar o paio italiano...

No domínio alimentar, a nossa política de defesa do consumidor vive uma fase anterior ao consumismo, em que as leis reflectem predominantemente as preocupações com a embalagem, a marcação e etiquetagem, a segurança dos aditivos. Enfim, legislação correspondente a um tempo em que os alimentos avariados ou corruptos tinham uma aparência e um gosto avariados. Hoje, artifícios engenhosos de açúcar, sal, aromas e corantes artificiais criam um produto «maquilhado», pronto a ser reintroduzido no mercado.

O «fast-food» assenta numa perigosa vulnerabilidade: que noutras refeições sejam preenchidos os vazios deixados pelas horas passadas a devorar pastéis, «pizzas», «croissants» e «hamburgers». Não exageremos com as doçuras da civilização do consumo: o organismo humano demorou milénios a constituir. A ciência já determinou dezasseis vitaminas, vinte minerais e numerosas outras substâncias indispensáveis para a saúde. Basta uma deficiência de um destes elementos para o corpo ficar propenso à doença e a letargia. O mínimo que se

pode dizer, para afastar o espectro do alarmismo, é que a alimentação moderna não provoca necessariamente doenças de estômago. Mas, no longo prazo, ela pode ir progressivamente enfraquecendo o organismo.

Aliás, alguns devastadores efeitos para a saúde são já conhecidos. O conjunto das doenças ao longo das últimas gerações diminui drasticamente no capítulo das infecciosas e expandiu-se no tocante às crónicas. Elas são talvez o resultado do nosso estilo de vida ou das imitações de estilos de vida alheia. O Instituto Nacional para o Cancro dos EUA, por exemplo, estimou de 45% que todos os cancros humanos podem ser atribuídos a um regime alimentar desadequado. E que se trata de um estilo de vida maldito aí estão alguns estudos epidemiológicos comparando os regimes alimentares e as doenças típicas dos países em vias de desenvolvimento e dos ocidentais. O que sobressai de uma forma espectacular é uma ausência de apendicites, de úlceras, de doenças cardíacas e de diabetes entre as pessoas que comem essencialmente alimentos naturais. Um nutricionista, Cleave, concluiu que o regime baseado em alimentos refinados, sobretudo farinhas e açúcar, era uma das causas principais das doenças do mundo «civilizado». O que é dramático neste percurso vertiginoso da tecnologia alimentar é incitar-se os consumidores a ingerir imitações, coisas com sabor a..., e menos alimentos frescos, desde a carne a laticínios.

E quem tem dúvidas sobre esta alimentação que é um dos factores decisivos do estilo de vida que contribui à doença, atente nas modificações que se estão a registar na vida dos esquimós que vivem no norte do Canadá. O seu regime alimentar baseado na carne e no peixe está a dar lugar a grandes quantidades de alimentos medíocres, de

bebidas açucaradas e de adoçantes. A prova dos nove são o aumento impressionante de gengivas descarnadas, a subida em flecha de diabetes, a obesidade.

Enfim, nada virá de bom para o homem com esta uniformidade que se abate como manto de trevas sobre a alimentação dos afeiçoados da sociedade do consumo.

A mesma civilização que exalta os alimentos processados medíocres lança no mercado suplementos vitamínicos que tapam as carências de certos erros alimentares. Negócio curioso, não é?

Inventa-se que a vitamina C é importante para prevenir a gripe o que está longe de se dar por provado. Que os complexos vitamínicos se podem tomar a toda a hora para robustecer e até tonificar o organismo. Nada de mais falacioso! Todos os alimentos naturais contêm vitaminas e uma alimentação equilibrada satisfaz as necessidades normais de vitaminas. Evidentemente que há situações de excepção. Por exemplo, a vitamina D é a «vitamina sol». Ela é sintetizada pela acção dos raios solares ao nível da epiderme e encontramos-a também no leite enriquecido com vitamina D. Ela previne o raquitismo e ajuda com o cálcio e o fósforo à formação dos ossos e dos dentes. O negócio das vitaminas é uma, boa fonte de lucros para os laboratórios.

E para concluir, desmontemos um outro mito muito da alimentação do diabo: são os alimentos caros que fornecem boas vitaminas. Não é verdade. Encontramos boas vitaminas na laranja, no figado, nos laticínios, nos legumes. Se não praticar essa alimentação insuportável da fritadeira eléctrica, das comidas barradas a margarina, onde falta a sopa, a salada e a fruta da época, enfim, se o leitor dedicar toda a sua atenção à alimentação como fonte de saúde, não precisa nem de pílulas de vitaminas nem das outras pílulas com que o consumismo nos massacrava para consumirmos mais.

Livre de canto

A. Flores de Andrade

Reconheça-se que não é fácil substituir Mário Soares na liderança do PS! Claro que não é fácil também explicar porquê, e só ocorrer, na circunstância, uma banalidade do género «porque Mário Soares é Mário Soares».

Mas no momento histórico em que todos aspiram à modernização do Partido Socialista, até mesmo fora dele, com mais ou menos esperança (com mais

ou menos hipocrisia também) pode ser igualmente histórica a decisão que eleger o secretário-geral que substituirá Mário Soares nessas funções.

Não é pois por acaso que se erguem duas figuras como Vítor Constâncio e Jaime Gama, dispostas a arcar com responsabilidade tão pesada. Ambos jovens, cultos, de sólida formação humanística, politicamente teinados, de grande capacidade de

trabalho e inteligência muito acima da média, aquele a quem vier a caber a condução dos destinos do PS terá pela frente tarefa bem difícil.

Começará por ter de varrer quaisquer eventuais cacós que fiquem de algum partir de loiga resultante da eleição. Terá de recuperar a confiança do eleito natural do Partido, parte dele porventura ainda disperso acidentalmente noutros quadros. Precisar-se-á de vincar cla-

ramente, e de uma vez por todas, as baías ideológicas em que o partido tem de mover-se. E é imperioso que aligeire (modernize) a maneira de o PS estar na política, mais à feição das gentes de esquerda (que é onde o povo português se revê) ao arripio do modo ridículo e solene como os restantes partidos se comportam na cena política nacional.

Parece claro que Vítor Constâncio leva vantagem na civili-

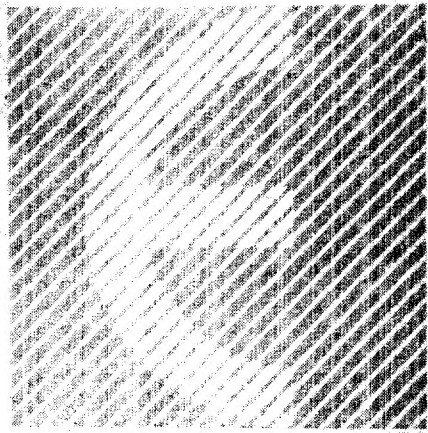
zada corrida que se iniciou. O próprio Jaime Gama o reconhece, quando pugna pela conjugação (possível) de ambas as listas. Militam a favor de Vítor Constâncio, certamente, não só uma reconhecida competência profissional — para mais num campo, o da economia, onde a concorrência de outros partidos, nomeadamente do PPD de Caco Silva, começa a ser importante — como também a total dedicação à vida política que

tem sido a vida de Jaime Gama, factor que não deixa, talvez paradoxalmente, de afectar seriamente as preocupações de mudança dos militantes socialistas.

Certo é que a vitória não será contra Gama, pois talvez aconteça apenas que Vítor Constâncio esteja para a era presente comb Mário Soares esteve para a era que passou.

Ou, por outras palavras, que Constâncio ganhe «porque é Constâncio».

Luís Madureira Pires



Banco de Fomento Nacional

Documentos sobre a CEE editados pelo BFN

O BANCO DE FOMENTO NACIONAL decidiu divulgar junto dos agentes económicos, um conjunto de informações que lhes permita maximizar os benefícios imediatos e as potencialidades decorrentes da Adesão de Portugal às Comunidades Europeias. Foi dentro desta política que o BFN publicou, já em 1986, em colaboração com o SIE e o ICEP, uma brochura sobre as «Relações Comerciais entre Portugal e a Espanha face à adesão à CEE».

Dando continuidade a esta política de informação selectiva, vai o BFN editar um conjunto de documentos sobre os fundos estruturais comunitários, designadamente, o «Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional — FEDER», o «Fundo Social Europeu — FSE» e o «Fundo Europeu de Orientação e Garantia Agrícola — FEOGA», os quais serão elaborados por especialistas nas respectivas matérias.

Entretanto, o BFN editou e distribuiu uma outra publicação sobre um fundo estrutural comunitário, da autoria do dr. Luís Madureira Pires e intitulado «FEDER — Guia para os Utilizadores Portugueses».

Vinhos portugueses premiados em Espanha

Vinhos portugueses, das regiões demarcadas da Bairrada e do Douro, acabam de obter em Espanha importantes galardões, a atestar a elevada qualidade reconhecida pela União Espanhola de Provedores no Concurso Internacional de Vinhos organizado no âmbito da Feira Internacional da Alimentação que decorreu em Barcelona de 8 a 13 de Março.

Um júri extremamente exigente decidiu atribuir «Bacos de ouro», ao tinto velho de 1980 das Caves Aliança, de Sangalhos, e ao Porto Poças LBV de 1980 da Casa Manoel Poças Júnior, de Vila Nova de Gaia.

Esta distinção é tanto mais assinalar quanto os «Bacos de ouro», correspondendo a medalhas de ouro com diploma, foram conquistados numa competição de 647 vinhos de oito países em que foram premiados apenas 19.

O Tinto Velho das Caves Aliança é um produto típico da Bairrada, no qual o «bouquet» e o equilíbrio entre o teor alcoólico (12.º) e o tanino (em quantidade reduzida) se harmonizam perfeitamente com o «robo» delicado e transparente, que o belo tom aberto, de rubi torna muito atraente.

Quanto ao Porto Poças LBV é um rubi (tinto) «Late Bottled Vintage» (engarrafado só depois de quatro a seis anos de estágio em casco de madeira) obtido pelo método tradicional de castas cultivadas na zona mais nobre da região demarcada do Douro ou seja, no Cimo Corgo.

Philips preconiza

Evolução como via para a TV do futuro

Os padrões revolucionários, agora propostos pelos japoneses, tornariam obsoletos transmissores e receptores de televisão em toda a Europa e em muitos países do Mundo, disse C. van der Klugt na conferência Schoenberg, proferida recentemente para a «Royal Television Society» em Londres. Van der Klugt, vice-presidente do Conselho de Direcção da Philips NV e já designado presidente a partir de Abril de 1986, afirmou, em contrapartida, que o padrão MAC (Multiplexed Analogue Components), preferido pelas autoridades europeias em matéria de transmissões televisivas e por fabricantes, como a Philips, tinha um carácter mais propriamente evolutivo que revolucionário.

Desta forma, nos anos 90, ninguém teria de pôr de lado o seu velho aparelho de televisão para poder obter imagens melhoradas. Mesmo aparelhos anteriores a 1987, desde que munidos de um adaptador, poderiam receber sinais MAC. Haveria melhoria na qualidade da imagem e seria possível obter

maior número de sinais sonoros de alta qualidade.

«Em 1987, como resultado de medidas para apoio do processo evolutivo, a Philips lançará os seus novos aparelhos de televisão MAC, que terão já em conta um futuro alargamento de serviços», disse ainda van der Klugt. «Além de outras características, estes modelos incluirão um dispositivo de descodificação, uma segunda relação entre largura e altura da imagem, uma segunda relação de compressão e um sinal de transmissão melhorado. Os aparelhos da próxima geração oferecerão uma imagem mais ampla, com melhor definição e incluirão a possibilidade de redução sensível na cintilação.

Nos anos 90 alcançar-se-ão os benefícios totais da EDT (Extended Definition Television). Esta é a designação preferida na Philips, pois implica não só as vantagens máximas dos avanços tecnológicos mas também o processo de ampliação, passo a passo, de extensões progressivas aos sistemas e equipamentos actuais tendo em vista o alcance do máximo benefício possível.

Nas fases evolutivas, de transição, as pessoas terão podido experimentar o melhor aproveitamento que lhes é possível obter com o equipamento que possuem. Se, depois de 1990, os possuidores de aparelhagem antiquada quiserem adquirir um novo equipamento para, assim, poderem tirar o benefício máximo do sistema MAC, tal decisão será apenas opção sua. Não serão forçados a fazê-lo para poderem receber os programas, o que seria inevitável se prevalecesse a opção dos fabricantes japoneses.

O lançamento dos satélites francês e alemão em finais de 1986 que, como se espera, será seguido pelo lançamento de um satélite britânico, permitirá que todos nós entremos juntos na curva de aprendizagem, nomeadamente entidades governamentais, produtores de programas televisivos, fabricantes de equipamento e consumidores. Então, estaremos em condições de fazer avaliações e proceder às adaptações adequadas durante o período de aprendizagem de que disporemos.

TAP reúne nos Açores e aumenta voos para França e Bélgica

A TAP AIR PORTUGAL reuniu em 2 e 3 de Abril, em Ponta Delgada, todos os seus delegados, tendo sido analisados e salientados os bons resultados de vendas da empresa em 1985, que foram os melhores dos últimos dez anos. Foi igualmente manifestada nesta reunião a esperança de melhorar, em 1986, através do aumento da capacidade de lugares nos aviões e de um maior esforço no sector de vendas.

Entretanto, foi anunciado que tendo como base o significativo aumento de tráfego entre Portugal e Bruxelas, decorrente da entrada de Portugal na CEE, a TAP AIR PORTUGAL aumentou para seis o número de frequências semanais a praticar este Verão entre Lisboa e aquele mercado. Faro e Porto ficarão ligados a Bruxelas com uma frequência semanal, respectivamente ao sábado e quarta-feira. O esquema de operação entre Lisboa e Bruxelas permite também, em dois dias, da semana, a ligação entre Portugal e o Luxemburgo.



A capacidade oferecida, cerca de 60 mil lugares, corresponde a um aumento de 20% em relação a igual período do ano anterior. Entretanto, os horários foram adaptados às necessidades dos interesses do tráfego governamental português que se desloca a Bruxelas.

Portugal/França

Nos períodos de Verão anteriores, a TAP AIR PORTUGAL programava, para além do voo diário entre Lisboa e Paris, a realização de dois voos adicionais semanais no período de maior afluência de tráfego.

Tendo em vista os resultados alcançados, a TAP AIR PORTUGAL decidiu consolidar para todo o Verão de 1986 a realização de nove frequências semanais entre Lisboa e Paris, continuando a operar quatro voos semanais entre o Porto e Paris, além da realização de voos adicionais no período de maior frequência de tráfego, sempre que as necessidades o determinarem. A programação entre Portugal e a França prevê ainda a realização de duas frequências semanais, à terça e sexta-feira, entre Lisboa e Lyon.

BPSM e a dinamização do Mercado de Capitais

O Banco Pinto e Sotto Mayor vai emitir este ano cinco milhões de contos de títulos de participação, estando prevista para breve a primeira emissão no valor de dois milhões de contos — anunciou aquele banco.

A revelação foi feita por um responsável do BPSM durante um encontro com jornalistas para apresentação do «Boletim Informativo sobre o Mercado de Capitais», nova publicação mensal daquele banco destinada a proporcionar aos investidores,

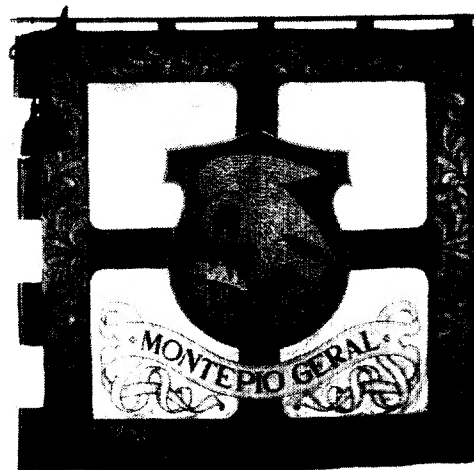
e nomeadamente aos pequenos investidores particulares, uma maior informação sobre o mercado de valores mobiliários.

O boletim, cujo primeiro número foi já posto à disposição do público, contém informações financeiras e bolsistas destinadas a facultar aos investidores uma melhor orientação na escolha entre diversas aplicações possíveis em títulos.

A publicação inclui, nomeadamente, dois índices criados

pelo banco, um para acções e outro para obrigações, que dão uma visão de conjunto das cotações do mercado em Bolsa e da sua evolução.

Mensalmente, serão igualmente dadas informações sobre empresas cotadas em bolsa e sobre o mercado de emissão de títulos e operações de capital, sendo analisadas as aplicações em produtos financeiros e divulgados estudos sobre o funcionamento e organização do mercado de títulos.



Montepio Geral aprova Relatórios e Contas/85

Em 31.3.1986, a Assembleia Geral do Montepio Geral aprovou o Relatório e Contas do Conselho de Administração do Montepio Geral/Caixa Económica de Lisboa respeitante ao ano de 1985. Prosseguindo na execução de um plano delineado no sentido da diversificação dos campos de actuação e do reforço da solidez das Instituições, o MG/CEL, apresentou em 1985 um total de meios libertos de 1487 260 contos e um resultado líquido de 185 683 contos.

Apesar de todas as dificuldades que marcaram o ano de 1985 e de as taxas de crescimento da actividade se terem ressentido da estagnação/recessão da economia, foi possível ao Montepio Geral melhorar, ainda que ligeiramente, a sua posição no mercado, apesar do acréscimo e maior agressividade da concorrência. É de salientar o crescimento de 30% nos saldos de Depósitos à Ordem.

As dificuldades que continuam a ser levantadas ao alargamento do âmbito das operações autorizadas ao Montepio Geral impedem um aproveitamento mais completo de todas as suas potencialidades, mas tudo continua a ser feito, segundo a Instituição, para as ultrapassar e dar ao Montepio Geral a dimensão e importância que pode efectivamente ter nos sectores em que actua.

Éxito do escultor Pedro Croft em Madrid

Uma escultura do português José Pedro Croft foi considerada a melhor de todas as expostas no AR.CO., Salão de Arte Contemporânea, (Pintura e Escultura) a decorrer entre 10 e 15 de Abril, em Espanha, no âmbito da Feira Internacional de Madrid.

Os conceituados escultores, Solange Solano, de Espanha, e Kevin Power, inglês, foram autores, entre outros, das abalizadas opiniões sobre a obra do escultor português, a fazer sucesso em Madrid.

Lubritex em seminário



Decorreu, no dia 4 de Abril, no Novotel, um seminário organizado pela Lubritex, onde foi apresentada a orgânica da empresa, salientando a importância da rede nacional de vendas no êxito alcançado em 1985. Depois de uma retrospectiva da actividade no ano anterior, a Sistema, agência de publicidade da Lubritex, apresentou a campanha de apoio publicitário para 1986. Na oportunidade, que contou com a presença de Carlos Cruz, foi efectuada a entrega de prémios, aos coordenadores e consultores Lubritex, relativos às vendas em 1985, e no âmbito do acordo comercial com a empresa Ramirez e Raul, Ld.ª

Direita faz autocrítica

● **Adriano Moreira:** "Entre as coisas boas que Deus fez não se encontra o Estado"

Uma «carta surpresa» de Francisco Lucas Pires, dirigida ao presidente da mesa do Congresso, Francisco Gentil Martins, constituiu o elemento mais importante do primeiro dia do conclave centrista, que apesar do vigor da intervenção de Adriano Moreira e da agitação de bastidores, não deixa de estar marcado pelo «fantasma» da derrota eleitoral de 6 de Outubro. Ao longo de 22 folhas dactilografadas, Lucas Pires explica tudo o que se passou nos seus 250 dias de mandato.

É um documento importante que está muito longe de constituir um testamento político. Bem pelo contrário, aponta caminhos de futuro que são talvez os únicos possíveis para aquele partido. Particularmente duro para com o PSD, Lucas Pires faz a denúncia das condições em que os sociais-democratas pretendiam firmar com o CDS um acordo para a elaboração de listas conjuntas, deixando os centristas na mais obscura subalternidade. «Aquilo não era um acordo» mas «um acto de vassalagem», diz Lucas Pires, ao mesmo tempo que afirma que «é sempre preferível perder existindo, do que ganhar desaparecendo».

Sondagem por palmas

Com a missiva de Lucas Pires que, reconheça-se, trouxe ao Congresso uma dimensão política que provavelmente de outro modo lhe iria faltar, ficou a saber-se, finalmente, que foi devido ao temor do CDS de um fenómeno de antropofagia política que uma nova AD não surgiu em 6 de Outubro.

A carta de Lucas Pires introduziu novos dados nos trabalhos. Não estava no programa. Entre a sua não divulgação aos delegados, ou seja, ignorá-la, ou lançar mais um elemento eventualmente polémico, a mesa preferiu a leitura da carta.

Aliás, ela não poderia ficar no desconhecimento. Mesmo antes da sua leitura, já os jornalistas a conheciam. Mãos femininas, discretas, mas oportunamente, distribuíram pela sala de Imprensa o número de cópias suficiente para que ela se tornasse desde logo um importante documento político. Os delegados, esses só a tiveram quando muitas páginas já tinham sido lidas.

Que este documento não era inocente, e pode mesmo ser uma bomba ao retardador, viu-se pelas reacções. Um elevado número de delegados deu-lhe palmas. Pode dizer-se que a maioria. «Freitista» mais conhecidos, esses ficaram em silêncio.

Isto, juntamente com as reacções à intervenção anterior de Adriano Moreira, permitiu uma primeira sondagem, na base dos aplausos e dos silêncios, já que outra for-



Adriano Moreira toma lugar na mesa enquanto Morais Leitão se senta ao lado de Azevedo Soares



ma de apontar previsões não havia, de tal modo as coisas pareciam equilibradas e tão complexos eram os trabalhos de corredores.

Firmeza completa

«Firmeza completa» pediu Adriano Moreira ao Congresso, ao longo de uma intervenção por vezes bastante dura em relação àqueles que, na sua opinião, cuidam mais dos interesses pessoais ou de grupo do que dos interesses nacionais.

Adriano Moreira balizou a sua intervenção entre «a nova época que vamos viver» e o «interesse nacional». Quis apresentar-se, talvez, mais como homem de Estado do que como líder partidário.

Apelou a que o Congresso gastasse, utilmente, o seu tempo, excluindo todo o desperdício com as «questões dila-

tórias com que alguns poucos processualistas treinados usam procurar impedir que todos se debrucem sobre o fundamental».

Recomendaria ao Congresso que fosse de uma firmeza completa, «porque o primeiro exemplo que o País espera, de um partido que não tem a dimensão nacional que acredita pertencer-lhe, é a capacidade de apreender o essencial, sem o deixar esconder pela fantasia das guerrilhas, delapidando o tempo que não é apenas um capital nosso irrecuperável, é parte dos recursos que restam à comunidade portuguesa e que não podem ser desbaratados».

Adriano Moreira afirmaria que, «neste ano de 1986, como insistentemente vos tenho dito, se abriu uma página inteiramente nova na História portuguesa, sem precedentes em oito séculos de vida independente».

De Bíblia na mão

A Bíblia também foi chamada ao Congresso. Fê-lo ainda Adriano Moreira para lançar uma curiosa afirmação: «parece apropriado», disse, «num partido democrata-cristão, lembrar a Bíblia, e recordar que nela, entre as coisas que Deus fez e viu que eram boas, não se encontra o Estado. Esta foi obra humana para servir os homens, e por isso, porque somos personalistas, temos de começar por tentar entender e conduzir essa criatura que mostrou, em todos os tempos, uma perigosa tendência para se tornar independente do criador, para degenerar e inverter a relação de serviço».

Esta suspeição sobre a indisciplina e rebeldia do Estado face ao seu criador — o homem e não Deus, segundo Adriano Moreira — leva o dirigente centrista a interrogar-se sobre se «a sociedade civil não está a perder a capacidade de controlar a sua própria evolução, abandonando-se, dócil, aos factores externos e ao agravamento crescente da degeneração interna». Eis um conjunto de palavras de significado complexo e interpretação ampla. Mas Adriano Moreira procurou dá-la através da «doutrina social, premissa maior das nossas inquietações», devendo recordar-se a declaração de princípio do CDS, que se instituiu «para que os pobres deixem de ser pobres, uma lembrança que, curiosamente, tem sobretudo surpreendido alguns que dizem que a escreveram».

Assumindo com «total dignidade» o resultado das últimas eleições legislativas, o candidato a líder do CDS falou várias vezes na «refundação» do partido, sem que isto significasse «renegar o passado» mas antes sublinhando que este não deve ser «uma âncora» que impeça de partir para o futuro.

Das palavras aos actos

Ontem foi um dia essencialmente de palavras, mas sem decisões. Os apoiantes de,

Adriano Moreira e Morais Leitão pareciam divididos equilibradamente, embora para o fim da noite, as coisas pudessem inclinar-se para o lado de Adriano Moreira.

Durante a madrugada, depois do encerramento dos trabalhos uma madrugada que nem todos terão passado a dormir —, é natural que muitas coisas se tenham alterado, até porque estes Congressos do CDS são por vezes cheios de situações de «suspense»: o que parece definitivamente arrumado, altera-se de um momento para o outro.

De qualquer forma, haverá indicações bem claras hoje com a discussão dos estatutos. Quem levar a melhor deverá ter assegurada a maioria.

E uma matéria em relação à qual não se chegou a consenso, apesar de uma reunião (falhada) com esse objectivo.

Para já os confrontos são mais ao nível dos aplausos e da forma como cada um, estrategicamente, se coloca na sala. E é curioso observar quem se senta ao lado de quem, uma boa forma de ler este Congresso. Ou ver quem aplaude mais freneticamente, para complexar o vizinho.

Mas até agora este Congresso está a decorrer com uma dignidade que alguns previam pudessem ser afectada pela radicalização de posições. Não tem sido utilizado para hostilizar as restantes forças políticas, culpando-as de tudo, mas para um debate interno que parece sério. Pela primeira vez, a direita portuguesa está a pensar em si própria e a fazer uma autocrítica que lhe fazia falta.

Quanto a Morais Leitão, fez ainda ontem uma intervenção na qual disse não estar ali para recriminar ninguém, mas para falar daquilo que entendia ser a estratégia e a organização do partido.

«Este Congresso tem que vencer as crises e tem que vencer essas crises na emoção, no amor, mas também nas razões serenas e conscientes da escolha de quais são os melhores interesses do partido».

Augusto Vilela

Origem do CDS

Quase três meses depois do 25 de Abril, a 19 de Julho de 1974, 29 pessoas fundaram em Lisboa o partido do Centro Democrático Social (CDS).

Estavam entre essas pessoas 11 advogados, quatro engenheiros, dois economistas e licenciados em Farmácia, Medicina, História e Matemática.

Adelino Amaro da Costa, Basílio Horta, Diogo Freitas do Amaral, Morais Leitão, João Porto, Paulo Marques, Xavier Pintado e Vítor Sá Machado foram alguns dos fundadores do CDS.

Os dois principais dirigentes do CDS estão hoje, por razões diferentes, afastados do partido que fundaram: Adelino Amaro da Costa e Freitas do Amaral. O primeiro porque morreu no desastre de avião que vitimou Sá Carneiro e o segundo porque decidiu afastar-se do partido.

Dos fundadores do partido apenas um nome aparece hoje interessado na liderança, do CDS: João Morais Leitão, ao mesmo tempo que outros (casos de Basílio Horta, Machado e João Porto) preferem não se envolver demasiado.

Durante os primeiros tempos da sua existência, o CDS atravessou dificuldades que passaram, nomeadamente, por assaltos às suas sedes, contra manifestações e o sequestro do seu Congresso.

A própria publicação do Programa do partido foi a princípio recusado pelo «Seculo» e pelo «Diário de Notícias», mesmo na condição de publicidade paga, recordam hoje os centristas.

Em Abril de 1976 o CDS votou contra a Constituição e nas eleições presidenciais desse ano apoiou um homem que, mais tarde, viria a criticar inúmeras vezes: António Ramalho Eanes. Nas eleições para a Constituinte, o CDS obteve a sua pior

votação de sempre: 7,6 por cento dos votos e 16 deputados. Mas nas eleições legislativas de 1976 subiu consideravelmente a sua votação, obtendo 16 por cento dos votos e 41 deputados, tendo o número de deputados subido para 46 quando, a partir de 1979, o CDS concorreu integrado na AD.

Após o fim da Aliança Democrática, o CDS (já sob a liderança de Lucas Pires) não conseguiu melhor do que 12,56 por cento dos votos e 30 deputados nas legislativas de 1983 e 9,96 por cento dos votos e 22 deputados nas de 1985, constituindo esta a segunda pior votação do partido.

Quanto a coligações, o CDS fez a sua primeira associação com o PDC (liderado por Sanches Osório), mas esta coligação desfez-se ainda antes da Constituinte devido à ilegalização do PDC.

Em Maio de 1977, o CDS formou com o PSD a «Convergência Democrática», a que o PS recusou aderir, e que terminou em Dezembro desse ano, em vésperas da formação do segundo governo liderado por Mário Soares.

Em Janeiro de 1978, o CDS assinou com o PS um acordo de governo e 10 dos seus elementos integraram o segundo governo presidido por Mário Soares, empossado em 31 de Janeiro desse ano.

No ano seguinte, os democratas-cristãos assinaram com o PSD e o PPM o acordo de constituição da «Aliança Democrática», que ganhou as eleições intercalares de 1979 e formou desde então quatro governos, dois presididos por Sá Carneiro e outros dois por Pinto Balsemão.

A nível internacional, o CDS é membro da União Europeia das Democracias Cristãs e da União Democrática Europeia (partidos conservadores).

O CASO DA JOVEM VIOLADA PELO PAI

Carta aberta ao sr. Bispo de Aveiro

Noticiaram os jornais, recentemente, que uma menina de quinze anos engravidara em consequência de o próprio pai a ter violado. Por decisão judicial, a jovem foi submetida ao aborto. Logo apareceram vozes aflitas, a clamar pelo respeito à vida e outras noções a que vai faltando o conteúdo apropriado. De entre essas vozes, sobressai a sua, sr. Bispo, que, pela sua qualidade de presidente da Conferência Episcopal portuguesa, é a voz da igreja de Portugal. (1)

Estou mandatada, exclusivamente, pela minha tripla condição de mulher, de mãe e de cidadã. É ela que me leva a vir propor-lhe algumas reflexões, porque senti que o peso da existência se abateu, injustamente, sobre os ombros de uma criança a quem um empurrão fez entrar em contacto com uma realidade sórdida que irá marcar, com sinal negativo, o seu posicionamento futuro em relação a si mesma, em relação aos outros, em relação ao amor. Isto, na idade própria de bonecas que não de filhos. Na idade de descobrir a vida, a beleza, a harmonia, e de se preparar para lutar por elas. Brutalmente agredida no mais profundo de si mesma, sem, talvez, perceber por quê, mas sentindo, com certeza, que a agressão sofrida é a mais violenta que atinge uma mulher — ser forçada à prática do sexo, o que significa que o contacto sexual se não realiza como expressão privilegiada de uma relação livremente escolhida, a que chamamos amor, e que consitue um acto humano por excelência.

Esta foi a primeira agressão. Dela foi agente um homem. Sobreveio, porém, uma segunda, não menos violenta, por parte da sua própria natureza feminina. A mulher, como instrumento procriador da espécie, está, biologicamente, sujeita a engravidar, desde que fecun-

dada, independentemente das condições em que se dá a fecundação. E é aqui que me parece residir o nó do problema. De duas uma. Ou a mulher se resigna a instrumento passivo de ordem biológica, como qualquer animal, e, então, não há mulher, há fêmea. Ou, se há mulher, esta orienta o seu destino biológico em função do seu papel social.

É hoje comumente aceite que o Homem aconteceu ao inventar o primeiro gesto técnico. Técnica e Humanidade são, pois, indissociáveis, porque o homem se distanciou da sua condição exclusiva de animal, ao assumir a sua posse sobre a realidade envolvente, que transforma e, portanto, sobre as suas condições de vida. A grande constante histórica é, pois, a tentativa, sempre renovada, de domínio sobre a natureza. Embora os antropólogos não possam ainda dizer-nos muito sobre o que terão sido os começos dessa constante histórica, parece ser um dado adquirido que o equilíbrio entre a produção e a reprodução da espécie deve ter sido, desde o início, um problema grave, pelo que não é difícil pensar que o domínio da fecundidade é permanente, como tendência, ao longo da história dos homens. São, aliás, conhecidas práticas anticoncepcionais, desde a antiguidade.

Nos nossos dias, o domínio da fecundidade humana reveste-se de sentidos que ultrapassam os da sobrevivência estrita entre os quais avultam, na minha perspectiva, a humanização da actividade genética e a realização da mulher como ser social a parte inteira. Ressalvo, no entanto, que isto só é verdade para uma parte da população mundial.

Parece-me óbvio, e para ser breve, que a tomada em mão, pela espécie, da sua função reprodutora, constitui um salto qualitativo no processo de «hominização». Entre outros aspectos, a mulher deixa de sofrer no seu próprio corpo, apreendido, durante milénios, como uma armadilha, e passa a servir-se dele como instrumento de posse reflectida sobre o Mundo, e a maternidade passa a constituir um acto racional, com a força e a riqueza dum acto humano. Quanto ao filho, este ganha o estatuto de criatura amada e desejada desde a sua concepção e deixa de ser um mero acidente biológico que se sofre com mais ou menos resignação.

Para além destes aspectos da realidade social objectiva, porém, persiste um nível de análise

muito mais profundo, ao qual V. Excelência não poderá aceder. V. Extra, fato do que não conhece. Porque, não sendo mulher, não avalia a violência do ultraje que é uma violação — mesmo, sendo-o, suponho ser necessário sofrê-la para a entender. Porque, não podendo ser mãe, desconhece, por completo, o que significa transmitir a vida, e só esse conhecimento permite avaliar, aproximadamente, o que será senti-la interrompida dentro de nós.

Não pense, sr. Bispo, que uma mulher deixa que lhe matem um filho. Ela tem, por vezes, isso sim, de aceitar que a libertem dum acidente. É este o sentido mais profundo e corrente do aborto. Não se trata de um bem ambicionado, mas de um mal com vista a evitar males maiores. É isto que a Lei do Aborto consubstancia, aliás, bem modestamente, como é sabido.

Afirmou V. Excia., através dos meios de comunicação de massas a que tem acesso, o que aumenta prodigiosamente a sua responsabilidade, que a referida menina deveria «assumir a gravidez como forma de martírio». Permita

(Continua na pág. 10)



CHEGOU

A

MOVIGRUPO

CONSÓRCIO

Inscreva-se nas lojas dos

MÓVEIS PICA-PAU e

DARTY-MÓVEIS CONFIANÇA

ODIVELAS — R. Alfredo Ruas, 50-A — ☎ 9826054/58. Pedernais

LISBOA — Av. Almirante Reis, 125 — ☎ 530076

LISBOA — Est. Benfca, 174-176 — ☎ 780599

LISBOA — R. Luciano Cordeiro, 18-A — ☎ 521384

AMADORA — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 5-B — ☎ 4945691

MEM MARTINS — R. Chaby Pinheiro, 8 e 12 — ☎ 9217294

QUELUZ — Av. António Enes, 20-B — ☎ 952306

ALMADA — Av. 25 de Abril, 45 — ☎ 2769001

COVA DA PIEDADE — R. Conceição Sameiro Antunes, 13-B — ☎ 2754952

PAIVAS — Est. Nacional 10, Lote 30 — ☎ 2210067

BARREIRO — R. Dr. Manuel Pacheco, 92-A — ☎ 2077237

ALVERCA — Av. Capitão Meleças, 34-A — ☎ 2582403

V. F. XIRA — R. Alves Redol, 80-B — ☎ 24011

C. BRANCO — Av. Nuno Álvares, Bloco B, Letra G — ☎ 24741

PORTO — Av. da Boavista, 1092 — ☎ 697447

COIMBRA — Av. Fernão de Magalhães, 60 — ☎ 26185

FARO — R. Eça de Queirós, 2 — ☎ 27580

LOULÉ — R. Altaide de Oliveira, 18

SEM entrada

juros

EM 12, 24 OU 36

MESES

MINISTÉRIO DO TRABALHO E SEGURANÇA SOCIAL

Novas medidas incentivadoras do pagamento das contribuições em atraso à Segurança Social e ao Fundo de Desemprego

DECRETO - LEI n.º 20-D/86 de 13 de Fevereiro

Medidas excepcionais para permitir a regularização das dívidas acumuladas até 31 de Dezembro de 1985

Permitem:

Dispensa de Juros de Mora se pagar a totalidade da dívida até 18 de Maio de 1986

Poder fazer um Acordo de Pagamento nas condições seguintes:

Pagamento até 10 anos (120 meses)

6 Meses de moratória ou carência

Pagamentos em prestações mensais iguais ou progressivas

Juros vincendos à taxa de desconto do Banco de Portugal

Suspensão das execuções fiscais, após celebração do acordo

Única condição:

Mostrarem-se pagas todas as contribuições para a Segurança Social bem como as quotizações para o Fundo de Desemprego devidas a partir de Janeiro de 1986 (inclusivé) e daí em diante

Quem deve contactar:

Se for contribuinte de apenas 1 Centro Regional de Segurança Social, é aí que deverá dirigir-se

Se contribuir para mais de um Centro Regional, deverá contactar o Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social em Lisboa.

Informe-se sempre no seu Centro Regional de Segurança Social



SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA SOCIAL

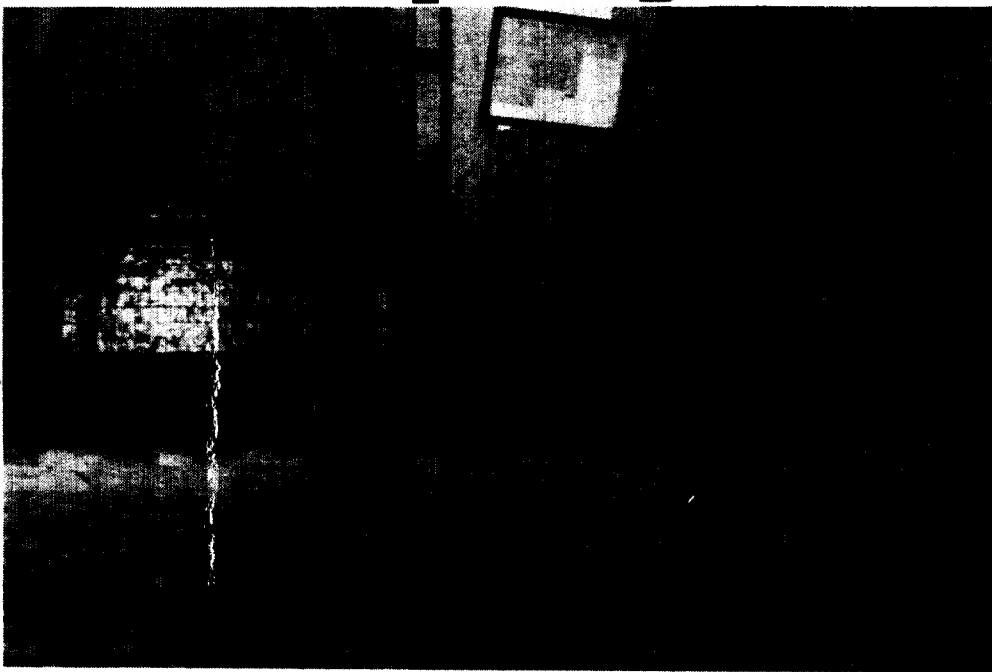
Incêndio em S. João Novo lançou alerta

"Estado de desastre" ameaça maioria dos tribunais portugueses

O Sindicato dos Magistrados do Ministério Público, o Sindicato dos Trabalhadores Judiciais, e a Direcção Regional da Associação Sindical dos Magistrados Judiciais Portugueses, em comunicado a que tivemos acesso, chama a atenção para «o agravamento constante das condições de segurança e de funcionamento da generalidade dos tribunais portugueses», apontando como exemplo mais recente, para este «estado de desastre», a situação vivida neste momento no Porto, a sequência do incêndio ocorrido no edifício de S. João Novo, correspondente ao Tribunal da Boa-Hora, em Lisboa.

«A instalação dos tribunais em edifícios degradados — refere o comunicado — é incompatível com a dignidade que se requer na administração da Justiça, para além de que, como é prática corrente no País, qualquer instalação provisória tende sempre a eternizar-se e a converter-se em definitiva (veja-se o que aconteceu em Paredes de Coura, onde, após o incêndio no tribunal local, há cerca de 5 anos, foi o mesmo instalado provisoriamente na casa de magistrados destinada ao Ministério Público onde ainda se mantém)».

Referindo-se concretamente ao que se passa no Tribunal de S. João Novo, os subscritores do documento lamentam o facto de «aparentemente não terem ainda sido tomadas as medidas necessárias conducentes ao retorno da sua actividade normal», repudiando a instalação, ainda em provisória dos serviços que nele funcionavam «em edifícios degradados ou que não permitam o exercício das funções judiciais com dignidade e segurança, bem assim como a eventual dispersão dos juízos e



serviços nele integrados por edifícios diversos».

Em sua opinião, «qualquer edifício provisoriamente escolhido para instalar parte dos Tribunais Criminais e Correccionais muito dificilmente oferecerá condições de segurança para albergar réus presos, nem sequer se vislumbrando como se poderá, a curto prazo, criá-las nesses edifícios». Por outro lado, «a existência de um único fotocopiador (velho e

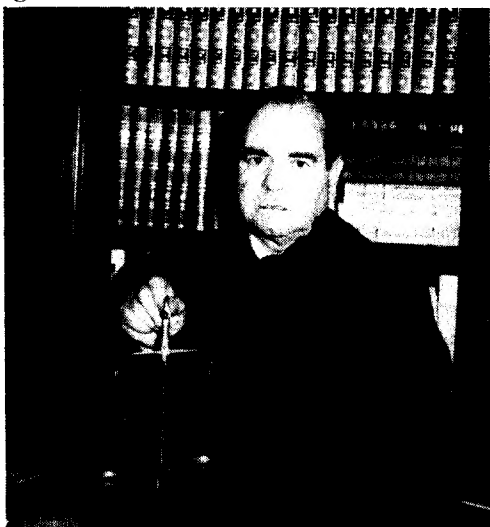
com avarias semanais) para todos os juízos, não permite a sua utilização simultânea por todos eles». Finalmente afirmam, a manutenção de alguns juízos no edifício de S. João Novo no decurso das obras de recuperação que eventualmente se pense fazer, impossibilitará o seu próprio funcionamento normal, quanto mais não seja por força do ruído e do pó provenientes de máquinas, materiais e trabalhadores».

Aquele abraço está marcado para a "Voz do Operário"

Solidariedade vai envolver Afonso Baptista de Carvalho

Manuel Geraldo

Uma comissão integrada por cidadãos oriundos de sectores da Jurisprudência, da Comunicação Social, da Associação de Inquilinos e das Letras e das Artes, bem como amigos e admiradores a título individual estão a preparar uma sessão de solidariedade para com o advogado Afonso Baptista de Carvalho, presentemente a viver uma fase particularmente difícil da sua vida. O almoço, já marcado para a «Voz do Operário», deverá ter lugar ainda este mês.



Afonso Baptista de Carvalho de toga e balança, mas afastado dos tribunais (Foto de Rui Pacheco)

Pertencendo, como pertence, à referida Comissão, na dupla qualidade de jornalista e de amigo pessoal de Afonso Baptista de Carvalho, sou levado a pensar, quando confrontado com o seu drama, que a expressão «na balança da justiça» nem sempre funciona apenas como mera figura de retórica. E quando desequilibrada, e por isso mesmo transformada na «balança da injustiça», pesa mesmo, não só na minha consciência individual, mas sobretudo na memória colectiva do País em que vivo. Assim sendo, pensamos que a Comunicação Social constitui um espaço privilegiado, porque vocacionado, para que o jornalista reflecta, e divulgue, um caso, um processo, que o marcou de forma profunda no seu afã profissional.

Desta vez, em causa está Afonso Baptista de Carvalho, 65 anos de idade, «advogado dos pobres» como se autodefine, gravemente enfermo, economicamente em estado de desespero, profissionalmente desgastado após uma suspensão temporal de seis meses a que foi sujeito pela Ordem da classe a que pertence, acusado

de ter posto em causa a verdade, às vezes até parece que «inquestionável», da Magistratura, enquanto defensor dos inquilinos «economicamente débeis» ameaçados de despejo. Falam por si as vezes sem conta em que gratuitamente esteve nessa qualidade nas barras dos tribunais e a voz que deu a inúmeros programas de Rádio, alguns de grande audiência, e os artigos que assinou, dedicados à problemática dos despejos e também do divórcio.

Quanto ao processo de desgaste do advogado Afonso Baptista de Carvalho, um dos raros, e mais antigos juristas portugueses especializados em Direito Internacional, ele ultrapassa o jornalista, para se reflectir na comunidade em que está inserido, tornando-o tão-somente como veículo destinado a desencorajar os que, leviana ou intencionalmente, poderiam pretender enterrar num qualquer epitáfio de circunstâncias o homem, cidadão solidário que dá pelo nome de Afonso Baptista de Carvalho.

Mas porque quem escreve, ou vive, reflectindo num espaço (País) marcado por profundas convulsões sociais e económicas, não deverá ser ainda assim apenas um pregoeiro de «más novas», aqui estou pois a deixar esta mensagem de esperança: Afonso Baptista de Carvalho não está só. Os amigos de sempre não o irão abandonar. A solidariedade, tal como escrevemos no início deste artigo, já está em marcha, transportando, em síntese, aquele abraço fraterno para o Afonso!...

Mário Castrim



N A última segunda-feira,

quando, pelo Parque Eduardo VII, passeava a minha asma pela trela, encontrei o meu amigo Véquio. Ótimo aspecto, andar firme, respiração uniforme, o cabelo bem escuro a demonstrar o bom funcionamento hormonal. Aquele abraço, pois claro.

— Olha a coincidência! — exclamo eu — Não nos vemos há anos e havíamos logo de nos encontrar hoje...

— Porquê? Fazes anos?

— Não, pá. Hoje é o dia mundial da saúde. Não sabias?

— Não sabia. Percebes, para mim dias mundiais da saúde são todos os dias.

É verdade. Estamos em presença de um caso notável de respeito pelos princípios salutaros.

Posso testemunhar pessoalmente. Nunca vi, por exemplo, agarrado a um copo, Deus me perdoe!, já não digo de uísque, mas de geropiga ou sequer de vinho verde conhecido pelas suas propriedades diuréticas. Para Véquio, álcool nem como desinfectante, pois nunca esteve doente. Ele é só água, aguinha, da pura.

O mesmo direi do tabaco. Leva a rejeição ao extremo de, em Cuba, nem tocar no charuto oferecido por Fidel. Mais: os seus amigos do peito foram sempre escolhidos entre os não fumantes. Exemplaríssimo! Quanto ao açúcar, a abstinência é total. Nunca provou sequer um pastel de Belém, com ou sem canela. Em sua memória não cabe a marmelada, caso único em Portugal.

Não passa um único dia sem fazer exercício físico. Nunca se serviu dos transportes públicos. Quando se desloca ao Porto, por exemplo, enquanto a família vai de avião, vai ele a pé. E chegam quase ao mesmo tempo!

O respeito pela saúde permite-lhe a extrema longevidade. Ele recorda-se da destruição de Ninive. Viajou com os fenícios. Piramidou no Egipto. Ouviu o Sermão do lago Tiberíades. Viu Portugal começar a ser construído por Afonso Henriques e a ser destruído pela RTP. Assistirá por certo ao nascimento do século XXX.

Longevidade será felicidade? Não sei. Mas não se pode ter tudo, raiois.

A alquimia transmitiu-se e galvanizou toda a sala

Fausto: o despertar do Coliseu

Fausto teve ontem no Coliseu o primeiro dos dois dias de festa que eram de esperar no seu regresso ao contacto vivo com o público lisboeta. Era o público maioritariamente jovem e vibrante, participativo e interessado, para quem o preço relativamente alto de um espectáculo ao vivo constitui um sacrifício compensador. E eles lá estavam, com alguns mais velhos pelo meio, todos em conjunto pedindo logo depois do intervalo que Fausto não esquecesse a «Rosalinda»... linda, linda.

A grande ausente, claro, foi a RTP que manteve a sua política de alheamento a um dos grandes valores da música popular portuguesa. E isto apesar de terem sido feitas diligências no sentido de que o espectáculo fosse gravado para posterior transmissão, como é óbvio.

Só que Fausto não é brasileiro, como todos nós sabemos e, portanto, não polariza os interesses «culturais» e comerciais que mais peso têm na nossa única e pública estação de televisão.

Ausência verificada (que não a da RDP e da Rádio Comercial, empenhadas como estiveram na divulgação e apoios, a outros níveis, a este espectáculo), Fausto teve a feliz ideia de contemplar a televisão portuguesa e os seus responsáveis com uma adaptação da parte final do «Coça barriga», afinal uma singela homenagem à obra que tão valorosamente têm vindo a concretizar em favor da cultura portuguesa e dos nossos valores.

Então a letra, na sua versão ontem cantada em palco por Fausto ficou como segue para que conste e os nossos leitores não contemplados com as virtudes do espectáculo, possam também usufruir de algum prazer:

*«Agora sou artista de fama
e programa
amanhã vou ao Coliseu
cá estou eu*

*Por cima da tua pantalha
a RTP de cangalha
não tem direito a ingresso
e eu hei-de fazer um sucesso*

*ela vai por uso e costume
enlouquecer de ciúme
vou-me rir muito,
vou gozar mais»*

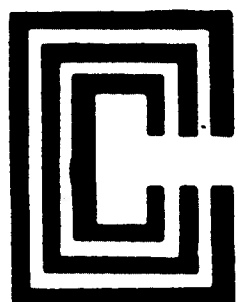
Sucesso

É claro que o público correspondeu plenamente a esta forma de desafio formulada pelo cantor, aliás bem na linha do que aquela canção contém de crítica e uma certa acrimónia relativamente ao nosso país, à nossa organização social e aos valores entre nós dominantes (e os responsáveis e coniventes estão bem sugeridos nas palavras que canta e diz).

A expectativa quanto a esta série de dois espectáculos de Fausto no Coliseu traduziu-se logo aos primeiros acordes, com um belo efeito visual em fundo, por entusiástico apoio de toda a assistência, como se houvesse o sentimento geral de que este é o tipo de cantor que precisa de estímulo para dar o seu máximo, conquistar em palco todas as suas virtualidades.

E foi assim que rapidamente Fausto se deu à assistência, se cruzou entre ele e o vasto Coliseu aquela como que cumplicidade que propicia os maiores e mais belos espectáculos.

Com alguns «senões», aliás previsíveis, como foi o caso das condições acústicas no que se refere às intervenções por parte da Orquestra da RDP e da sua própria localização no amplo palco do Coliseu. Uma pena afinal, tendo em consideração a boa vontade demonstrada pelos seus responsáveis.



CAIXIPRATA, LDA.

COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE ALUMÍNIOS, LDA.

**MARQUISES E CAIXILHARIA
EM ALUMÍNIO ANODIZADO**

LISBOA • C. CAPARICA • ALGARVE

**ORÇAMENTOS
GRÁTIS**

ESCRITÓRIO E SALÃO DE EXPOSIÇÃO:
73 08 16 • 76 13 43 • 76 00 66

TEL:

FÁBRICA:

431 44 22 • 431 39 53

Uma das apreensões em "dossiers" de música

Quinze quilos de cocaína apreendidos no aeroporto

Funcionários alfandegários do Aeroporto de Lisboa prenderam nos últimos quatro dias cinco indivíduos com um total de 15.910 quilos de cocaína no valor de mais de 318 mil contos. Um informador da Direcção-Geral das Alfândegas disse tratar-se da maior apreensão registada este ano em Portugal.

Funcionários alfandegários detectaram na quinta-feira dois turistas estrangeiros, um italiano e outro argentino, provenientes de um voo de S. Paul, Brasil, cujo comportamento se afigurou suspeito.

Os dois turistas, segundo o mesmo informador, foram submetidos a uma revisão, tendo sido detectado que cada um deles tinha 3.600 quilos e 3.620 quilos de cocaína.

Na ocasião, os mesmos funcionários alfandegários de serviço no Aeroporto de Lisboa, suspeitaram de um outro cidadão estrangeiro, de nacionalidade belga, passageiro de um voo comercial proveniente de Caracas e com destino a Portugal.

Feita uma revisão geral, foi encontrado em capas de "dossiers" de discos de música, 5.960 quilos de cocaína.

O mesmo informador acrescentou que os dois primeiros turistas pretendiam seguir para a Dinamarca e o destino do terceiro era Portugal.

Os funcionários da Alfândega do Aeroporto de Lisboa no início desta semana registaram mais duas apreensões de cocaína com o peso total de 2730 quilogramas no valor de 54 600 contos.

As apreensões de cocaína de segunda a quinta-feira no Aeroporto internacional de Lisboa totalizaram 15 910 quilos no valor total de 318 600 contos.

Os cinco turistas estrangeiros mais a droga apreendida foram entregues pelos funcionários da Alfândega à Polícia Judiciária.

Segundo "arrependido" continua a falar em Monsanto

Até faz pena ouvir o réu Angelo Benevides

O segundo «arrependido» do julgamento das «FP-25» no Tribunal de Monsanto, Angelo Benevides, manifestou na sessão de ontem um quase total desconhecimento das actividades da organização, em cujo desmantelamento se diz interessado.

O réu apenas identificou dois indivíduos, como pertencendo às «FP-25», António Baptista Dias e Suzette Ribeiro, fugidos respectivamente da Penitenciária de Lisboa e da cadeia das Mónicas.

Acerca das acções imputadas às «FP-25», o réu afirmou conhecer apenas os relatos dos jornais e só saber que eram da organização ou da sua autoria, quando reivindicadas por esta.

As recuperações de fundos — disse Angelo Benevides, que afirmou ter pertencido a OUT, FUP e JAR — «não serviram para nada de palpável».

Foi esta a justificação do réu para declarações suas à Polícia Judiciária, segundo as quais

«tinha verificado, ao longo do tempo, que se praticavam actos criminosos, com pretextos políticos, fazendo crer que eram em proveito dos trabalhadores, mas eram apenas em proveito de alguns, que dirigiam a organização».

Acerca da JAR, o réu disse ser uma organização que não era nem autónoma, nem de juventude, pois era totalmente controlada pela FUP.

«Os dirigentes da JAR eram dirigentes da FUP», afirmou o réu, que acrescentou ter havido demissões da organização por causa disso.

Angelo Benevides foi um dos 28 elementos da JAR que visitou a Líbia, onde disse ter con-

tactado com jovens de raça negra de Moçambique e da Tanzânia que ali faziam treino militar.

Embora não fornecesse dados concretos que justificassem a sua afirmação, o réu repetiu várias vezes estar ciente que as «FP-25» eram a componente fechada de um projecto, que tinha a FUP como braço legal.

O réu, que se desligou formalmente da FUP no congresso deste partido no Vimeiro em Março de 1983, disse que começou a afastar-se da organização a que afirmou pertencer a partir das «complicações que teve com a casa de Esmoriz».

Esta casa teria sido alugada, em nome do réu, para servir de dormitório a outros indivíduos da organização e acabou por funcionar como base da operação falhada do jardim do Carregal no Porto, em Fevereiro de 1983, refere a acusação.

Carta ao Bispo de Aveiro

Continuação da pág. 7

que lhe recorde que se trata da concepção de V. Excia. perfilha de martírio e de maternidade. Segundo a minha, para martírio, bem lhe basta o que lhe aconteceu. Quanto à maternidade, estão revolutos os tempos dos «Conceberás e parirás na dor».

Mas, o que passa a constituir um problema novo, como se tudo isto já não bastasse, é que, ao anatemizar a interrupção desta gravidez, V. Excia., curiosamente, e, de certo, por lapso, sanciona, de modo indirecto, a prática do incesto, prática que de um modo geral, as sociedades organizadas, mesmo as mais primitivas, sempre proibiram. Repare que, para V. Excia., é ponto assente e dentro da mais estrita moral social, que, dentro de nove meses, deveria nascer uma criança — futuro homem ou mulher, filho do seu próprio avô. Não sei o que mais admirar, se a irresponsabilidade se o fari-saísmo.

Apenas uma pergunta: gostaria V. Excia. de que constasse semelhante informação da sua cédula pessoal?

Chama-se a isto defender a vida. É tempo,

sr. Bispo, de se reverem conceitos, para não andarmos às arrecuas. À luz das ciências físicas e biológicas, e também à luz das ciências do homem, de que uma parte da igreja não desdenha, como sabe.

Porque, para o homem, a vida não se reduz à existência animal. Porque, para que, nele, o homem seja cada vez mais homem, ele tem que percorrer os caminhos que fazem progredir e rejeitar as sementes de morte contidas nas posições conservadoras. Tem que acreditar na solidariedade, na tolerância e no amor, que são valores estruturantes da mensagem evangélica de que V. Excia. se reclama.

Há-de o sr. Bispo desculpar-me, que parece que estou a ensinar o Padre-Nosso ao Cura. É que há curas que, ou não aprenderam, ou já se esqueceram dele.

(1) Esta é, no entanto, também, a do sr. Bispo de Setúbal, capaz de elevar contra a injustiça da pobreza provocada.

Bárbara Lopes

Apelo vem da Penitenciária de Coimbra

Direitos ao amor reclamado por reclusos

O direito ao amor nas cadeias portuguesas foi ontem reivindicado por um grupo de nove reclusos da Penitenciária de Coimbra, em carta enviada à Anop.

Os presos que pedem o anonimato para evitar represálias, segundo afirmam, consideram que, se tal direito existisse, evitar-se-ia «a destruição de famílias, a homossexualidade crescente e traumas psíquicos devido à privação de uma função essencial ao ser humano».

Os reclusos protestam ainda «contra a estada permanente, alguns há mais de três anos, de presos no subterrâneo do estabelecimento, que tinha sido considerado impróprio após o 25 de Abril».

Os salários de 50 escudos diários, pela produção executada por eles nas oficinas da cadeia «constituem o escravismo moderno e dão altos lucros ao estabelecimento».

Os presos protestam ainda contra «o modo como funcionam as visitas de familiares, em mesas larguíssimas e sempre superlotadas, que impedem qualquer proximidade afectiva e o mínimo de intimidade já que têm de falar aos gritos».

Incêndio destruiu armazém de vinhos no Funchal

Um incêndio destruiu ontem no Funchal os dois andares de um edifício pertencente a uma firma de vinhos e foi talvez devido a um curto-circuito — disse um informador dos bombeiros.

O fogo começou no escritório existente no primeiro andar da firma João da Corte, na Rua de Santa Maria, em plena zona velha do Funchal, a poucos metros da Igreja do Socorro. As chamas surgiram depois do encerramento das instalações às 17.00 horas.

Densos rolos de fumo preto elevaram-se sobre a atmosfera da capital da Madeira provenientes da combustão de garrafas vazias, fardos de algodão, mobiliário e vimes utilizados para empalhar garrafas.

Três dezenas de elementos dos Bombeiros Voluntários madeirenses e Municipais do Funchal apoiados por seis viaturas pronto-socorro combateram o incêndio que poluiu a baixa do Funchal.

Uma fonte dos bombeiros disse que as corporações enfrentaram dificuldades para chegar ao local devido ao trânsito e ao facto de a zona estar em parte encerrada ao movimento de veículos.

Uma multidão afluíu à área do sinistro curiosa pela ocorrência, a segunda do género que desde há quatorze anos se verificou no quarteirão.

O anterior incêndio deu-se num armazém de vimes. Os prejuízos, calculados em milhares de contos, estão cobertos pelo seguro, segundo declarou o proprietário da firma.



SINDICATO DOS TRABALHADORES TÊXTEIS
LANIFÍCIOS E VESTUÁRIO DO SUL

CONVOCATÓRIA

CONTINUAÇÃO DA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Conforme decisão da Assembleia Geral Ordinária do dia 31/3/86, que foi interrompida, convoco nos termos Estatutários todos os AssOCIADOS para o dia 17/4/86 pelas 14h30, para dar continuidade à respectiva Assembleia Geral Ordinária, mantendo-se a mesma ORDEM DE TRABALHOS:

- 1 — Apreciar e deliberar sobre o Relatório e Contas do Exercício do ano de 1985
- 2 — Informações

NOTA: Não há 2.ª Convocatória pelo que a Assembleia reúne com qualquer número de sócios à hora precisa.

Lisboa, 9/4/86

A MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
Manuel Correia Lopes



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP-Electricidade de Portugal-EP, Centro de Distribuição Santarém, a que se refere o processo n.º 1/1122, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia de Vale da Pinta, concelho do Cartaxo, de uma linha a 15 Kv, com 407 metros, do poste n.º 16 da linha para o PT CTX 62 da Quinta da Caneira ao PT CTX 35C da Central Elevatória de Vale da Pinta dos Serviços Municipalizados da CM do Cartaxo.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser apresentadas na referida Direcção de Serviços Regional, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 19 de Março de 1986

O Engenheiro Director de Serviços,
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

MAIS UM PRÉMIO GRANDE
6918 = 10 MIL CONTOS
Vendido pelos
TRAVASSOS
Enviamos jogo pelo correio. Pedido para
Apartado 2038-1101 LX-CODEX
(guarda-se sigilo)

SABE QUE O ALCOOLISMO É UMA DOENÇA?

É uma doença que mata! Se quer saber mais sobre o problema, venha assistir a uma reunião dos

ALCOÓLICOS ANÓNIMOS

2.ª 4.ª 6.ª as 19 horas
Trav. do Corpo Santo, 32

Lobo Antunes: vencedor com reservas...

Lobo Antunes, com o livro «Auto dos Danados», foi o vencedor do Grande Prémio do Romance e Novela da Associação Portuguesa de escritores 1985, no valor de mil contos.

A divulgação oficial da atribuição deste prémio foi feita ontem à tarde num hotel de Lisboa, durante uma conferência de imprensa dirigida por David Mourão Ferreira, presidente da direcção da APE, e com a presença do secretário-geral do Grande Prémio, Carlos Eurico da Costa, e dos cinco membros do júri sobre quem recaiu a responsabilidade da escolha da obra premiada.

A cerimónia da entrega do prémio vai realizar-se em Tróia, no próximo dia 27, tendo já confirmado a sua presença o Presidente da República, Mário Soares, o ministro da Cultura e a secretária de Estado da Cultura.

Mas até lá muita tinta correrá certamente, pois a atribuição do prémio foi, este ano, muito mais polémica do que o habitual.

Reservas e pedagogia

Ontem os cinco membros do júri — Álvaro Salema, Carlos Reis, Manuel Gusmão, Paula Morão e Maria Glória Padrão — leram perante os jornalistas as suas declarações de voto. E aí surgiu a surpresa e até a perplexidade: aquilo não parecia a entrega de um prémio, mas antes a entrega de uma condenação.

Claro que os membros do júri não estão de acordo com esta interpretação, mas a verdade é que se o regulamento não obrigasse a uma maioria de quatro quintos o prémio, tudo o indica, não seria atribuído a Lobo Antunes. O que resulta da leitura das declarações de voto é uma

extrema dificuldade dos membros do júri em chegar a um consenso, tendo-se verificado que Maria Glória Padrão defendeu até ao fim a não atribuição do Prémio, chegando a dizer que «a um júri compete também exercer um certo ofício pedagógico como indicador idóneo de qualidade junto da opinião pública, sempre incompatível com a teoria cómoda e fácil de 'o mal o menos'».

É certo que esta posição de Maria Glória Padrão surge isolada, uma vez que os outros quatro membros do júri assumem aberta e frontalmente a decisão e consideram que «Auto dos Danados» tem qualidade suficiente para lhe ser atribuído o Grande Prémio. Porém, não é menos certo que da leitura das declarações de voto surge evidente a afirmação de que a produção literária de 85 foi mediana, não tendo aparecido nenhuma obra excepcional. Resta agora saber se é obrigatório que um Grande Prémio seja atribuído apenas a uma obra de grande qualidade...

O curioso é que dois dos membros do júri — Manuel Gusmão e Paula Morão — apontam o livro «Um Falcão no Punho», de Maria Gabriela Llanos, como o grande livro de 85. Manuel Gusmão classifica-o mesmo de «admirável, fascinante e comovedora fala mínima, uma pequena música de câmara sobre terra da criação». Porém, «Um Falcão Sobre o Punho» — cuja qualidade não sofre contestação de nenhum membro do júri — não corres-



pondia, em termos de género, ao que o regulamento do prémio aponta, uma vez que se concluiu tratar-se de um diário e não de um romance ou novela. Mas

também aqui o regulamento foi zurrado — e uma das conclusões a que se pode (pode) chegar é a de que o regulamento tem de ser, deve ser, alterado. Carlos Eurico da Costa, de resto, disse que todas as sugestões feitas foram tomadas na devida conta e em breve a Direcção da APE e a Comissão Executiva do Grande Prémio irão estudar a questão.

De qualquer modo o prémio

foi atribuído e o mínimo que se pode dizer — e como acabou por aceitar Manuel Gusmão — é que «Auto dos Danados» foi premiado... com reservas, embora o júri assumisse plenamente a decisão, considerando ser preferível atribuir o prémio do que não o atribuir. Digamos: isso seria um erro maior...

Por fim: o júri negou formalmente que o romance premiado tenha sido «repescado ou excluído numa primeira fase e depois recuperado», como chegou a ser noticiado no último fim-de-semana. Na verdade, tudo leva a crer que tal «notícia»

não passou de mera especulação: resta saber agora quem esteve na sua origem.

Mais uma nota apenas: apesar da controvérsia que a decisão do júri possa vir a provocar, um mérito ninguém lho pode tirar: a decisão foi tomada à margem de quaisquer pressões de editores ou autores. Como Maria Glória Padrão afirmou, corroborada de resto por David Mourão Ferreira e Manuel Ferreira (este escritor encontrava-se entre a assistência, onde foi notada a ausência generalizada dos escritores deste País), «nesse aspecto, pelo menos, o júri não é vulnerável».

Abelaira e Mário Ventura comentam decisão do júri

Esta manhã tentamos ouvir Lobo Antunes para conhecer a sua reacção face às declarações de voto do júri que lhe atribuiu o Grande Prémio do Romance e da Novela, na verdade não muito lisonjeiras. Lobo Antunes, porém, não se encontrava em casa nem no Hospital Miguel Bombarda onde continua a exercer a sua profissão de médico.

Falámos contudo com Augusto Abelaira e Mário Ventura Henriques, dois escritores cujas obras «O Único Animal Que?» e «Vida e Morte dos Santiagos» (respectivamente) estiveram na berlinda e são igualmente referidas nas declarações de voto de vários membros do júri.

Abelaira, a propósito da afirmação generalizada de que a produção literária de 85 se ficou pela mediania, disse apenas:

«Se a produção literária do ano passado foi boa ou má é difícil saber, mas o júri assim o entendeu e eu não tenho nada com isso. O próprio júri, acerca desta opinião, será julgado no futuro».

Quanto ao facto de Maria Glória Padrão ter votado no seu livro apenas porque era obrigada a escolher um livro

e não porque achasse que deveria ser premiado, tendo chegado a afirmar na sua declaração: «Que me desculpe o Abelaira se entender que o seu livro foi nomeado com mau uso, se entender que foi usado por estrangulamento», Abelaira, com uma ironia indisfarçável, comentou tão-somente:

«Não entendi bem a última frase da Glória Padrão, mas de qualquer modo está desculpada».

Mário Ventura Henriques, por seu lado, fez este curto depoimento:

«Um prémio literário devia servir para unir a classe literária e não para a dividir, como tem vindo a acontecer com o Prémio APE. Isso terá algo a ver com as exigências do regulamento, assim como com a publicidade especulativa feita à sua volta com os efeitos negativos já conhecidos».

«Quanto às opiniões dos críticos que constituem o júri, tomam-se pelo que valem. Como se sabe, e não se percebe porquê, os críticos são os únicos agentes culturais que não estão sujeitos a crítica, o que seria normal se tivessem sempre razão. Mas não têm, como é óbvio».



TEATRO ESTÚDIO DE LISBOA APRESENTA NO
TEATRO

VASCO SANTANA
ENTRECAMPOS
FEIRA POPULAR

CESÁRIO QUÊ?

TEXTO E ENCENAÇÃO DE:
LUZIA MARIA MARTINS
CENOGRAFIA DE FERNANDO
FILIPPE ACTORES POR ORDEM
DE ENTRADA EM CENA: FER-
NANDA MONTEMOR • CARLOS
SANTOS • CLARA JOANA •
HELENA FÉLIX • LUISA ORTI-
GOSO • FERNANDA COIM-
BRA • JOÉ BRAS • VITOR HUGO •
MANUEL MENDONÇA • PEDRO
PAIVA

Terça a sábado às 21.30
Domingo às 16

1.º ACTO CLUBE DE
TEATRO
marginalizados
apresentam
O NOIVADO
no DAFUNDO
de
ALMEIDA GARRETT
O ILUSTRE
CONFERENCISTA
de
ROQUE e LYRA
PALACIO ANJOS - ALGÉS

**ESTREIA
HOJE**

Sub CMO/JFC



Angelo Beolco

Falatório do Ruzante





Aspecto do plenário dos camionistas TIR em Alverca

Trabalhadores dos TIR: 26 por cento de aumento

Os trabalhadores do tráfego internacional, filiados na FSTRU, e que desde o passado dia 31 de Março se encontravam em greve, obtiveram um aumento percentual de 26 por cento, tendo, por isso, retomado o trabalho.

As conversações mantidas entre a Federação Sindical e a ANTRAM possibilitaram, também, aumentos salariais de 18,4 por cento para os outros trabalhadores do sector. As negociações, realizadas no Ministério do Trabalho, contemplaram, ainda, a exigência da «chaufage» de parque — sistema de aquecimento autónomo do funcionamento do motor para a cabina —, bem como a manutenção da categoria de ajudante de motorista. Recordar-se que, neste último caso, a ANTRAM tinha apresentado uma proposta no sentido de abolir a médio prazo aquela categoria.

No entanto, ficaram ainda dependentes das conversações que vão prosseguir entre as duas

partes, questões como o montante das ajudas de custo a pagar aos trabalhadores em deslocação, o valor do subsídio de alimentação e do pagamento de quilometragem.

O fim da greve foi decretado, como ontem o «DL» noticiou, por plenários de motoristas realizados em Vilar Formoso e no terminal TIR de Alverca, tendo os camiões concentrados junto do posto fronteiriço partido para os seus destinos, a partir das 11 e 30 de ontem, em grupos de seis, intervalados em cerca de dez minutos. Em Alverca, a regularização da situação ocorreu às 14 horas, com a saída dos camiões nacionais e estrangeiros que ali estavam estacionados.

«Barreto revoga despachos reservatários mantêm terra»

● UCP's mantêm acusações sobre gado de S. Brás do Regedouro

O «caso» do gado da UCP S. Brás do Regedouro está a dar que falar no distrito de Évora e em toda a zona da Reforma Agrária, convergindo para o «DL» posições distintas entre o Secretariado das UCP's/Cooperativas Agrícolas do Distrito de Évora e Duarte d'Prey Manoel, sobre a sua propriedade. O Secretariado das UCP's daquele distrito afirma numa carta que nos enviou, pretender «repor a verdade dos factos» perante os leitores deste jornal, e fá-lo nos termos seguintes.

«Publicou o jornal de que V. Ex.^a é director uma carta do Senhor Duarte d'Orey Manoel que pretende ser uma resposta à conferência de imprensa deste Secretariado onde, entre outros assuntos, se tratou do já célebre caso de usurpação de gado da UCP's S. Brás do Regedouro.

Com o objectivo de repor a verdade dos factos perante os leitores desse jornal, sente-se este Secretariado na obrigação de solicitar a V. a publicação do comentário que segue:

1. Em 20 de Julho de 1981, os Herdeiros de Ana Maria de Sousa Holstein Beck receberam uma reserva conjunta de 700 ha e 109.344,5 pontos, das quais 454,3 ha na Cooperativa acima referida.

Nessa altura, juntamente com a área de terra receberam 295 cabeças de gado bovino e 311 de gado suíno para além de várias máquinas e alfaías.

Esta reserva foi-lhes atribuída com base num parecer jurídico elaborado em 5/3/79 pelo Sr. Dr. António Barbosa Correia, técnico jurista da Direcção Regional da Agricultura do Alentejo/SGEF de Évora, que considerou que os herdeiros, de

acordo com a lei, eram «contitulares da herança indivisa» e, portanto, teriam somente direito a uma reserva conjunta.

2. Mas em 26 de Julho de 1983 o mesmo jurista, agora já como chefe de Divisão e Coordenador do Gabinete Jurídico mas sempre como instrutor do mesmo processo, conseguia fazer outra análise e já entendia que os herdeiros fossem tratados separadamente propondo a atribuição de mais duas reservas separadas.

Na sequência de tal parecer, em 20/11/84 e 8/5/85 foram entregues pelo MAP, na área da UCP S. Brás do Regedouro mais duas reservas, respectivamente de 619,3 ha e 525,7 ha.

Com a reserva entregue em 8 de Maio receberam os herdeiros mais 14 vacas, 17 anojas, 613 ovelhas e 57 carneiros. Em relação ao gado que o MAP, com um cálculo de encabeçamento ilegítimo e exagerado, pretendia entregar em 20/11/84, a reservatária, a herdeira Helena Maria de Sousa e Holstein Manoel fez doação dele à Sociedade Batencil, de que ela é sócia maioritária com 60% de capital, conforme documentos juntos ao processo.

3. Por sua vez, a Sociedade Batencil, em 19 de Novembro — portanto antes da demarcação da segunda reserva e não

depois como, mentirosamente, afirma o Sr. Duarte d'Orey, celebrou, com reconhecimento notarial, e através do seu sócio-gerente com poderes para o acto, um contrato de compra e venda do gado ovino (671 cabeças) com a UCP, pelo qual esta pagou 5.368.000\$00 e a Cooperativa entregou à Sociedade 30 cabeças de gado bovino, conforme documentos existentes no processo e nos quais o sócio-gerente da Batencil declarou que todo este gado é o mesmo que estava atribuído à reserva da herdeira Helena Maria.

4. Por isto mesmo, perante os factos e documentos, em 20/11/84 os funcionários do MAP destacados para o local não efectuaram a entrega do gado ovino (nem o bovino, obviamente) continuando aquele na posse da UCP, não como fiel depositário, mas como seu proprietário, como aliás consta da acta, onde não existe qualquer referência à expressão «fiel depositário» como inventa o Sr. Duarte d'Orey.

5. Entretanto, como uma parte dos herdeiros discordasse daquele negócio legítimo promoveram diversas diligências junto do MAP, para que estes retirassem o gado à UCP e lho entregassem de novo, o que escandalosamente aconteceu no passado dia 14 de Março.

Para isso, contavam e contavam com a prestimosa colaboração do citado Dr. Barbosa Correia, que além de jurista do MAP e, nessa qualidade, instrutor do processo era advogado particular da família, conforme também documentos comprovativos e bem explícitos.

Aliás, estavam todos tão à vontade neste subterrâneo mundo da ilegalidade e da corrupção que o Dr. Barbosa Cor-

reia até se descuidou de fazer uma carta onde lembra o «meu contributo que a nível oficial tive a honra de prestar na aplicação da Lei da Reforma Agrária».

6. Aliás, é caso para se perguntar: se fosse tudo tão legal e correcto, como pretende o Sr. Duarte d'Orey porque razão é que, por exemplo o citado jurista do MAP foi já suspenso por tempo indeterminado?

7. A verdade é que estamos perante mais um caso claro de ilegalidade e corrupção profunda que, aliás, já está a ser investigado, pela Alta Autoridade Contra a Corrupção, foi alvo de uma intervenção e protesto inédito da Comissão Parlamentar da Agricultura junto do Gabinete do ministro e só pode ser resolvido com a devolução do gado ou indemnização à cooperativa e punição dos responsáveis e intervenientes em todo este escabroso processo.

A verdade é que os Herdeiros da Família Holstein Beck continuam a ter hoje como há anos e séculos atrás, problemas de partilhas e divergências sobre quem abocanha a maior fatia do bolo e pretendem resolver isso, hoje como sempre, à custa dos trabalhadores e contando com o apoio dos seus dignitários colocados em altos lugares do aparelho do Estado, Estado de quem se pretendem continuar a servir o seu bel-prazer.

Só que se esquecem de que, apesar de tudo, ainda estamos num regime democrático e num Estado chamado de direito e que os cidadãos e instituições deste país podem e devem hoje, sem receio de serem presos, denunciarem as muitas irregularidades e tramóias que envolvem escandalosamente este e muitos outros processos da Reforma Agrária.

«Abecasis anunciou reactivamento do projecto do Luna Park»

● um esclarecimento de Pestana Bastos

Relacionada com a publicação de uma notícia sobre o reactivamento do Luna Park recebemos do presidente do Conselho de Gerência do Metropolitano de Lisboa, José Manuel de Sousa Pestana Bastos, um pedido de esclarecimento que, ao abrigo da lei de imprensa, publicamos de seguida.

No contexto da notícia e na sua última coluna, diz-se: «Por fim, em Setembro do ano findo, a APU apresentou uma queixa-crime à Alta Autoridade Contra a Corrupção, na qual são visados Nuno Abecasis e um ex-gestor do Metro». Considerando que em Setembro passado vários meios de Comunicação Social noticiaram que os vereadores da APU na Câmara Municipal de Lisboa iriam solicitar oficialmente à Alta Autoridade Contra a Corrupção o alargamento das suas averiguações à actuação do presidente Krus Abecasis, na questão do Luna Park e nas relações deste caso com o «escândalo da compra de terrenos pelo ML»;

Que pela altura, igualmente os meios de Comunicação Social abundantemente noticiaram a suspensão do exercício das funções do presidente do Conselho de Gerência do Metropolitano de Lisboa, EP, poder-se-á concluir da vossa supra citada notícia, a que me reporto, que o ex-gestor será o signatário, coevo presidente do mesmo Conselho de Gerência. Por isso, tal notícia é errónea. Em consequência, cumpre-me esclarecer o seguinte:

1. Desconhece-se que a APU tenha apresentado qualquer queixa-crime contra qualquer ex-gestor do Metropolitano de Lisboa;

2. Desconhece-se igualmente que a APU tenha apresentado qualquer queixa-crime contra qualquer gestor

do Metropolitano de Lisboa.

3. O titular do cargo de presidente do Conselho de Gerência do Metropolitano de Lisboa, EP continua a ser o signatário, José Manuel de Sousa Pestana Bastos, apesar de ter sido suspenso nos precisos termos do despacho conjunto publicado no «Diário da República» II série n.º 226, de 1 de Outubro de 1985, até à conclusão do inquérito então em curso, e com vista tão-somente a facilitar as averiguações em curso, não suscitar questões de suspeição e propiciar a cristalinidade das conclusões;

4. Todos os actos de compra e venda foram discutidos e deliberados por unanimidade do plenário do Conselho de Gerência, com participação de todos os seus membros;

5. Apesar de continuar suspenso, nunca fui ouvido pela Alta Autoridade, o que materializa desrespeito e incumprimento do preceituado no n.º 1 do Art.º 6 do Decreto-Regulamentar 3/84 de 12 de Janeiro;

6. Nunca fui ouvido pela Polícia Judiciária;

7. Igualmente ainda não fui ouvido pelo juiz de Instrução Criminal, apesar de o ter requerido em 3 de Janeiro p.º p.º;

8. Nunca fui criticado, formal ou informalmente, pela tutela a que a empresa se encontra sujeita;

9. Nunca fui notificado para responder ou me defender de qualquer acusação de qualquer natureza;

10. Considerei e continuo a considerar correctas as referidas deliberações do Conselho de Gerência, atendendo aos circunstancialismos de tempo, modo e lugar que as antecederam e rodearam.

ANTIPOL

ASSEMBLEIA GERAL

ORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

É convocada para o dia 28 de Abril de 1986, na sede social em Lisboa, Rua Nova de S. Mamede, 27-2.º Esq.º, a Assembleia Geral Ordinária desta Sociedade, pelas 17,00 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º — Discussão e votação do Relatório do Conselho de Administração, Balanço, Contas e Parecer do Conselho Fiscal;

2.º — Eleição dos Corpos Gerentes para o triénio 1986/1989;

3.º — Outros assuntos de interesse para a Sociedade.

Lisboa, 09 de Abril de 1986

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral (Monte Verde, Lda. — Representada pelo dr. João Manuel Nogueira Jordão Cortez Pinto)

EDITORIAL RESISTÊNCIA, SARL ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA CONVOCATÓRIA

É convocada para o dia 28 de Abril de 1986, na sede social em Lisboa, Rua Nova de S. Mamede, 27-2.º Esq.º, a Assembleia Geral Ordinária desta Sociedade, pelas 20,30 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º — Discussão e votação do Relatório do Conselho de Administração, Balanço, Contas e Parecer do Conselho Fiscal;

2.º — Eleição dos Corpos Gerentes para o triénio 1986/1989;

3.º — Outros assuntos de interesse para a Sociedade.

Lisboa, 09 de Abril de 1986

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral (Dr. José Francisco Rodrigues)

Proc. N.º 1955/84
2.ª Secção

ANÚNCIO

O Doutor ANTÓNIO LUÍS GIL ANTUNES GRANCHÓ, Juiz de Direito do 2.º Juízo do Tribunal Judicial de Almada

Faz saber que por este Juízo e Segunda secção, nos autos de Acção Especial de Despejo em que são Autor — João Marques d'Algo, João Mateus do Patrocínio e Réus — Maria Marques e outro, sendo ela com última residência conhecida no Bairro Novo da Silveira, Lote 27 no Monte de Caparica correm editos de trinta dias contados da data da segunda e última publicação do anúncio citando a Ré para no prazo de 10 dias, findo o prazo dos editos, contestar querendo a acção na qual o Autor pede seja decretada a resolução do contrato de arrendamento estabelecido entre ambos e esta condenada a despejar imediatamente a cave arrendada, conforme melhor consta do duplicado da p.l. que se encontra patente neste Tribunal.

Almada, 1 de Abril de 1986

O Juiz,
António Luís Gil Antunes Granchó
O Escrivão Adjunto,
Fernanda Paula A.V.V. Fernandes

«D.L.» 12/4/86 — 2.ª Pub.



Os movimentos pendulares para Lisboa e a nova via-rápida: a necessidade de criação de empregos e a urgência de não impermeabilizar terrenos

Para reparar o passado e construir o futuro

Câmara de Loures avança Plano Director

Para reparar o passado e construir o futuro em bases sólidas, a Câmara Municipal de Loures assinou em 24 de Março, o protocolo com uma empresa especializada para a execução do Plano Director Municipal. Orçado em mais de 20 mil contos, com um prazo de execução previsto para dois anos, o Plano Director Municipal irá, em todas as suas vertentes, definir as regras, carências e metas do terceiro concelho do País.

«Loures sofre da proximidade de Lisboa», dizem os autarcas do concelho, reflectindo numa frase todos os problemas que a grande urbe coloca à gestão do Município. Cerca de 260 mil habitantes em 1981 — actualmente calcula-se em 320 mil — 52 por cento do total dos activos residentes a trabalharem fora do concelho, engarrafamentos na «hora de ponta» que obrigam a filas de espera de perto de duas horas para percorrer a distância que separa a Póvoa de St.º Adrião do Saldanha, 100 mil pessoas a viverem em mais de 150 bairros clandestinos, são alguns dos números e situações que traduzem o que os técnicos definem como «dependência funcional de Lisboa».

De facto, a sua proximidade da capital tem pautado a vida do concelho e, se em 1910, os mercados de Lisboa eram abastecidos por 2500 toneladas anuais de hortaliça, as últimas duas décadas assinalam a exportação de força de trabalho. Este movimento só foi possível devido ao crescimento demográfico que, em 61 anos, fez passar a população de 30 para 260 mil habitantes, com um pico de desenvolvimento nos últimos 25 anos, período durante o qual o concelho recebeu 200 mil novos habitantes...

A esta rapidez de crescimento não correspondeu a oferta de habitação. O resultado é expressivo: 150 bairros clandestinos albergam 100 mil habitantes, e cinco mil barracas dão «abrigo» a outros 30 mil. A provar que não se trata apenas de um problema de ordem habitacional, o facto de as áreas de maior densidade

de construção clandestina corresponderem às de maior densidade populacional e às que têm família de maior dimensão. Outros dados sociais a reter: 32,4 por cento da população do concelho tem menos de 18 anos, a população escolar ronda os 50 mil e 1/5 das empresas têm salários em atraso.

Contrariar a tendência dormitório

O Programa preliminar elaborado pela Câmara Municipal de Loures tornou-se, face ao enumerado dos problemas, na «cartilha» que os técnicos André Espenica, Leopoldo de Almeida e José Carlos Ferreira de Almeida utilizam como ponto de partida para o seu trabalho.

Naquele documento aparecem definidos vários pontos, dos quais foram retirados os objectivos essenciais: criação de postos de trabalho em locais estratégicos, contenção dos loteamentos clandestinos e apoio à habitação não especulativa, crescimento populacional equilibrado, rede de transportes que garanta a articulação entre os pólos urbanos do concelho e região de forma a privilegiar as grandes circulares e a circulação intermunicipal, evitando os corredores de ligação com Lisboa, desenvolvimento dos equipamentos básicos, defesa e aproveitamento das áreas agrícolas e protecção dos valores naturais, históricos e culturais.

Deste modo, pela articulação de várias medidas, o Plano Director Municipal terá de contrariar a «tendência dormitório», controlando o crescimento populacional e fixando emprego,



Construção junto a uma ribeira: a luta contra o clandestino passa pela correcta definição de um Plano Director Municipal

condições «sine qua non» para a implementação de todas as outras medidas.

Destas últimas, natural destaque é dado à recuperação de bairros, criando condições para a habitação não especulativa, recuperação de habitações degradadas, fixação de equipamento de importância regional, aquisição programada de solo pelo Município, adopção de uma disciplina urbanística e defesa das inundações.

Especial ênfase é também atribuída à articulação do planeamento do Município de Loures com diversos níveis da administração central e à coordenação entre Loures e o Município vizinho de Vila Franca de Xira. Este último aspecto, surge aliás, como um dos postulados bases, aparecendo a cooperação intermunicipal como essencial no que respeita aos transportes.

Fixação de emprego

Como será possível fixar emprego num concelho que

apresenta um défice de empregos de 41 por cento da população activa residente, e quando, de 1973 a 81, a criação de novos postos de trabalho foi apenas de 14 por cento?

Esta questão tem bastante aquidade, dada a natureza económica de Loures, onde a ruralidade vivida no princípio do século se mantém apenas na zona Norte do concelho, mesmo assim abrangendo unicamente 5 por cento da população activa, quando no início da década de 70 correspondia a 15 por cento do total de empregos.

Por outro lado, apesar de se verificar nalguns sectores um aumento dos empregos industriais, com uma subida do sector secundário de 43 para 47 por cento no total da estrutura global de empregos, é o terciário que comanda com 56 por cento sendo, no entanto, o sector mais responsável pelo défice de emprego, contribuindo com 73 por cento.

Para a resolução desta situação, aponta-se a criação de equipamentos do 4.º escalão, da responsabilidade da Administração Central, como a maternidade, hospital regional, ensino médio e superior que viriam ao encontro de algumas das necessidades sentidas pela população.

O aumento do «stock» municipal de terrenos, a manutenção de vínculos industriais de terrenos, a criação de grandes complexos e equipamentos sociais de interesse não exclusivamente municipal — como mercado abastecedor de Lisboa — seriam outras soluções.

Um trabalho em três fases

Também a defesa e aproveitamento intensivo das áreas de valor agrícola é referenciada, aparecendo o sector primário como potencial empregador. Para além deste facto, o «redescobrir» da agricultura, traviária,

ainda, a especulação fundiária, e criaria as condições necessárias para a resolução dos problemas ambientais, com destaque para a despoluição do sistema hídrico e melhoramento das condições de drenagem, este último particularmente importante no combate às cheias.

É toda esta teia de interdependências que será equacionada pelos técnicos em três fases. «Estudo Prévio», que deverá ficar pronto dentro de seis meses, a que se seguirá o «Programa Base», com duração programada de quatro meses e, por fim, o «Projecto do Plano», a ser concluído em cinco meses. Entre cada uma destas fases haverá um período de 60 dias destinado à apresentação e discussão pelos órgãos competentes de cada uma das fases. Ou seja, um período de perto de dois anos para elaborar um Plano que os autarcas de Loures consideram como a trave mestra para uma gestão programada, planeada e correcta.

Alcochete: foi-se a Maternidade, que fique o Hospital!

Misericórdia 'cortou- invocando o peso do

Júlio Rodrigues

Fotos José Tavares

A população de Alcochete não quer ficar sem o seu hospital concelhio e mantém ainda a esperança, contra todos os desenganos públicos, de recuperar a sua maternidade. Nesta, desactivada há meses — desde que o último obstetra a deixou ao que parece por falta de condições técnicas —, sobressai o azeite das suas várias camas e berços, como se estivessem à espera da parturiente que se segue. Fica antes do bloco operatório — modelar em todos os aspectos, desde o físico ao material —, repartida por vários quartos.

«Teve anos de mais de três mil partos», disse ao «DL» um dos elementos da comissão instaladora do hospital. Cúmulo do requinte num estabelecimento hospitalar cujo futuro se receia, o seu aparelho de Raio X é, porventura, «o melhor de todo o distrito de Setúbal», acrescentou ao «DL» o mesmo elemento. No entanto, o «corte» das refeições, por parte da Misericórdia local, ao hospital, veio nos últimos tempos toldar os espíritos e acirrar alguns ânimos. É a grande história do IVA em Alcochete, como aqui se conta de fio a pavo.

O membro da comissão instaladora acima referido, antes de se reduzir ao discreto silêncio que as normas impõem no Ministério da Saúde (todos os hospitais têm um regulamento que proíbe aos seus responsáveis qualquer informação à Comunicação Social), acompanhou-nos numa demorada visita às instalações. Por força das próprias restrições, obteve autorização prévia do presidente da Administração Regional de Saúde de Setúbal, dr. Luciano de Carvalho, para que nos inteirássemos «in loco» das potencialidades do Hospital Concelhio de Alcochete.

Fazendo suas as palavras do presidente da ARS de Setúbal, naquele instante transmitidas pelo telefone, Armando Trindade ainda nos disse: «O senhor presidente, como eu já lhe tinha admitido, acaba de me confirmar que este hospital não fechará. Tudo o que para aí se diz não tem, pois, qualquer fundamento», frisou.

A população dá já sinais de algum optimismo. Desassossegada há alguns meses, quando a Assembleia Municipal de Alcochete, como órgão representativo da população, denunciou a degradação que se vinha verificando na unidade de internamento do centro de saúde local em consequência do corte de verbas e da não-nomeação de pessoal, parece viver com mais alegria desde que a governadora civil, Irene Aleixo, se deslocou ali uma primeira vez (há uma semana) e ontem se reuniu na câmara municipal responsáveis pela Administração Regional de

Saúde de Setúbal, entre eles Luciano de Carvalho Costa e Marques Freire, os elementos da CI do hospital, o presidente da edilidade e membros da assembleia municipal.

Misericórdia-hospital: tão amigos que eram...

A Misericórdia e o hospital coabitam, vivem no mesmo edifício. Edifício de dois andares, cujo comprimento ocupa mais de metade da popular Praça do Rossio (designação da toponímica Praça do barão de Samora Correia) e a largura é quase meia praça. Isto é: espaço não falta para que se entendam e desenvolvam as suas actividades em harmonia.

Assim foi até Março último: Antes de 31, a comissão instaladora foi avisada pela mesa da Misericórdia que nesse dia cessaria o fornecimento de refeições. Desde 1975, quando os hospitais das Misericórdias se desligaram destas, se autonomizaram, entre a mesa da instituição e a direcção do hospital concelhio radicaram-se laços de entendimento e, até, de reciprocidade a todos os títulos exemplares.

Durante cerca de dez anos, assim foi. Até que chegou o Imposto Sobre o Valor Acrescentado, «o maldito IVA», disse ao «DL» o provedor da Misericórdia, José Pereira Godinho. «A lei é bem explícita e, a continuarmos a fornecer refeições ao hospital concelhio, que está nas nossas instalações, aliás, deixaríamos de estar isentos da aplicação do Imposto Sobre o Valor Acrescentado para sermos passivos, isto é, abrangidos pela própria lei. Ora, não podemos cair nessa», acrescentou o provedor, tecnicamente apoiado pelo chefe dos Serviços Administrativos da Misericórdia, Constantino Rodrigues, que assistiu à nossa troca de impressões.

A lei — Pereira Godinho invocou os artigos 2.º e 9.º do IVA, capítulos relativos à incidência e a isenções — é clara: «O Estado e demais pessoas colectivas de direito público não são, no entanto, sujeitos passivos do imposto quando realizem

Presidente da CM de Alcochete Boeiro): «A governadora civil e te da ARS de Setúbal garantiram Hospital não fecharia»



Constantino Rodrigues, chefe dos serviços administrativos da Misericórdia: «O nosso único problema perante o Hospital é de contabilidade e apenas respeito ao IVA...»

operações no exercício dos seus poderes de autoridade, mesmo que por elas recebam taxas ou quaisquer outras contraprestações, desde que a sua não sujeição não origine distorções de concorrência». Isto é o que diz a lei do IVA no capítulo da incidência. O provedor aviva: «Continuando a fornecer refeições ao hospital, nós entraríamos em competitividade com a própria indústria hoteleira. Ora já isso não seria nada abonatório, para além de ilegal. E act... desses nós não cometemos», acrescentou.

Para a mesa da Misericórdia, que rejeita liminarmente a ideia de que estará a apressar o fecho do hospital concelhio, há uma forma de resolver o problema: «O secretário de Estado lavra um despacho a dizer que estamos isentos de IVA ao servir as refeições necessárias ao hospital, e apenas ao hospital, e nós retomamos imediatamente o seu fornecimento. Mas só nessa condição», vinca Pereira Godinho.

Tem mais de três dezenas de camas, algumas delas na Maternidade (que, apesar de desactivada, conserva ainda um apreciável berçário), havendo apenas quatro ocupadas



Alguns dos cerca de setenta idosos que a Misericórdia de Alcochete acolhe



O bloco operatório está à vista: fica a foto, que dispensa mais palavras que aquelas que integram esta reportagem

lhe'a comida IVA



José Pereira Godinho, provedor da Misericórdia, ao «DL»: «Se o secretário de Estado lavar um despacho isentando-nos do IVA por serviço de hotelaria prestado ao Hospital, recomencemos o fornecimento de refeições que há dez anos vimos assegurando regularmente»

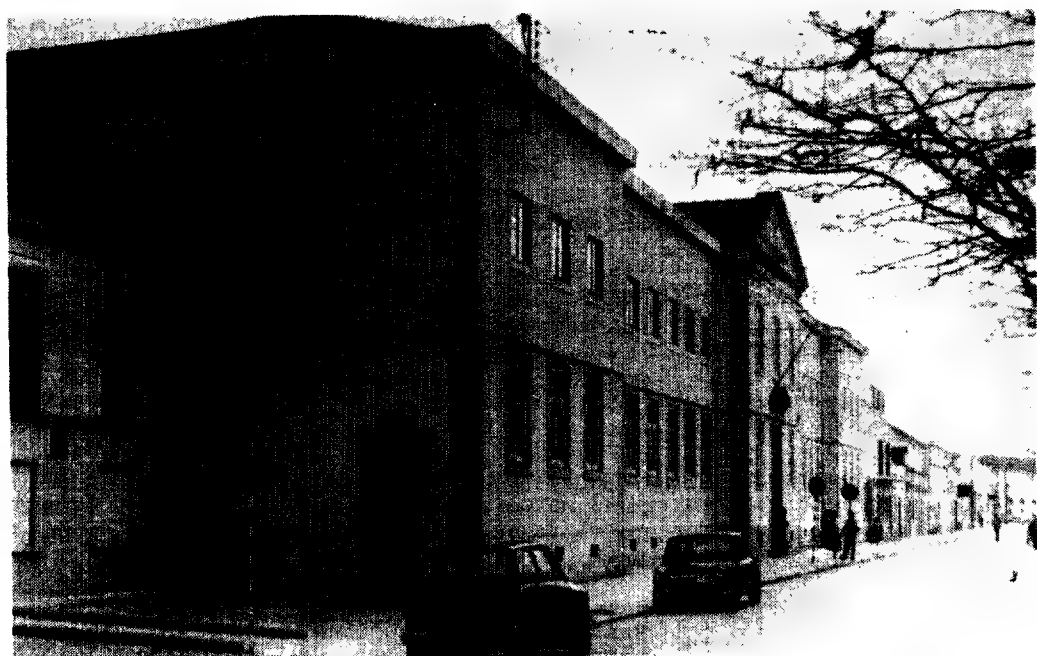
Alcochete (Miguel Boeiro, presidente da Câmara Municipal e o presidente da Misericórdia) ouviram-nos que o



Cozinha que faz (comida) para setenta, faz para oitenta ou noventa: eis o que o «DL» ouviu na Misericórdia de Alcochete, cuja cozinha é, de facto «como se vê» modelar quanto a equipamento e espaço



O «DL» ouviu em Alcochete vários populares. Filomena Quental e Fernanda Cabrita, funcionárias públicas, consideram um «perfeito disparate» a hipótese de acabarem com o Hospital



O Hospital e a Misericórdia de Alcochete «coabitam», isto é, estão «geminados», bem agarradinhos um ao outro. E não admira: é que o Hospital, antes de ser Concelho, era da Misericórdia. Até se chamava (e ainda há quem lhe chame) Hospital da Misericórdia de Alcochete...

Antes do IVA média por refeição era de 130 escudos

Antes do IVA chegar (e atentar contra a estabilidade do Hospital de Alcochete) as funcionárias nem sequer saíam dele para ir buscar a comida, porque a Misericórdia, com a melhor cozinha do concelho (em espaço e equipamento, está umbilicalmente ligada ao hospital. Elas atravessavam uma divisória tacitamente acordada entre os responsáveis das duas instituições e chegavam com as refeições quentes — como agora, aliás — para os doentes.

A Misericórdia servia em média entre 15 a 20 refeições diárias ao preço de custo: 130 escudos. O provedor cita números e vinca: «A população interpretou mal a nossa decisão, não vendo que não tínhamos outra saída, que não tínhamos alternativa. É fácil ver que não é por deixar de ter refeições nossas que o hospital deixa de funcionar».

O problema da alimentação está momentaneamente solucionado, e não será por ele que o hospital corre o risco de fechar. Aliás, repetimos, não é essa a disposição da ARS de Setúbal, se bem que a maternidade não funcione desde que o obstetra Taborda Duarte a deixou. Foi o último a fazê-lo «por razões médicas», disse o próprio ao «DL».

O bloco operatório tem dois médicos e um cirurgião, Manuel Pestana Boavida. Este opera normalmente à quarta-feira, efectuando-se na mesma sala, durante a semana, outras intervenções cirúrgicas, nomeadamente de otorrino.

Além do cirurgião e dos dois outros médicos, o corpo clínico do hospital concelho integra mais nove elementos, seis médicas e três médicos. Mário Dias Neves é, entre eles, o que representa o corpo na Comissão Instaladora.

Apenas quatro das trinta e duas camas de que dispõe o estabelecimento hospitalar nas

suas quatro enfermarias e maternidade estavam ocupadas quando a reportagem do «Diário de Lisboa» ali se deslocou. O asseio — se é que o termo é suficiente para caracterizar a impecabilidade que se nos depa-rou em todas as salas, quartos e restantes instalações — tem no Hospital de Alcochete servido- res de grande gabarito.

Duzentos contos/mês: aluguer e roupa lavada

Foi em 1976 que o Hospital da Misericórdia se tornou autónomo e concelho na designação, em consequência de legislação que ainda hoje vigora. O acordo estabelecido entre as duas partes é igual a muitos outros na sua simplicidade. Por via dele, o hospital ficava a pagar 172 mil escudos mensais à Misericórdia, pelo arrendamento das suas instalações. A autonomização do hospital custou ainda ao Estado pouco mais de mil contos que, segundo o provedor, ainda não foram liquidados. Mas esse incumprimento

jamais perturbou as relações entre responsáveis e trabalhadores do Hospital e da Misericórdia. Durante quase dez anos a «coabitação», termo hoje muito em voga — mas por razões diferentes —, foi possível. Mesmo quando — aponta o provedor, Pereira Godinho —, o hospital retirou à instituição um médico que de vez em quando ia assistir os seus idosos.

A Comissão Instaladora do Hospital duvida das razões invocadas pela Mesa da Misericórdia para lhe «cortar» as refeições. O provedor desta alega que não há outra razão que não seja, só e apenas, o risco do IVA que a impede de continuar a fornecer comida aos doentes do hospital. Quem visitar a Misericórdia, que acolhe 67 idosos (38 homens e 29 mulheres), verifica facilmente que o caldeirão que faz comida para todos eles (mais os cerca de trinta trabalhadores), faz para mais quinze ou vinte refeições por dia — para o hospital.

O presidente da Câmara Mu-

nicipal, Miguel Boeiro, está apreensivo com a situação. As verbas do OE de 86 quase não chegam para satisfazer 2/3 das remunerações do pessoal, e, como se isso não bastasse, a edilidade comparticipa as despesas da saúde no concelho, que são da competência do Poder Central. É a Câmara Municipal que, através da Junta de Freguesia de S. Francisco, mantém no activo o Centro de Saúde local, «porque ali não havia qualquer apoio à população», disse Miguel Boeiro. «Ora, agora, com a situação em que se encontra o hospital, tivemos que agir», acrescenta. A população saiu para a rua na passada semana em defesa do seu hospital, para evitar que acontecesse o mesmo que à Maternidade (fecho consumado na prática), e a Câmara Municipal pôs-se ao lado dela, «porque lhe compete apoiar a defesa dos direitos do povo», venceu o presidente ao «DL». «A luta desencadeada foi e continua a ser necessária, porque nem todos os problemas foram resolvidos, apesar de ter

sido garantido pela governadora civil que o hospital não será encerrado. A Câmara está e estará com os munícipes sempre que estejam em causa objectivos justos e claros. A unidade em torno deste problema veio ao encontro da acção desenvolvida desde há muito pela autarquia e reforça a luta pela manutenção do funcionamento normal do hospital», acrescentou Miguel Boeiro.

A prestação de assistência hospitalar durante as 24 horas, o funcionamento pleno dos serviços de Raio X (equipamento que a preços de 1981 custou 2800 contos) e a actividade normal da cirurgia parecem estar asseguradas, a dúvida bem longe de quem serve o hospital. Relativamente à falta de pessoal de enfermagem, a ARS de Setúbal assumiu o compromisso de tentar resolver rapidamente o problema. No tocante à alimentação, diz a Câmara Municipal que Irene Aleixo adiantou ao seu presidente «estarem a ser feitas diligências no sentido da sua resolução».

Até ao fim de Abril

Contas poupança-crédito podem ser regularizadas voluntariamente

Os detentores de empréstimos de contas poupança-crédito em situação irregular poderão continuar a beneficiar dos empréstimos se regularizarem a sua situação até 30 de Abril. De acordo com instruções transmitidas pelo Banco de Portugal aos diversos bancos, seguindo uma determinação do Ministério das Finanças.

Os detentores de empréstimos que tenham incorrido em situações irregulares beneficiarão de «tratamento especial» se voluntariamente procederem à respectiva regularização até ao fim deste mês.

Os empréstimos ao abrigo do sistema de poupança-crédito destinado a emigrantes foram suspensos em fins de Fevereiro por terem sido detectados inúmeros casos irregulares e de abusos acarretando pesados encargos para o Estado que só em 1985 teve que desembolsar 24 milhões de contos em bonificações.

Entre as situações irregulares contam-se casos de pessoas que, sem nunca terem sido emigrantes, conseguiram meios de prova dessa qualidade e obtiveram créditos de elevado montante e casos em que o beneficiário era titular de dezenas e até centenas de contas e dos correspondentes empréstimos.

Um informador do banco central indicou que de acordo com as instruções agora enviadas à banca, se a regularização for feita voluntariamente dentro do prazo citado os bancos cancelarão a respectiva conta e anularão todas as bonificações vencidas, acrescentando ao capital em dívida o total das bonificações acumuladas.

Novo presidente do Banco Mundial é um republicano conservador

Os membros da Direcção do Banco Mundial aprovaram por unanimidade a nomeação do norte-americano Barber Conable para presidente do organismo a partir de 1 de Julho.

A candidatura de Conable, de 63 anos, que sucede a A.W. Clausen, que anunciou em Outubro não tencionar prorrogar além de 30 de Junho o seu mandato de quatro anos, foi apresentada, a 13 de Março, pelo governo norte-americano.

Barber Conable é um ex-congressista republicano moderado, que teve assento na Câmara de Representantes de 1964 a 1984 e foi membro do Comité de Recursos da Câmara.

A sua nomeação colheu de surpresa a maioria dos observadores e os próprios funcionários

do banco, pois Conable é relativamente pouco conhecido e a sua candidatura não figurava em nenhuma das listas de presidenciais.

Para vários analistas, o novo presidente do Banco Mundial não tem experiência em relação aos problemas económicos dos países em vias de desenvolvimento e da dívida mundial em geral.

Essa carência, sustentam, contrasta com o projecto que os Estados Unidos e os países mais industrializados promoveram na reunião de Outubro em Seul do Banco Mundial, com vista a canalizar os esforços da instituição para o apoio de políticas orientadas para o crescimento dos países menos desenvolvidos.

Entra em vigor na próxima semana

Código de Investimentos de S. Tomé dá garantias ao capital estrangeiro

O Novo Código de Investimentos de São Tomé e Príncipe foi aprovado pelo governo, entrando em vigor na próxima semana, informa a Anop de fonte oficial naquele país.

Segundo o decreto governamental que passa a regulamentar o Código de Investimentos, a medida tem como objectivo dotar os investidores estrangeiros e são-tomenses de «garantias adequadas e seguras» ao exercício da sua actividade no país.

A sua finalidade, assinala o decreto que será publicado na próxima semana no «Diário da República» são-tomense, é a de «estimular as actividades de produção de bens e serviços no país».

O novo código será aplicado nas empresas e instituições dos sectores da agricultura, pecuária, silvicultura, pesca, indústria e transportes, cujas

actividades estejam inseridas nos seguintes domínios: produção, transformação e montagem de artefactos, transformação, conservação, acondicionamento e armazenagem de produtos, produção de energias alternativas, recondição de equipamentos, construção civil e obras públicas, turismo, construção e manutenção de infra-estruturas turísticas, realização de trabalhos e serviços de utilidade pública, transportes de mercadorias e passageiros refere o artigo 6 do decreto governamental.

O Código de Investimentos será, também, aplicado em pequenas e médias empresas «cujos investimentos sejam considerados prioritários» ainda que não exerçam a sua actividade nos sectores atrás referidos.

Pela primeira vez em 25 anos

O Brasil está a ganhar a batalha da inflação

Pela primeira vez nos últimos 25 anos a inflação brasileira foi contida e os preços baixaram. O anúncio público das taxas de inflação de Março está a ser reservado para a mensagem nacional do Presidente José Sarney, em meados de Abril, quando o Chefe de Estado abordar, pela primeira vez, os resultados do pacote económico adoptado pelo Governo.

Mas fontes do governo e economistas independentes afirmam que o pacote, que incluiu o congelamento total dos preços, diminuiu o índice de preços em mais de dois por cento no mês passado.

Um funcionário superior do Ministério do Plano disse não se recordar da última queda dos preços no Brasil, que certamente não ocorreu «há menos de 25 anos».

Sarney apelou a todos os brasileiros para que agissem como «seus agentes» na aplicação do congelamento dos preços tendo obtido uma resposta maciça do público.

Milhares de populares percorreram os supermercados com uma lista de preços na mão para verificarem se as regulações estavam a ser observadas. Muitos comerciantes foram presos e nalguns casos as suas lojas encerradas.

Apoio público ao programa de Sarney

Sondagens de opinião mostraram apoio público da ordem dos 90 por cento às medidas de Sarney, enquanto que 75 por cento dos inquiridos manifestaram confiança no sucesso do programa.

«O reforço de confiança também apanhou de surpresa o Governo e é um elemento essencial na aplicação do congelamento dos preços», disse o funcionário.

lamentando os preços», disse o funcionário.

A aprovação da determinação governamental em aniquilar a inflação também surgiu de empresários estrangeiros.

«É a primeira vez em 11 anos no Brasil que vejo tal apoio político para a resolução dos problemas económicos do País», disse David Benadorf, Presidente da Câmara de Comércio Norte-Americano-Brasileira.

A bolsa reagiu ao novo clima de confiança elevando o preço das acções acima dos 90 por cento em São Paulo no mês de Março.

Após anos de recessão, durante a década passada, provocada pelo problema do pagamento da dívida externa, cerca de 100 mil milhões de dólares, a economia brasileira alcançou uma das maiores taxas de crescimento mundial.

Puxada pela expansão das exportações, esta recuperação reduziu o desemprego, aumentou os salários e ajudou a dissolver as tensões sociais.

Mas os custos foram a subida da inflação, que atingiu a taxa recorde de 255 por cento no ano passado.

Recusa em aplicar receita do FMI

«A inflação tornou-se um veneno da nossa economia»,

afirmou o Ministro da Fazenda, Dilson Funaro, cujo prestígio no País só é ultrapassado pelo de Sarney.

Mas o Brasil recusou-se a adoptar as recomendações do Fundo Monetário Internacional (FMI), incluindo reduções nas despesas públicas, afirmando que essas políticas apenas causariam mais recessão.

Em vez disso optou por um tratamento de choque da economia já experimentado por Israel e pela Argentina.

Para além de congelar os preços, o Governo impôs tetos salariais, fixou a taxa de câmbio e acabou com o complexo sistema de indexação económica.

Na Argentina, onde a inflação foi da ordem dos 1300 por cento em 1985, o plano logrou reduzir os preços apenas em três por cento ao mês. Mas também fez mergulhar o país na recessão.

Contudo, economistas independentes afirmam que devido ao vigor da economia brasileira, ela conseguirá sobreviver a esse choque com uma pequena taxa de crescimento em relação aos oito por cento do ano transacto.

«O governo ganhou a primeira batalha, mas a guerra será longa», disse o economista Roberto Macedo, da Universidade de São Paulo.

«O povo apoia o pacote económico e os ministros podem provavelmente dormir sossegados nos próximos meses», disse um sindicalista.

Feira do Mobiliário no Porto

As exportações portuguesas de mobiliário de madeira, que em 1980 foram de cerca de 400 mil contos, atingiram em 1985 o valor de 2,5 milhões de contos — revelou no Porto a Associação empresarial do sector.

Mário Martins, presidente da Associação Portuguesa das Indústrias de Mobiliário e Afins (APIMA), acrescentou que as previsões para o ano corrente apontam para valores da ordem de 3 a 3,5 milhões de contos.

Estas indicações foram divulgadas em conferência de Imprensa para apresentar o nono Salão Profissional do Mobiliário e Iluminação (Expomóvel/86), organizado pelo departamento de feiras e exposições da Associação Industrial Portuguesa conjuntamente com a Associação dos Industriais de Mobiliário.

A Expomóvel/86 reúne 77 empresas do sector que durante nove dias, até a 20 de Abril, expõem os seus produtos no pavilhão do Palácio de Cristal, no Porto.

Mário Martins referiu-se às dificuldades do sector e às expectativas dos empresários, afirmando, designadamente, que «se houver uma política de acção concertada entre o Governo, a APIMA e os associações desta instituição, a indústria de mobiliário poderia elevar o valor das exportações, dentro de cinco anos para 25 milhões de contos».

Um salão desta natureza — observou — «além de contribuir para a recuperação e o relançamento da economia nacional do sector, reflectir-se-ia na criação de 15 mil a 20 mil postos de trabalho».

O Presidente da República, Mário Soares, visitará a exposição no dia do seu encerramento, em 20 de Abril.

Lista de medidas já elaborada

Comunidade Europeia pronta a retaliar às restrições unilaterais americanas

A Comissão Europeia adoptou três listas de produtos que poderão ser retidos a título de medidas de retaliação se os Estados Unidos aplicarem restrições às exportações comunitárias.

As três listas adoptadas serão apresentadas aos Estados membros e ao Conselho dos Ministros dos Negócios Estrangeiros a 21 deste mês no Luxemburgo.

A Comissão declara-se preparada para responder imediatamente e de maneira linear a qualquer medida restritiva unilateral americana que vise as exportações comunitárias a título de represália contra as consequências que o alargamento da CEE terá nas exportações de milho, soja e oleaginosas para a Península Ibérica.

As três listas indicativas constituem a réplica comunitária a três diferentes categorias de medidas anunciadas a 2 de Abril pelos Estados Unidos.

Assim, para as medidas

americanas relativas às novas disposições portuguesas aplicáveis às sementes oleaginosas, a Comissão propõe aplicar medidas restritivas contra as sementes de girassol, as tripas e as matérias gordas de origem bovina, o mel, os vinhos e o «whisky» americano (Bourbon).

Como resposta às medidas americanas referentes à importação de 15,5 por cento de cereais que Portugal efectuará a partir de 1 de Março do mercado comunitário, os produtos americanos propostos na «lista negra» da comissão são abrunhos, sumos de frutas, cerveja, preparados alimentares, frutos secos, carne de cavalo, e folhagem fresca para ornamentos e óleo de baleia.

Se os Estados Unidos reagirem contra a aplicação em Espanha da política agrícola comum dos cereais, a Comissão propõe que medidas de retaliação sejam tomadas contra os seguintes produtos: «corn gluten», «feed» (alimento animal à base de milho) bolos

de soja, amêndoas, trigo e arroz.

«A Comissão Europeia deve ser capaz de defender os seus interesses» declarou o comissário responsável pelo Comércio Internacional, Willy Declercq, no final da reunião da Comissão.

«É esta a razão pela qual a Comissão adoptou três listas indicativas de produtos como resposta àquelas que os Estados Unidos anunciaram» acrescentou Declercq.

A Comissão, que reafirma a sua intenção de proceder a negociações com os Estados Unidos no quadro do GATT, mostra-se determinada em aplicar restrições em função das medidas americanas.

«A Comissão deverá reagir em perfeita simetria com as medidas americanas», indicou um porta-voz do Executivo que confirmou existir a preocupação de aplicar medidas comunitárias que possam o mesmo impacte financeiro.

A Comissão, no entanto, lamenta ter de recorrer a este

tipo de restrições e reafirma a sua vontade de diálogo.

O Executivo aproveitou para contestar, uma vez mais, o tom exagerado da posição americana e as implicações imediatas que terá no comércio americano de cereais a aplicação das novas disposições.

«Os Estados Unidos poderão exportar este ano para Portugal 20 por cento a mais de soja que em 1985», recorda a Comissão, que garante que a reserva de 15,5 por cento das exportações comunitárias de cereais para o mercado português não terá qualquer efeito restritivo em 1986.

Também em relação às exportações de cereais americanos para a Espanha, o Executivo afirma que «não se registaram efeitos negativos para os Estados Unidos nos próximos meses».

No entanto se os Estados Unidos adoptarem as medidas restritivas, anunciadas, a Comunidade «defenderá os seus interesses legítimos».

Imensos candidatos aos 32 milhões para agro-indústria

Os projectos apresentados no IFADAP relativos ao regulamento comunitário 355/77 (agro-indústrias) são em número cinco vezes maior do que o esperado: 259 candidaturas a financiamento, para um valor total de 32 milhões de contos.

Segundo revelou à NP o director do Instituto Financeiro de Apoio ao Desenvolvimento da Agricultura e Pescas, foram apresentados até à data limite de 31 de Março nas delegações regionais 259 projectos, no âmbito da acção comum Portugal-CEE para a transformação e comercialização de produtos agrícolas.

«Esperávamos cerca de 50 projectos e apareceram 5 vezes mais, o que não nos deixa muito optimistas» — disse Ferreira do Amaral.

«Se isso se pode explicar

pelo facto de a agricultura portuguesa ter assistido, nos últimos anos, a montante e a jusante a um verdadeiro congelamento dos investimentos, parecendo agora que os investidores pensaram ter chegado o momento ideal, também é certo que a vitalidade demonstrada ultrapassa decerto o número de projectos que havia na gaveta».

Os projectos apresentados serão, agora, analisados na sede do IFADAP, e deverão chegar a Bruxelas até 30 de Abril, para que os que são aprovados possam ainda beneficiar das ajudas referentes a 1986.

Até 31 de Outubro, os agentes económicos têm a possibilidade de apresentar projectos desta área, para benefício das ajudas de 1987.

A ajuda ao investimento, no

âmbito do regulamento 355/77, pode ir até 2/3 do total, na proporção de 16 por cento para o Estado português e de 50 por cento para a CEE.

Sobre a qualidade formal dos projectos apresentados, Ferreira do Amaral referiu que esse foi o primeiro crivo, pelo que todos os 259 estão «nas condições mínimas, sem falta de documentação ou formulação adequada».

«Quanto à qualidade intrínseca deles, ainda é cedo para dizer, mas se 50 por cento deles passarem pelo crivo do IFADAP, já seria muito bom» — acrescentou. «até porque o Instituto tem de demonstrar a sua fiabilidade junto da Comunidade como órgão responsável e tecnicamente preparado para a apreciação de projectos».

Por regiões, o Ribatejo e

Oeste foram as que apresentaram mais projectos, com 86, no valor global de 9 milhões de contos.

O Entre Douro e Minho apresentou 71 projectos, também no valor total de 9 milhões de contos, a Beira Litoral 32 projectos (3,5 milhões de contos), o Alentejo 25 projectos (4 milhões de contos), Trás-os-Montes e Alto Douro 15 projectos (1,5 milhões de contos) e o Algarve 8 projectos (700 mil contos).

Os sectores mais abrangidos são os do vinho, cortiça, hortícolas, lacticíneos, poupança de energia, fruticultura, matadouros, aproveitamento de desperdícios e laboratórios para controlo de qualidade.

São projectos unicamente do sector privado ou cooperativo, não havendo nenhum público.

Dívidas do aeroporto pagas com empréstimo

O governo santomense autorizou o Banco Nacional de São Tomé e Príncipe a negociar e contrair com um sindicato de Bancos Portugueses, agenciado pelo Banco de Fomento Nacional, um empréstimo no montante de 1.972.882,37 dólares (cerca de 300 mil contos).

O empréstimo destina-se exclusivamente ao pagamento aos empreiteiros portugueses dos saldos ainda em dívida, resultantes das obras de ampliação do Aeroporto de São Tomé.

A primeira fase das obras, que consistiu no alargamento da pista, concluída em Abril de 1984, foi realizada pelos empreiteiros portugueses Ramalho Rosa e João Jacinto Tomé.

Em Maio e Junho

Baixam prestações dos contratos de aquisição de casa própria

As prestações dos contratos para aquisição de casa própria vão descer, em Junho, em consequência da redução em 1,5 por cento das taxas de juro — confirmou uma fonte da Caixa Geral de Depósitos.

Por sua vez, os detentores de empréstimos contraídos entre Outubro de 1980 e Dezembro de 1983 vão beneficiar, já em Maio, de uma redução das suas prestações mensais.

Esta redução vem na sequência

da publicação, em 3 de Abril, de uma Portaria dos Ministérios das Finanças e das Obras Públicas que torna extensíveis àqueles contratos o regime de crédito já em vigor para contratos posteriores e que entra em linha de conta com a anterior baixa das taxas de juro em 3 por cento decretada pelo Governo em Novembro do ano passado.

O informador da Caixa Geral de Depósitos disse à NP não ser

ainda possível determinar com precisão o montante da redução mas assegurou que a prestação de Maio relativa àqueles contratos já será paga com a necessária correcção.

Com esta medida, a totalidade dos contratos de aquisição de casa própria existentes passam a estar abrangidos pelas condições mais favoráveis decorrentes da baixa das taxas de juro ocorrida em Novembro do ano passado.

Em Bruxelas

Português toma posse este mês no Comité Económico e Social

Os representantes portugueses no Comité Económico e Social da CEE (CES) vão tomar posse em 23 ou 25 de Abril — soube-se — de fonte oficial.

O Governo decidiu em 26 de Março nomear para Bruxelas como representantes dos trabalhadores portugueses elementos das duas centrais sindicais em igualdade de circunstâncias.

Na sua resolução, segundo o comunicado do Conselho de Ministros, foi considerada «a vontade de diálogo institucional» manifestada pela CGTP-IN em carta enviada ao Primeiro-Ministro.

Os conselheiros portugueses no CES, dividem-se em empregadores, trabalhadores e «actividades diversas».

Os titulares do primeiro grupo representam a Confederação da Indústria Portuguesa (CIP), a Confederação do Comércio Português (CCP) e a Associação dos Hóteis de Portugal.

No grupo dos trabalhadores figuram representantes da UGT e da CGTP-Intersindical.

No terceiro grupo encontram-se representadas a Confederação da Agricultura Portuguesa (CAP), a Confederação Nacional das Cooperativas Agrícolas de Portugal (CONFAGRI), o sector de transportes, das profissões liberais e dos consumidores.

Nos termos do tratado de adesão à CEE, a Portugal foram atribuídos doze lugares no CES.

A indicação dos representantes portugueses era esperada desde o final do ano passado, tendo decorrido já a posse dos conselheiros espanhóis.

O atraso português deveu-se a dificuldades na indicação do grupo «trabalhadores». Alguns sectores defendiam que a CGTP-IN deveria ser excluída deste processo por se recusar a integrar o Conselho Português da Concertação Social.

Empréstimo de 3,5 milhões autorizado à Portucel

A Portucel, empresa de celulose e papel de Portugal, foi autorizada a contrair financiamentos junto de filiais de bancos portugueses no estrangeiro destinados ao financiamento de exportações.

O valor global do conjunto das operações não deverá ultrapassar os 3.500.000 contos.

A autorização é concedida sem prejuízo da autorização para as operações de capitais a conceder pelo Banco de Portugal segundo despacho publicado no «Diário da República».

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade)	
	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	50530	56530
ALEMANHA FED. (marco)	64585	66505
ÁUSTRIA (xelim)	9520	9540
BÉLGICA (franco)	35032	35232
BRASIL (cruzado)	4500	65 50
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	108505	110555
(notas de 5 a 1000)	108555	111505
DINAMARCA (coroa)	17565	18505
ESPAÑA (peseta)	05999	15119
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	149595	153545
(notas de 5 a 1000)	150545	153595
FINLÂNDIA (marka)	28585	29545
FRANÇA (franco)	20535	21505
HOLANDA (florim)	57555	58565
IRLÂNDIA (libra)	198550	202550
ITÁLIA (lira)	5086	5096
JAPÃO (iene)	5820	5855
NORUEGA (coroa)	20570	21520
REINO UNIDO (libra)	222545	226595
SUÉCIA (coroa)	20550	21500
SUÍÇA (franco)	77555	79505
VENEZUELA (bolívar)	6590	7590

Observações:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Ela é secretária, ele oficial da Marinha. Vão casar. Simples, como se vê. Mas a banalidade, neste caso, é quase crime de lesa-majestade. No dia 19 de Março a multidão apinhava-se às portas do Palácio de Buckingham, por ocasião do anúncio oficial do noivado e a televisão britânica interrompeu os seus programas para uma emissão em directo.

INGLATERRA:

Mais um casamento real ou o fim das aventuras de Andrew



Francis Cornu

Há semanas que hordas de jornalistas perseguem com a sua temível assiduidade profissional Miss Sarah Ferguson, «Fergie» para os amigos.

O noivo é nem mais nem menos do que o príncipe André, segundo filho da rainha, futuro duque de York, quarto na ordem de sucessão ao trono. Mas, com toda a familiaridade devida à sua categoria, é mais conhecido no reino dos «medias» como «Randy Andrey» — que se pode traduzir por «o maroto do Andrezinho» — porque há muito que no folhetim mais popular do mundo foi atribuído ao príncipe o papel do «conquistador».

Quantos capítulos terão sido escritos sobre as múltiplas «aventuras» de André, que parecia preferir à companhia das nobres herdeiras das cortes europeias a das beldades da moda!

Entre outros escândalos provocados: a ligação com provocante Koo Stark, que, veio a descobrir-se, nada escondera de si num filme erótico. Diz-se que a rainha, «muito preocupada», fez todo o possível para que André casasse. Toda a família se teria mobilizado para o conseguir.

Sarah será uma boa escolha? Isso é muito discutido. Mas, como o nota o *Daily Star*: «Ao fim e ao resto é a primeira girlfriend decente de André...»

Diz-se que a rainha, sossegada, se teria declarado «cheia de alegria» com a escolha de Sarah. Que importa que esta seja um pouco mais velha que André e que tenha tido outras «amizades», principalmente, e recentemente, com um «play-boy» vinte anos mais velho que ela, o «manager» do piloto de fórmula 1 Niki Lauda...

Que importa que a mãe de Sarah se tenha divorciado para casar com um jogador de pólo, argentino, que, cúmulo do mau gosto se alistou no Exército do seu país durante a Guerra das Malvinas, quando André estava do outro lado, na Navy. Que importa, enfim, que Sarah seja de origem relativamente modesta. Seria de espantar que não lhe descobrissem um primo que pertencesse à família real. Já descobriram.

Vamos saber tudo. O *Sun* declara que o casal se vai «entender na cama» e que André é «sexualmente muito potente».

O *News of the World* revela que antes de ficar noiva de Carlos, «Diana pensou em casar com André». Um dos raros jornais a não consagrar quase quotidianamente páginas inteiras às histórias da Corte, o *Guardian*, fala com real desprezo de «show business».

No dia 19, o governo, no seu projecto de orçamento, fixou aos 5 milhões de libras da «lista civil» da rainha, e da sua família a um ligeiro aumento de 4 por cento inferior à inflação. Por este preço, com pôr em questão a existência da monarquia?

Impressão comovida de uma habitante da vida onde residia Sarah: «É maravilhoso, faz esquecer todas as más notícias, não é verdade?» Karl Marx repousa em Londres, não muito longe de Buckingham. «A religião é o ópio do povo», dizia ele. É certo que ele não conhecia o culto da família real britânica, essa nuvem de heroína na chávena de chá da boa gente do reino e do mundo inteiro.



EUA poderão atacar amanhã a Líbia

Enquanto que em Washington meios jornalísticos e comentaristas militares especulam sobre um eventual ataque militar dos Estados Unidos à Líbia, com data marcada já para o próximo domingo, os parceiros ocidentais dos EUA não veem com bons olhos a escalada de tensão no Mediterrâneo, como se depreende das declarações do chanceler alemão federal Helmut Kohl. Entretanto, um porta-voz dos Negócios Estrangeiros soviético negou que a URSS tenha dado garantias da sua não intervenção em caso de um ataque norte-americano à Líbia.

Analistas militares citados pela agência EFE declaram ser possível que amanhã as tropas dos Estados Unidos que se encontram concentradas no Mediterrâneo ataquem a Líbia. De acordo com as mesmas fontes, tal ataque seria baseado na acção dos porta-aviões «Coral Sea» e «America» que amanhã estarão reunidos face à costa Líbia.

Para o «New York Times», o silêncio imposto em todos os gabinetes oficiais sobre o caso presume «um ataque militar muito mais sério» do que o realizado há duas semanas contra navios e rampas de lançamento de mísseis. Nesta perspectiva, afirma-se em Washington que um hipotético plano de ataque dos Estados Unidos pode afectar as bases militares da costa líbia, entre elas a de Sirte, e a de Bengazi, em fase de construção. Para tal, comentaristas militares declaram que os Estados Unidos têm capacidade para reunir amanhã frente à costa da Líbia, 30 navios da Sexta Esquadra, incluindo 21 navios de combate.

Os dois porta-aviões transportam um total de 175 aparelhos, nomeadamente caças F-14 Tomcat e F-18 Hornet, e caças bombardeiros A-7 Corsair. Pela acção destes meios militares, segundo a agência espanhola EFE, poderiam ser destruídos radares, sistemas electrónicos de escuta e controlos de tráfego aéreo instalados ao longo da costa.

Numa segunda fase deste cenário militar, e depois de aniquilados estes objectivos, a Sexta Esquadra poderia atacar os campos petrolíferos.

Mas, de acordo com as fontes referidas pela EFE, Washington pretenderia, ainda, atacar os campos de treino dos terroristas que alega existirem em território líbio.

Os planos de Reagan vistos no Ocidente

Por seu lado, a cadeia de televisão NBC adiantou que Ronald Reagan já aprovou os planos do ataque «em princípio», mas que antes de dar a autorização final pretende reunir-se com alguns dos seus principais conselheiros.

Mas, para tal ataque, o Presidente dos EUA teria ainda que contar com a colaboração dos aliados europeus. Neste sentido, Reagan pediu autorização a Margaret Thatcher para utilizar contra a Líbia jactos norte-americanos F-111 baseados na Grã-Bretanha. Estas informações veiculadas pelo «Daily Mail», não foram, no entanto, confirmadas pelos serviços do primeiro-ministro britânico, que as descreveram como «puramente

especulativas». O jornal adianta que a recepção que a «dama de ferro» deu ao pedido de Reagan foi «fria», o que, adianta o «Daily-Mail» motivou a ida, por duas vezes, de altos funcionários norte-americanos à sede do governo britânico para apresentar provas de que Kadhafi estava envolvido no atentado à bomba ocorrido na semana passada numa discoteca de Berlim. «Na noite passada, fontes norte-americanas disseram que a senhora Thatcher considerava o pedido de Reagan com melhores olhos», afirma na sua edição de hoje o «Daily Mail».

No entanto, em Bona, o chanceler alemão federal manifestou ontem a sua confiança de que Washington actuará com razoabilidade no diferendo com a Líbia. Falando numa conferência de Imprensa, Helmut Kohl, embora referindo não ter conhecimento de qualquer intenção dos Estados Unidos de exercerem represálias militares contra a Líbia, adiantou que «quando se inicia uma acção desse tipo, há que saber como vai acabar». O chanceler alemão federal considerou, ainda, não ver razões para mandar regressar de Trípoli os mais de mil cidadãos alemães federais que ali trabalham.

Moscovo nega acordo de não intervenção

Entretanto, as declarações de Kadhafi sobre a posição expressa pelo secretário geral da NATO, nas quais o líder líbio sublinhou que todas «as cidades do Sul da Europa são declaradas como fazendo parte da zona de contra-ataque líbio, pois as ameaças proferidas contra a Líbia emanam não sómente dos Estados Unidos mas igualmente da NATO», motivaram que a Itália tenha pedido uma reunião urgente dos ministros dos Negócios Estrangeiros da CEE para discutir a tensão no Mediterrâneo.

Por seu lado, o primeiro ministro, Bettino Craxi rejeitou as ameaças líbias contra a Itália, sublinhando os perigos de um «confronto militar», aparentemente numa referência a notícias da planeada acção dos EUA.

Por fim, um porta voz do ministério dos Negócios Estrangeiros soviético negou que Moscovo tenha decidido não intervir, se os Estados Unidos se envolvessem nun conflito militar com a Líbia. Deste modo, Valery Sukhin desmentiu uma informação posta a circular, segundo a qual, a URSS não interviria num confronto militar líbio-norte-americano, desde que fosse breve e restrito a alvos militares.

Marcada pela teologia da libertação a Igreja brasileira está muito empenhada na acção social e política. Isto não a impede de ter, noutros domínios, reacções abertamente conservadoras

Os silêncios da igreja brasileira

Charles Vanhecke

Serviço Le Monde/DI.

Na sede da conferência episcopal, em Brasília, a porta de Dom Luciano Mendes está sempre aberta. Quando deixa a sua diocese do Estado de São Paulo, torna-se secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros (CNBB), lugar que ocupa há sete anos, e cujo primeiro titular foi Dom Helder Câmara, no início dos anos 50.

O quartel-general dos bispos é um edifício austero, cuja frieza contrasta com a catedral vizinha, desenhada em forma de rosácea por Oscar Niemeyer. Nas paredes, pequenos cartazes de várias campanhas de fraternidade. Dom Luciano é a gentileza em pessoa. Embora esteja cair de sono, aceita receber-nos. De vez em quando fecha os olhos mas as suas respostas mostram que na verdade não dorme.

Reforma agrária, acção social do governo Sarney, Teologia da Libertação, reunião dos bispos brasileiros com o Papa, os assuntos sucedem-se, mas não eletrizam a atmosfera. A conversa cai no filme de Godard. *Je vous salue Marie*. E sobre a sua interdição, que muito prejudicou a Igreja. Então Dom Luciano Mendes acorda, entusiasma-se mesmo. E, para justificar a interdição, esse homem inteligente, culto, desenvolve um arsenal dialéctico digno dos velhos tempos. Julgar-nos-íamos, de súbito, numa peça de Montherlant.

O silêncio da Igreja sobre o governo Sarney é o primeiro tema abordado. Essa Igreja que, durante vinte anos, foi o principal partido de oposição do regime militar. Quem cala consente? O episcopado brasileiro não renunciou evidentemente à palavra: há vários meses que faz campanha pelo «direito à terra». Mas todos reconhecem que ele se tornou um poderoso aliado do chefe de Estado. Sarney faz uma política que se parece muito com a que ele preconizava quando era jovem deputado, inspirando-se na doutrina social da Igreja.

É uma «política renovadora» diz o secretário-geral de CNBB. Dom Luciano Mendes estava, com uns quinze bispos brasileiros, na reunião de três dias que se efectuou em meados de Março, com o Papa. «Falámos dezoito horas com João Paulo II e também discutimos com os chefes das congregações romanas. Roma perguntou-nos se não tínhamos tendência para abandonar o espaço espiritual da acção pastoral e dar mais importância aos problemas políticos e sociais. Respondemos que não. A Igreja brasileira faz um esforço de pregação integral.»

A Teologia da Libertação esteve, evidentemente, na ordem do dia da reunião do Vaticano. «Alguns pretendem que

ela está impregnada de marxismo. De modo nenhum. Alguns teólogos, talvez... O novo documento do Papa insiste, de resto, nos aspectos positivos dessa doutrina.»

A punição de silêncio imposta em Maio de 1985 ao franciscano Leonardo Boff e recentemente levantada, «não tinha nada a ver com a Teologia da Libertação». Boff foi reduzido ao silêncio porque no seu livro *Igreja, Carisma e Poder*, «punha em causa o poder da Igreja, e pedia uma rectificação.»

O que está igualmente em causa é o militantismo de certos bispos brasileiros, como Dom Pedro Casaldaliga que foi a Manágua apoiar o regime sandinista e partilhar o jejum do ministro dos Negócios Estrangeiros, o padre Miguel d'Escoto. «O que dizemos é que se trata de uma posição pessoal e que Pedro Casaldaliga tinha o direito de jejuar para defender a soberania do povo nicaraguano contra a agressão exterior. O homem deve ser defendido em todas as suas dimensões. A acção da Igreja deve ser integral.»

A reforma agrária

A CNBB manifestou-se muito o ano passado sobre a necessidade de uma reforma agrária no Brasil. Ela apoiava o projecto inicial do governo Sarney e desejava mesmo que ele fosse mais radical. Ora, há vários meses, calou-se.

Dom Luciano Mendes explica-se. Não sem previamente dizer qual o sentido que a Igreja brasileira dá à reforma agrária: «Nós damos-lhe um sentido social, humano. Por um lado há os que acham que não se deve partilhar a terra, que os grandes latifúndios são necessários, porque, sendo mecanizáveis, são mais produtivos. Permitem pois aumentar a oferta alimentar. Quanto a nós insistimos no direito de todos trabalharem a terra e no seu significado. Como ela pode valorizar o indivíduo, o seu ambiente cultural e familiar. O homem não pode ser um simples pião que é deslocado de um lugar para outro.»

O projecto inicial previa expropriações, sem negociações prévias com os proprietários. O plano definitivo insiste muito na necessidade de negociar. «Mas o governo negocia com firmeza, diz Dom Luciano

Mendes. A reforma faz-se. O próprio texto não é muito bom. Mas os homens que o aplicam, esses, são-no».

Os homens, quer dizer, o presidente Sarney que assina, ele próprio, todos os projectos de expropriação, e o ministro da Reforma Agrária, Nelson Ribeiro, colocado no seu posto por recomendação da Igreja e que foi mantido depois da remodelação ministerial de Fevereiro. Dom Luciano Mendes também acha que o governo faz um esforço para impedir a violência dos grandes latifundiários que ocupam ou defendem as suas propriedades a tiro. Violência que, no ano passado, fez 285 vítimas, na sua maioria sindicalistas rurais, a acreditar na Confederação dos Trabalhadores Agrícolas.

Outro «satisfecit»: o que foi dado à acção social do governo. Os programas actuais são considerados eficazes porque são levados a cabo pelas organizações comunitárias. «Antes, o dinheiro ficava no bolso dos políticos». Pelo contrário, a política indigenista deixa muito a desejar. A organização governamental encarregada da protecção do índio «não tem uma acção muito clara nem muito eficaz».

Falamos agora do filme de Godard. Sensibilizados por anos de censura, os meios artísticos e culturais há três meses que protestam contra a interdição de *Je vous salue Marie*; decidida pelo próprio presidente Sarney. As universidades manifestaram-se contra o veto presidencial e organizaram projecções do filme em nome da liberdade de expressão.

Censura e liberdade

O caso prejudicou muito a Igreja, que está na origem da interdição.

«Quando o presidente Sarney nos visitou no fim do ano passado, disse-nos à partida: «vou proibir o filme». Na altura não sabíamos de que filme se tratava».

— Mas pediram a sua proibição?

— Não. Criticámos o conteúdo do filme. Só isso. A Imprensa é que nos forçou a tomar posição.

— O que é que os incomoda nessa obra?

— A Virgem de Jean Luc Godard não tem nada a ver com a Virgem de São Lucas. Enquanto esta tem o sentido da sua missão, a de Godard espanta-se por ir ser mãe. E o por acaso. O cineasta pretende ter feito um filme de fundo histórico e bíblico e ter dado à Virgem uma apresentação mais actual. Na verdade ele atentou contra a verdade histórica e fez um filme de tese. Pretende demonstrar que os

cristãos não têm o privilégio da Imaculada Conceição. Que qualquer mulher pode ser virgem e ter um filho. Ele quer mostrar que Maria, no fundo, nada tinha de extraordinário. Foi isso que nos desagradou.

— Mas daí a proibir o filme?

— A Imprensa pô-nos logo o problema da liberdade de expressão. Esta é, sem dúvida, necessária.

Mas o respeito pela verdade também o é. A liberdade de expressão implica o respeito pela expressão alheia.

— O que diz é válido para qualquer obra contrária à verdade histórica.

— Se, por exemplo, se dissesse que Joana d'Arc foi comprada.

— Seria necessário censurar?

— Neste caso preciso não tenho a certeza. É muito difícil e, sem dúvida, impossível, exercer uma censura. Mas, em todo o caso, se um leite estiver envenenado eu devo impedir que ele circule. Até que ponto podem circular as ideias deformadas, envenenadas?

— Os estudantes que viram o filme não se sentiram chocados.

— É porque não são conscientes.

— Mas o Estado pode decidir o que o cidadão tem o direito de ver?

— O Estado, não. Mas a sociedade deve defender-se daquilo que abafa a verdade. Ela deve fazer respeitar os seus valores fundamentais, proteger o bem comum. Se um rio está envenenado com produtos químicos não é só ao Estado que compete reagir. Os próprios cidadãos podem protestar contra a poluição da água.

— Não acha uma tal comparação chocante?

— É o problema da liberdade. Aquele que fuma junto de um tuberculoso defende a sua liberdade de fumar mas atenta contra a do tuberculoso.

— Uma vez mais, é obrigado a intervir?

— Havia um telegrama do Papa sobre o filme. Não podíamos deixar de reagir. Se fosse um muçulmano que tivesse feito o filme, não teríamos dito nada, porque ele não conhecia o tema. Mas alguém que conhece e deforma propositalmente os factos...

— A polémica não prejudicou a Igreja?

— Ela foi explorada pela direita. A direita disse: «Essa Igreja que quer repartir a terra, quer impedir as pessoas de pensar». No dia seguinte em que respondemos aos jornalistas sobre *Je vous salue Marie*, demos uma conferência sobre os conflitos da terra, que fazem uma morte por dia. Não houve uma linha nos jornais que na véspera tinham aberto as suas colunas ao caso do filme de Godard.

Rui Águas: "amanhã seremos campeões"

Ele é o novo goleador da turma da Luz, tem apenas 25 anos e chama-se Rui Águas: filho dessa velha «glória» do futebol português que foi José Águas, detentor de um palmarés invejável onde «moram» quatro «Bolas de Prata». Será o Rui capaz de repetir esta proeza?

«É praticamente impossível. O meu pai foi um avançado-centro clássico, difícil de igualar nos nossos dias. No entanto, possuía características que lhe permitiriam praticar o futebol actual. Há quem fale em semelhanças entre nós: não as posso ajuizar porque o meu pai, aos 18 anos, já era titular da equipa principal do Benfica, enquanto eu tenho vindo a efectuar uma carreira em ascensão gradual melhorando de ano para ano e só agora aqui cheguei.»

O jovem ponta-de-lança começou bem por baixo no futebol adulto: pelo Sesimbra, clube que na altura militava na 3.ª Divisão.

«Iniciei-me a sério no futebol aos 17 anos e num pequeno clube de bairro, o Cultura da Pontinha, que costumava organizar vários torneios para a promoção de jovens jogadores. Foi no decorrer de um desses torneios e após um encontro que disputámos com o Sporting, que um dirigente da turma de Alvalade me convidou a ingressar no clube leonino. Aceitei e aí cheguei a internacional juvenil: contudo, pouco tempo depois lesionei-me e fiquei dois anos e meio afastado dos relvados. Depois, pensei que não iria regressar ao futebol. Mas, surgiu



Estilo que define classe e objectividade

o convite do Sesimbra: fui para lá, ao mesmo tempo que me inscrevia no 1.º ano do ISEF, curso que ainda hoje está por acabar. No Sesimbra, mantive-me durante duas épocas, tendo na segunda ajudado o clube a subir à 2.ª Divisão: para mim foi a segunda alegria no futebol (a primeira foi quando fui internacional juvenil). Transferi-me a seguir para o Atlético, onde apenas permaneci um ano, seguindo para Portimão: sacrifiquei um pouco a minha vida de estudante (que até então levava) e, em parte, a vida familiar, mas por outro lado encarei com muita garra e determinação a ida para um clube do escalão superior e por conseguinte de um outro futebol.»

Encontra-se com o técnico Manuel José que transitou no final da época passada para o Sporting: na sua agenda estava o Rui Águas. Porém o Benfica an-

tecipou-se.

«O interesse do Benfica no meu concurso já vinha de trás, no entanto o actual treinador dos 'leões' chegou a falar comigo para uma possível ida para o 'grémio' de Alvalade. Já agora, aproveito para referir que Manuel José, além da forte personalidade que possui, é corajoso e não tem medo de arriscar: para ele quem está bem é quem joga. Desde há alguns anos a esta parte que o Sporting não tem vindo a fazer aquilo que lhe é exigido: esta época isso tornou a acontecer mas o seu treinador tem todas as condições para melhorar o rendimento da equipa a curto prazo.»

Na actual temporada, os leões estão desde há algumas jornadas afastados do título embora se esteja ainda por apurar o campeão a duas jornadas do final do campeonato. Como será?

«Não restam dúvidas que o trono irá pertencer ao Benfica pese o facto de o Porto estar muito próximo de nós. Os encontros que nos restam são bastante difíceis mas também não sabemos o que a equipa 'azul-e-branca' poderá aguentar. Neste momento nós é que seguimos na frente e portante com todas as condições de arrebatarmos o título à turma portista. E acredito que isso já aconteça amanhã. A seguir temos a Taça de Portugal e embora ainda tenhamos que passar o Penafiel estou confiante que a conquista do troféu não nos fugirá mesmo considerando a oposição belenense na final. Isso culminará uma época em grande para mim que vim de fora de um universo diferente e de um clube sem tantas ambições.»

Não restam dúvidas que Rui Águas foi a melhor aquisição

feita pelo Benfica para a época que em breve terminará. O jogador, por várias vezes «salvou» o Benfica de grandes apuros obtendo o gol da vitória ou do empate.

«Não me sinto o salvador do Benfica, porque isso somos nós todos. Quanto à marcação dos golos, como é natural sinto-me satisfeito, mas a grande verdade é que é essa a minha verdadeira obrigação. Ou seja: concluir as jogadas efectuadas pelos meus colegas.»

Quanto à minha permanência no clube «encarnado», tem sido uma temporada semelhante às anteriores porque as coisas não me têm sido oferecidas sem lutar por elas. Trabalhei muito ao longo da época para hoje ocupar a posição que me foi entregue.»

Dadas as excelentes exhibições e o número de golos que tem apontado, o seleccionador chamou-o para os trabalhos da turma nacional, quando dos jogos de preparação. Neste momento há quem afirme que está encontrado o parceiro de Fernando Gomes para o «Mundial» do México. Verdade?

«Fui chamado à selecção num período em que o justificava e tenho conseguido manter uma forma regular. Quanto à possível ida ao México, é claro que tenho esperanças em representar a selecção de todos nós mas, por outro lado, já me habituei a não me convencer demasiado das coisas, porque a seguir a desilusão é maior. Contudo, continuo a dizer que em princípio, poderei vir a fazer parte do lote dos convocados. Referindo-me ao torneio em si e sendo Portugal capaz de realizar o melhor e o pior, penso que se tudo nos corresse bem já não surpreenderíamos muita gente depois do que se passou no «Europeu» de França. E um lugar no pódio é muito possível.»

Além de ser filho de um grande futebolista, Rui é primo do Raúl Águas que ainda na época passada calçava as chuteiras. Porém, resolveu arrumá-las e fazer uso do diploma de treinador: nada mal, pois a turma que orienta o Desportivo de Chaves (o grande sensação no campeonato.

«Nunca vi o meu pai jogar,

José Águas, o pai:

"Prometera um outro Águas aos sócios do Benfica"

Diz o pai, o famoso José Águas:

Como filho, ele tem sido um rapaz exemplar: bom estudante, amigo dos pais, das irmãs e das sobrinhas, a quem deu muita papinha e mudou muitas fraldas. Como jogador, tem feito uma carreira rápida e ascendente. Considero, até, que neste momento já se tornaram verdadeiras as afirmações do técnico Manuel José: «Quando o Rui explodir em todas as suas potencialidades futebolísticas, será um caso muito sério.»

Na minha qualidade de pai sinto-me vaidoso e feliz porque quando foi a minha festa de despedida e regressava aos balneários do Estádio da Luz, peguei no Rui (que tinha na altura quatro anos) e levei-o ao centro do terreno com um propósito: esperem que, em breve, outro Águas vestirá a camisola encarnada. Neste momento sinto que cumpri a minha promessa para com



todos os benfiquistas. No entanto, terei de referir que isso só foi possível porque ele tem muito jeito e habilidade, caso contrário nada feito. Mas, ao longo de todos estes anos sempre tive muita fé de que ele seria um bom jogador de futebol.

Raul Águas,

o primo:

"Ele vai longe!"

Raul Águas:

Nunca vi o José Águas actuar, mas sei que foi um dos melhores jogadores na sua época. Quanto ao Rui, gosto muito de o ver em campo: além da sua capacidade técnica (que é grande) está a adquirir uma certa agressividade (no bom sentido) o que é muito importante no futebol de hoje. Tenho a certeza de que irá longe...



Nosso adversário no México

Marrocos inicia treinos

A selecção de Marrocos inicia na 2.ª-feira um estágio-concentração de 20 dias nos arredores de Rabat englobado na preparação para o «mundial».

Marrocos está incluído no grupo 'F', juntamente com Portugal, Polónia e Inglaterra, e efectua o primeiro jogo a 2 de Junho, em Monterrey, com a

Polónia.

Vinte e cinco jogadores foram convocados para os trabalhos visando também a preparação para o primeiro jogo particular, com a Irlanda do Norte, a 23 do corrente. Vários jogadores profissionais (incluindo quatro que militam em França e dois na Suíça), estão entre os convocados. Mer-

ry Krimau (do Havre) e Hassan Hanini (do Bordéus), alinham em clubes da 1.ª divisão, do campeonato francês.

Saliente-se ainda a presença do centro-campista Mohammed Timoumi, que regressa à actividade após longo período de ausência (cinco meses) devido a uma lesão.

Este fim-de-semana, na Estrela

Jogos na neve dos jornalistas

O Clube Nacional de Montanhismo da Covilhã, a Comissão Regional de Turismo da Serra da Estrela e as Câmaras Municipais da Covilhã, Seia e Manteigas promovem no próximo fim-de-semana os «Primeiros Jogos na Neve dos Jornalistas».

A iniciativa inclui na sua organização a Escola de Esqui

local e a Anop/Guarda e não se limitará apenas aos jogos propriamente ditos: um almoço regional e um convívio musical, à noite, no primeiro dia, reservam algumas surpresas aos participantes que assistirão à exibição do Rancho Folclórico de Unhais da Serra, depois do jantar.

No domingo haverá, depois

das provas de neve na pista do Torre, uma queimada montanhista antes do almoço e da distribuição de prémios.

De Lisboa sairá um autocarro da «Barraqueiro» no sábado de manhã que a caminho da Covilhã passará por Ponte de Sor, Vila Velha de Ródão e Castelo Branco.

FIFA regulamenta preparação dos finalistas

Os finalistas do Mundial de Futebol não podem disputar jogos oficiais no México contra clubes ou seleções a partir de 30 de Abril, segundo decisão da FIFA. Divulgada na sua última circular sobre as normas a respeito da preparação dos 24 países finalistas, após ter interditado a utilização dos estádios que vão ser utilizados no Mundial.

As condições para disputa de jogos de treino impõem que não haja cobertura televisiva, nem cobrança de bilhetes e que não sejam utilizados equipamentos com as cores nacionais.

A partir de 30 de Maio cada equipa poderá utilizar os estádios do Mundial na véspera dos jogos, numa sessão de 45 minutos, e no dia do confronto disporá de um período de 20 minutos para aquecimento.

A FIFA anunciou ainda que vai ser realizado a 27 de Julho um jogo de beneficência entre a seleção das Américas e uma equipa do resto do mundo, com receita a reverter para as vítimas do sismo do México.

Futebolistas acusados de assalto

Três futebolistas do Liverpool vão responder em tribunal no próximo mês por acusações de assalto após um incidente exterior de um clube nocturno, revelaram fontes da Polícia. São eles os internacionais ingleses Sammy Lee e Paul Walsh e o reservista John McGregor.

Um porta-voz da Polícia disse que três homens vão prestar declarações sobre um incidente ocorrido a 27 de Março, próximo do clube nocturno Coconut Grove, no Noroeste da cidade, mas recusou identificá-los oficialmente.

Batalha campal em Bilbao

Mais de trinta pessoas ficaram feridas numa desordem entre adeptos de futebol e a polícia após o encontro de futebol Atlético de Bilbao-Barcelona, para a «Taça do Rei». O Barcelona derrotou o Atlético de Bilbao, por 2-1, qualificando-se para a final da Taça (com 3-1 no total de ambas as mãos) indo derrotar o Saragoça que eliminou o Real Madrid (por 4-3, no total). Os adeptos do Bilbao manifestaram o seu descontentamento para com a arbitragem, invadindo o relvado no final do encontro e construindo também barricadas no centro da cidade. A polícia, que foi agredida com «sticks» e garrafas, carregou os manifestantes com bastões e disparou balas de borracha: o confronto prolongou-se por cerca de quatro horas e mais de 30 pessoas ficaram feridas, tendo de receber assistência hospitalar.

Bordéus vende Tusseau

O futebolista «internacional» francês Thierry Tusseau (do Bordéus) assinou um contrato por dois anos com o Racing Club Paris. O futebolista (de 28 anos), que transitou há três anos do Nantes para o Bordéus, é considerado muito provável na selecção francesa que vai disputar o «Mundial» do México.

Tusseau, que actua na posição de defesa ou no meio-campo, assinou um contrato com um clube ambicioso, que venceu a sua zona da 2.ª divisão e disputará o título nacional com o Saint-Etienne este mês. O Racing, capitaneado esta época pelo defesa «internacional» Maxime Bossis, contratou na semana passada o centro campista Bruno Germain (do Nantes), o extremo-direito Berbandi Bureau (do Lille) e os defesas Loïc Perard (do Laval) e Jean-Luc Le Maqueresse (do Brest).

Moção de confiança

Quando restam três escassas horas para o termo do campeonato n.º 52 da história do futebol português, a efervescência cresce, a expectativa agiganta-se, o interesse aumenta, as dúvidas (algumas) persistem, a emoção continua. Título por decidir, dúvidas quanto à definição dos despromovidos ainda que ao SC Covilhã esperanças não restem, Belenenses e Boavista dependentes de outros quanto ao seu posicionamento nas competições da UEFA. Tudo isto, quando faltam duas jornadas. Amanhã, nos palcos do Bonfim e da Luz poderá decidir-se a questão do título ou deixá-la para a derradeira ronda deste apaixonante campeonato. Se o FC Porto perder ou empatar e o Benfica vencer, haverá festa rija lá para as bandas de Carnide, se o Benfica empatar, e o FC Porto vencer ou empatar mantém-se o adiamento, se o Benfica perder e o FC Porto vencer, a renovação do título só não acontecerá se houver supremo escândalo na derradeira jornada com o SC Covilhã a ganhar aos «dragões» e se, simultaneamente, no Bessa, os comandados por Mortimore derrotarem a turma de João Alves.

Alves Henriques



Benfica (Shêu contando uma anedota) e Sporting (Sousa) comandando o esforço preparam-se para a festa dominical, na Luz

Futebol

Luz e Bonfim: "vulcões" do campeonato

Dia da decisão final ou as previsões se confirmam e tudo fica na mesma? Eis a questão que será respondida pelas 18 horas de amanhã quando, no Bonfim e na Luz, os respectivos juizes dos «escaldantes» encontros Benfica-Sporting e V. Setúbal-FC Porto fizerem ecoar o silvo derradeiro do seu apito.

Prognosticar o que possa vir a ocorrer naqueles confrontos é risco que nos recusamos cometer, já que nem o Benfica-Sporting é jogo de fácil previsão, nem os sadinos estarão dispostos a permitir que o seu poderoso opositor chegue a Setúbal e os «cilindres», tanto mais que perder amanhã poderá muito bem ser a queda na indesejável e fatigante «Liguilla». Vamos portanto aguardar, e aqui lhe deixamos o «calendário» completo do dia futebolístico de amanhã com referência aos árbitros escolhidos:

Chaves - Portimonense, Isidro Santos (Porto); Aves - Braga, Rosa Santos (Beja); Penafiel - Académica, Raul Nazaré (Setúbal); Salgueiros - Belenenses, Alder Dante (Santarém); Benfica - Sporting, Carlos Valente (Setúbal); Covilhã - Boavista, Azevedo Duarte (Braga); Vitória de Setúbal - Futebol Clube do Porto, Veiga Trigo (Beja); e Vitória de Guimarães - Marítimo, Carlos Esteves (Lisboa).

2.ª Divisão

A partida Tirsense - Rio Ave, que poderá representar para os vilacondenses a subida automática à Primeira Divisão, será arbitrada por Santos Ruivo, de Santarém.

Na Zona Centro da Segunda Divisão, em que continuam na luta pelo primeiro posto o Feirense, o Águeda e o Elvas, o Conselho Nacional de Arbitragem escolheu José Guedes, do Porto, Vítor Correia e Serpa Santos, ambos de Lisboa, para

dirigirem os jogos em que participam os candidatos ao título.

Zona Norte: Tirsense - Rio Ave, Santos Ruivo (Santarém); Varzim - Espinho, Miranda Dias (Coimbra); Leixões - Moreirense, Agostinho Santos (Leiria); Paços de Ferreira - Famacão, Júlio Bastos (Coimbra); Amarante - Fafe, Sérgio Miranda (Viana do Castelo); Gil Vicente - Lourosa, Amorim Silva (Porto); Vizela - Paredes, Júlio Mouco (Leiria); e Felgueiras - Vianense, Celestino Alexandre (Vila Real).

Zona Centro: Peniche - Almeirim, Fernando Correia (Lisboa); Elvas - Caldas, Serpa Santos (Lisboa); Alcobaca - Águeda, Vítor Correia (Lisboa); Académico de Viseu - Torriense, Hernâni Silva (Porto); União de Coimbra - Mangualde, Américo Santos (Porto); Feirense - Viseu e Benfica, José Guedes (Porto); Beira - União de Leiria, J. Carneiro Gonçalves (Viana do Castelo); e União de Santarém - Estrela de



Portalegre, Serafim Alvito (Évora).

Zona Sul: Sacavenenses - Farense, Heliodoro Saraiva (Setúbal); Lusitano Évora - Torralta, Francisco Passeiro (Lisboa); União da Madeira - Silves, Manuel Santos (Porto); Estoril - Montijo, Joaquim Gonçalves (Porto); Atlético - Oriental, Alfredo Basílio (Lisboa); Barciense - Estrela da Amadora, Mário Luís (Santarém); Cova da Piedade - Nacional, Alfredo Pereira (Lisboa); e Olhanense - Juventude de Évora, António Galrinho (Setúbal).

3.ª Divisão

Série «A»: Vieira - Mirandela, João Mesquita (Porto); Limianos - São Martinho, Bernardo Pereira (Aveiro); Ponte da Barca - Santa Maria, Teixeira Rocha (Porto); Monção - Esporão, Joaquim Grilo (Aveiro); Bragança - Macedo de Cavaleiros, Evaristo Carvalho (Viana do Castelo); Joane - Valenciano, Domingos Barbosa (Porto); Merelinense - Valdevez, Bernardino Castanheira (Aveiro); e Cachão - Trofense, José Silvano (Vila Real).

Série «B»: Ovarense - Lixa, Gil Rosa (Setúbal); Vilanovense - União de Lamas, Abel Fernandes (Coimbra); Ermesinde - Régua, Henrique Santos (Santarém); Valonguense - Sanjoanense, J. Guilherme Tavares (Vila Real); Lamego - Marco, Américo Costa (Aveiro); Cesarense - Freamunde, Vassalo Duarte (Santarém); Vila Real - Infesta, Manuel Cunha Antunes (Braga); e Lousa - Oliveira do Douro, Mário Leal (Leiria).

Série «C»: Póvoas - Marialvas, Guilherme Pascoal (Santarém); Gouveia - Estarreja, Francisco Carço (Portalegre); Oliveira do Hospital - Anadia, Manuel Rodrigues Silva (Guarda); Penalva do Castelo - Mealhada, Manuel Brás (Vila Real); Oliveirense - Alba, Joaquim Silva Pereira (Porto); Luso - Guarda, Ramiro Viana (Braga); Oliveira do Bairro - Naval, Miguel Mendonça (Viseu); e Santa-combadense - Vilanovenses, Pinheiro Teixeira (Porto).

Série «D»: Usseira - Rio Maior, Carvalho Pires (Castelo Branco); Portalegrense - Bombarralense, José Serra (Évora); Marinhense - Elétrico, Tavares Silva (Aveiro); Guinense - Fundão, Armando Portulez (Coimbra); Alcains - Benfica de Castelo Branco, António Cabe-

leira (Santarém); Paroquial de Fátima - Alvaizere, Licínio Costeira (Coimbra); Lousense - Nazarenos, Manuel Pinho (Aveiro); e Águias - Mirense, Cortês Baptista (Setúbal).

Série «E»: Fanhões - Cacém, Jorge Jasmins (Funchal); Santa Clara - Vialonga, Reinaldo Santos (Braga); Odivelas - Almada, Manuel Montes (Faro); Vilafrankense - Lusitano dos Açores, José Pratas (Évora); Lisboa e Olivais - Olivais e Moscavide, Fernando Costa (Lisboa); Praisense - Samora, Vitorino Filipe (Faro); Estremoz - Campomaiorense, Carlos Oliveira (Lisboa); e Sintrense - Elvense, Álvaro Gonçalves (Funchal).

Série «F»: Montemor - Imortal, Ilídio Rodrigues (Setúbal); Louletano - Esperança de Lagos, Fernando Rodolfo (Lisboa); Amora - Quimigal, Jorge Coroado (Lisboa); Santiago de Cacém - Comércio e Indústria de Setúbal, Pinto Correia (Lisboa); Estrela de Vendas Novas - Sesimbra, Vítor Nenê (Faro); Aljustrelense - Vasco da Gama, Manuel Leite (Lisboa); Moura - Seixal, João Carlos Miguel (Lisboa); e Quarteirense - Campinense, Francisco Barão (Setúbal).

O traço de Pargana



Leão embarrilado?

— Na sua agenda —

Gimnásia

nos dias 18 e 19

Terá lugar nos dias 18 e 19 do corrente, no Pavilhão N.º 2 do S.L. e Benfica, a IV GIMNÁGUIA, na qual participarão classes de ginástica de 63 clubes dos mais variados pontos do país, num total de 2300 atletas, manifestação organizada pela sua secção de ginástica.

Valdemar Caetano: "Projecto Nordeste"

O aumento do número de praticantes através de um esquema que prevê a criação de novos clubes é o objectivo fundamental do "Projecto Nordeste" de desenvolvimento desportivo. Segundo o professor Valdemar Caetano (coordenador do projecto), este visa também o fortalecimento das associações locais por ele abrangidas. «Dinamizar as potencialidades da região nordeste na solução dos seus próprios problemas de acordo com as exigências de valorização do todo nacional, é acção prioritária, a implementar durante o período de quatro anos, em que o projecto irá decorrer» — afirma o professor Valdemar Caetano, director do IND de Lamego.

Para concretização da iniciativa haverá uma garantia de intervenção do Centro Regional de Formação Desportiva de Lamego, na estruturação de todo o enquadramento técnico que suporta as actividades que o «Projecto Nordeste» engloba. O lançamento deste projecto pertenceu à Secretaria de Estado dos Desportos, e a sua concretização irá contar com o apoio das delegações e associações dos desportos dos distritos de Bragança, Vila Real, Viseu e Guarda.

Governo da Madeira revê política de opções financeiras

O Governo Regional da Madeira vai rever a política de apoios financeiros ao desportos profissionais e amadores da região, de forma assegurar a sua efectiva aplicação pelos clubes.

Os responsáveis madeirenses pretendem definir normas que garantam a aplicação por parte dos beneficiados das verbas canalizadas pelo Executivo, nomeadamente ao nível das modalidades amadoras. Segundo as mesmas fontes, o Executivo está disposto a dar prioridade ao desporto amador no âmbito da actividade educativa embora se recuse a aceitar que seja «institucionalizado o hábito» de ser o sector público a suportar todas as despesas inerentes ao mesmo.

Actualmente, o Governo regional da Madeira suporta cerca de um quinto dos custos das actividades amadoras e atribui ainda significativos subsídios aos três clubes madeirenses que participam nos campeonatos nacionais de futebol: Marítimo, União e Nacional.

Além do «estatuto regional de apoio à média competição» agora aprovado, o Executivo madeirense tem em estudo vários projectos com vista à dinamização do desporto escolar e modalidades amadoras, devendo tomar em breve novas decisões sobre o sector.

Pelé é candidato a deputado

Edson Arantes do Nascimento (o «rei Pelé»), vai apresentar-se como candidato a deputado nas eleições para a Assembleia Constituinte que se efectuam em Novembro, confirmou o líder do Partido Liberal do Brasil (PL), Álvaro Valle.

Valle disse que Pelé, legenda máxima do futebol brasileiro e actualmente convertido em empresário, pretende disputar um dos lugares da Assembleia Constituinte, à qual caberá aprovar a futura Constituição Política do Estado.

Outro dos partidos que já manifestou interesse em colocar Pelé nas suas listas eleitorais foi o Partido Democrático dos Trabalhadores (PDT), dirigido pelo governador do Rio de Janeiro, Leonel Brizola.

Pelé, actualmente ligado a importantes empresas nos Estados Unidos e no Brasil, actua também episodicamente como comentador desportivo em vários canais da televisão brasileira, sobretudo em relação aos encontros de preparação da selecção brasileira para o próximo Mundial do México.

"J0/92": cidade de Paris é examinada

A Comissão de Avaliação do Comité Olímpico Internacional examinará a partir de amanhã a candidatura da cidade de Paris aos Jogos Olímpicos de 1992.

Depois da visita a Barcelona, também candidata, a comissão composta por Gunnar Ericsson (Suécia), Nikos Filaretos (Grécia) e Mohamed Zerguini (Argélia) será recebida por Jacques Chirac, «maire» de Paris e primeiro-ministro francês.

O facto de Chirac acumular as funções de «maire» e chefe do Governo pode, segundo os observadores, constituir um reforço da candidatura parisiense.

Colectividades

Clube Oriental de Lisboa — assembleia geral no dia 18

Para apresentação e votação do relatório e contas do ano de 1985 e eleição dos corpos gerentes, vai realizar-se pelas 21 horas do próximo dia 18 do cor-

rente a assembleia geral do Clube Oriental de Lisboa, a qual terá lugar na sede social da colectividade (Praça David Leandro da Silva). Seguidamente realizar-se-á uma sessão extraordinária para «apreciação da suspensão de dois associados, por motivos disciplinares».

Atletismo

Estafeta Cascais-Lisboa realiza-se amanhã

Uma selecção de Madrid, juntamente com mais 17 equipas portuguesas, participa na 52.ª edição da estafeta Cascais-Lisboa, que se realiza no próximo domingo. Dois conjuntos do Benfica ('A' e 'B'), outros dois do Sporting, também dois do Belenenses, uma equipa do FC Porto, uma selecção do Porto, uma selecção de Aveiro, o Imortal de Albufeira, Grupo Sportivo de Loures, Centro de Atletismo de Campolide, Ginásio Clube 1.º de Maio (de Aqualva), Desportivo Operário Rangel, Clube do pessoal da EDP, DesportoS Juventude Mira-Sintra e Centro de Desporto Popular de Odivelas, constituem o conjunto das restantes equipas que participarão na próxima edição de Cascais-Lisboa.

A corrida iniciará às 9 e 30, junto do Pavilhão dos Desportos de Cascais, e termina na Praça das Indústrias, frente às instalações da Feira Internacional de Lisboa. Os percursos, em número de cinco, são os seguintes: Cascais-Estoril, Estoril/Parede, Parede - Paço de Arcos, Paço de Arcos - Algés e Algés - Belém. A organização da prova pertence à Associação de Atletismo de Lisboa, com a colaboração das câmaras municipais de Cascais e Lisboa.

A 1.ª edição da estafeta Cascais-Lisboa teve lugar em 1932 e, até ao momento, o clube com mais vitórias nesta prova é o Sporting (32), seguido do Benfica (14), dos Vendedores de Jornais (com 3), e do Belenenses (com 2).

Troféus do ano 1985

O campeão olímpico Carlos Lopes e o sportinguista António Abrantes receberam, respectivamente, os troféus do «atleta do ano» e da «Revelação do ano», referentes a 1985, e instituídos pela Associação de Atletismo de Lisboa (AAL). Os «troféus do ano», pela primeira vez atribuídos, foram feitos através de uma votação efectuada entre os jornalistas que acompanham regularmente a actividade daquela Associação, cabendo a cada um dos votantes indicar, de forma ordenada, os três melhores em cada um dos sectores premiados, aos quais é atribuída uma pontuação determinada (5 pontos ao primeiro, 3 ao segundo e 1 ao terceiro).

O troféu de «treinador do ano» foi atribuído ao professor Moniz Pereira, treinador nacional da modalidade (45 pontos), o de «dirigente do ano» a Mário Paiva, presidente da AAL (42 pontos), o do «clube do ano» ao Sporting Clube de Portugal (43 pontos) e o de «juiz do ano» a Jorge Salcedo (55 pontos).

A direcção da Associação de Atletismo de Lisboa elegeu também entre si o «jornalista do ano» e a «dedicação do ano» à modalidade, troféus que foram entregues, respectivamente, a Arons de Carvalho, do semanário 'Record' (34 pontos) e a Márcio de Almeida, responsável pela secção de atletismo do Benfica (3 pontos).

Ciclismo: Loures apresentou "GP"

O VII Grande Prémio Ciclista de Loures para profissionais foi apresentado à Imprensa e disputar-se-á nos dias 18, 19 e 20 do mês corrente naquele concelho, devendo participar na prova (integrada no calendário nacional da modalidade) as nove equipas com ciclistas pro-

fissionais existentes em Portugal, a saber: Sporting, Torreense, Sangalhos, Lousa, Boavista, Ajaceto, Távira, Olhanense e Ourivesaria Gouveia.

Este «GP» será disputado em cinco etapas, a primeira entre Camarate e Moscavide (100 km), a segunda num circuito em

«GP» Tabaqueira

Organizado pela Associação de Recreio e Cultura Bairro da Tabaqueira, realiza-se no próximo dia 13 (domingo) pelas 9 horas, o VI Grande Prémio Tabaqueira, na distância de 9 quilómetros e destinado a atletas de todos os escalões etários. Ao que nos consta os prémios são muitos e valiosos.

Portugueses em Tunes

Os atletas Francisco Gravito, António Riscado, Almirante Miranda, Fátima Pacheco e Mário Polónio representarão o Inatel na Meia-Maratona Internacional de Tunes, no próximo dia 13. A prova é organizada pela Associação Nacional de Desporto, Cultura e Trabalho da Tunísia, com quem o Inatel tem mantido regular intercâmbio desportivo.

Cadetes

Vai processar-se na Grécia, de 1 a 10 de Maio, o campeonato da Europa de Futebol para cadetes (menos de 16 anos), com a participação de Portugal. O sorteio dos quatro grupos realizado pela UEFA proporcionou os seguintes agrupamentos: Grupo A: Escócia, Portugal, Grécia e Itália. Grupo B: Bulgária, Suécia, Espanha e Noruega. Grupo C: Dinamarca, Checoslováquia, RDA e Áustria. Grupo D: França, Roménia, Holanda e URSS.

Modalidades

Andebol: Benfica-Sporting amanhã, na Luz

Enquanto o Belenenses recebe, pelas 18 horas de hoje, o Académico de Braga, o Sporting desloca-se, na tarde de amanhã, ao pavilhão do Estádio da Luz para ali defrontar o Benfica. Como se sabe, apenas os azuis e os «leões» são candidatos ao título e daí a importância dos jogos constantes da jornada deste fim-de-semana.

Outros jogos: No grupo B (5.º ao 8.º lugar), disputam-se amanhã os encontros FC Porto-Salgueiros (11 horas) e Vitória de Setúbal - Sanjoanense (17 e 30). A Académica de S. Mamede recebe hoje (17 horas) o Encarnação, em partida referente à quinta jornada do grupo C (9.º ao 11.º lugar).

Fase de apuramento da II Divisão

A sétima jornada da fase de apuramento da Nacional da II Divisão disputa-se hoje, de acordo com o seguinte calendário:

Zona Norte: Quimigal - Braga, S. Bernardo - Vilanovense e Infesta - Maia, todos às 21 e 30.

Zona Sul: Almada - Nautico (19 horas) e Amadora - Pedro Nunes (19 e 30).

A jornada completa-se amanhã (18 horas) com a realização do encontro entre o Paço de Arcos e o Atlético de Sismaria.

Hóquei em patins: Benfica venceu o Cascais em encontro antecipado

O Benfica venceu, ontem, o Dramático de Cascais por 14-3 em jogo correspondente à 20.ª jornada que hoje se completa com a realização dos seguintes encontros:

Sesimbra - Belenenses; Académica da Amadora - Paço de Arcos; Sporting - Sporting de Tomar; Famalicense - Ferpinta; Oliveirense - FC Porto; Sanjoanense - Juventude de Viana.

Refira-se a importância do jogo Sesimbra - Belenenses cujo resultado poderá ser decisivo para as aspirações dos quadros em confronto. Todos os jogos terão o seu início pelas 17.30 horas com excepção do Sanjoanense - Juventude de Viana que começará às 21.30 horas.

Râguebi: Itália-Portugal para o «Europeu»

Depois das derrotas aversadas frente à Roménia e à França, a selecção portuguesa encontra-se em Itália para amanhã defrontar a formação daquele país em encontro a contar para o «Europeu» da FIRA. O jogo realiza-se pelas 16 horas e a comitiva portuguesa regressará pelas 15 horas de segunda-feira.

Luta: árbitros

Dois árbitros portugueses participam no campeonato europeu de luta, nas modalidades de livre e greco-romana, a realizar em Atenas: Luís Caldas e Mariano Pedro serão juizes de combates destes campeonatos que vão decorrer na capital grega, entre 14 e 21 do mês em curso.

Fórmula Um: "GP" de Espanha

Senna mais rápido nos treinos

O brasileiro Ayrton Senna, que fez o melhor tempo na primeira sessão dos treinos oficiais do GP de Espanha de F-1 (1.21.605) afirmou que ainda pode baixar aquela marca.

Senna, que conseguiu a volta mais rápida quando estavam já a terminar os treinos para a segunda prova do Campeonato do Mundo de F-1, disse aos jornalistas que não esperava tal resultado, uma vez que não «pedira» ao carro o máximo das suas possibilidades e acrescentou ainda, que tivera sorte na sua

derradeira tentativa e que hoje poderá baixar ainda mais o tempo, quando o motor do seu Lotus-Renault atingir o máximo da afinação.

A principal dificuldade do circuito, na opinião de Senna, são «os inúmeros desníveis, que tornam difícil o controlo do carro». Inquirido sobre a importância de conseguir a primeira posição na grelha de saída, num circuito em que os pontos de ultrapassagem são escassos, o volante brasileiro referiu que «é sempre preferível sair na frente,

mas, de qualquer modo, a corrida é uma coisa muito diferente dos treinos e nela podem sempre suceder muitas coisas».

Senna, que nos treinos livres rebentou o motor do seu Lotus dez minutos depois de entrar na pista, mostrou-se confiante nas suas possibilidades para a corrida de amanhã.

A finalizar o piloto considerou que o circuito de Jerez de La Frontera tem muitas curvas, mas não é excessivamente duro para os condutores.

Laura Antonelli: cinema de nu e sexo explícito

O nu e o sexo explícito predominam na produção cinematográfica italiana e, enquanto muitos críticos são de opinião de que esses filmes são uma edição revista e melhorada dos velhos filmes pornográficos, atresem como Stefania Sandrelli e Laura Antonelli conseguem com eles uma revalorização da sua imagem de símbolo erótico.

«Estrelas» italianas estão a lançar-se em força numa frenética competição que leva longe os limites da audácia e conseguem uma aceitação maciça por parte do público. A par da confirmação de actrizes de renome, o género determina também a notoriedade de jovens principiantes.

Para todas elas, actrizes consagradas ou principiantes, o marcado erotismo de personagens e situações tem uma gratificante contrapartida pessoal que explica e justifica os excessos.

Segundo Monica Gueritore, figura destacada da nova promoção de estrelas, ao êxito comercial dos filmes eróticos e aos elevados «cachets» para os actores, junta-se, como principal benefício, a exaltação da protagonista feminina numa cinematografia tradicionalmente tributária do homem.

«Produtores e realizadores — afirma Gueritore, famosa pelos seus nus em filmes como 'Escandalosa Gilda' — redescobriram a mulher. A nova onda erótica liberta as actrizes italianas da condição subalterna em que se encontravam.»

Stefania Sandrelli: um alto prego

A protagonista consolidou pois a sua personalidade. É

agora o centro da acção dramática e os argumentos são escritos para ela.

«Fugimos do papel secundário e decorativo que nos era atribuído» — afirma Stefania Sandrelli, que inaugurou há dois anos a série de filmes de sexo explícito com «A chave», de Tinto Brass.

No entanto, teve de pagar um elevado preço pela sua participação desinibida nesse filme. A crítica especializada criticou duramente a sua presença no filme e a classificação de «pornográfica» não terá sido a mais humilhante que a película recebeu.

«Fui tratada por alguns como se tivesse saído de um bordel. Actualmente são muitas as actrizes que se despem diante das câmaras, mas durante um ano eu estive marcada como se fosse uma perversa» — afirma Stefania que, aos 39 anos, tem 23 de carreira no cinema europeu.

Stefania Sandrelli tornou-se conhecida quando era ainda adolescente, ao interpretar «Divórcio à italiana», ao lado de Marcello Mastroianni. Foi depois chamada a trabalhar com realizadores como Bertolucci, Monicelli e Comencini e estava inactiva havia vários anos quando aceitou interpretar o papel principal de «A chave».



A exibição do filme causou um escândalo considerável e a actriz foi alvo de insultos e ameaças anónimas. Mas Stefania não teve apenas dissabores,

pois em breve choveram as ofertas de trabalho, despida ou não,

por parte de numerosos realizadores.

«Devo muito a 'A chave'. Mas conservo ainda as cicatrizes e a amargura causadas por tanto desprezo e, honestamente, não sei se aceitaria voltar a esse género de filmes.»

Com efeito, recusou-se a trabalhar em «Miranda», também de Tinto Brass, que acabou por oferecer o papel a Serena Grandi, de 27 anos. As consequências foram as esperadas: Serena, desconhecida do público antes da estreia do filme, conseguiu notoriedade de primeira figura, a ponto de se permitir afirmar que aspira a tudo na sua carreira, inclusive ao Oscar de Hollywood.

A intervenção de Serena Grandi em «Miranda», cujo argumentoso inspira na peça «A estalajadeira» de Goldoni, deu razão àqueles que vêem no novo género erótico uma expressão mais ou menos refinada da pornografia. Estes recordam que Serena, antes de ser chamada a trabalhar no filme, foi modelo fotográfico de publicações «só para homens».

Acto-erotismo e decepção

Na opinião de Mariangela Melato, que tem recusado vantajosas ofertas para rodar cenas de nu, estão enganados aqueles que pensam que os filmes eróticos representam uma mudança do papel da mulher na cinematografia italiana.

«Naturalmente que têm sido escritos alguns guiões para mulheres. Mas a situação geral não se alterou. Continua-se aqui ao serviço dos astros masculinos, como Gassman, Mastroianni ou Celentano» — afirma.

Uma poderosa campanha publicitária apoiou a estreia de «La gabbia», de Patrone Griffi, que marcava o reaparecimento, após três anos de ausência, do

maior símbolo erótico do cinema italiano Laura Antonelli.

A expectativa justificou-se plenamente para o público apreciador de cinema erótico, mas decepcionou outros e recebeu comentários desfavoráveis da crítica.

No filme, Laura, de 44 anos, interpreta o papel de uma mulher tirânica, de um apetite sexual insaciável, que domina o seu amante (Tony Musante) e que nele se vinga da violação que sofreu em criança. As cenas de sexo são inúmeras, assim como os nus da actriz, e tão realistas como os actos de auto-erotismo da protagonista.

Laura Antonelli, que chegou a trabalhar com realizadores como Luchino Visconti, declarou-se insatisfeita com o filme:

«Os produtores aumentaram na montagem final as cenas de sexo, em detrimento da qualidade artística do projecto original.»

Para os críticos, há falta de sinceridade nas palavras da actriz, dado que «nega o que sabia de antemão». E acrescentam:

«É inaceitável a sua surpresa com a carga pornográfica do filme. Laura Antonelli não podia acreditar seriamente que, uma vez rodadas, as cenas de sexo não fossem utilizadas na sua totalidade. O que acontece é que ela esperava um grande êxito e acabou como vedeta erótica de um cinema de qualidade duvidosa.»

Federico Maza

EFE/DL em exclusivo para Portugal

Claudia Cardinale "dixit": o meu segredo é a fotografia

Cláudia Cardinale, um dos maiores mitos sexuais do cinema nas décadas de 60 e 70, disse ter aceiteado naturalmente o passar dos anos sobre o seu esplêndido corpo e que — ao contrário da maioria das estrelas que entram na idade madura — nada faz para se manter bela.

«Quando me vejo ao espelho, sinto-me serena, porque não tenho conflitos dentro de mim. Sou contrária à cirurgia estética; penso que o rosto de uma mulher deve expressar a sua própria história, a sua vida.»

Fiel às suas afirmações, Claudia Cardinale — que, de qualquer modo, conserva o seu encanto natural — comprometeu-se com um projecto do director Luigi Comencini, do qual resultará, sem dúvida, uma rotura radical com a sua antiga imagem pública. A sua personagem — tirada de uma novela de Elsa Morante, que foi esposa de Alberto Moravia — retratará uma mulher prematuramente envelhecida, excessivamente gorda e derrotada por uma vida de árdua luta.

«Hoje não me sinto bela — confessou Cardinale, de 47 anos, à imprensa italiana. Sou, unicamente, um animal cinematográfico. O meu segredo é a fotogenia, esse fenómeno misterioso que beneficia a poucos e

destrói os sonhos de muitos. Eu sempre fui favorecida com esse dom.»

Nascida em Tunes, filha de um engenheiro dos caminhos-de-ferro, Claudia Cardinale chegou a Itália em 1957 com o título de «rainha de beleza». No ano seguinte, rodava o seu primeiro filme, «Il Piccione». O realizador da película era precisamente Luigi Comencini, o mesmo que agora lhe propôs uma mudança radical no rumo da sua carreira.

Contudo, o lançamento internacional da jovem actriz deu-se com «Rufufú», de Mario Monicelli, um clássico que é habitualmente conhecido como ponto de partida da comédia «Á la italiana».



Influência de Visconti

Claudia Cardinale, contudo, sente-se extremamente grata a Luchino Visconti, o criador de «O Leopardo».

«Foi Luchino quem fez de mim uma verdadeira actriz. Era muito exigente nas filmagens, mas era tão estimulante trabalhar com ele que, para o satisfazer, não me importava de sacrificar fosse o que fosse.»

De língua materna francesa, Claudia Cardinale teve que aceitar, nos seus primeiros filmes italianos, a dobragem da voz. Mais tarde em «O Leopardo» e em «Rocco e os seus irmãos» junto a Alain Delon, ambos dirigidos por Luchino Visconti.

Mais recentemente, interpretou «Claretta», um filme sobre a vida de Clara Petacci, amante de Mussolini, e «Fitzcarraldo»,

com o alemão Klaus Kinski, «um adorável companheiro de trabalho», segundo as próprias palavras da actriz.

Ginástica diária

Claudia Cardinale tem um filho, Patrick, de 28 anos, que a «fez» recentemente avó, e uma filha, Claudia, com apenas 6 anos de idade. Divorciada do produtor Franco Cristaldi, a ac-

triz vive actualmente com o realizador Pasquale Squitieri, numa pequena localidade nos arredores de Roma. A companhia de Squitieri, um napolitano amante da boa «pizza» e da comida abundante, dissuadiu-a de todas as tentativas de prosseguir uma «dieta de emagrecimento».

«Como de tudo — diz a actriz — e, para me manter em forma, faço diariamente uma hora de ginástica.»

«Como profissional — continua — tive sempre muita sorte, pois o cinema estava num momento excelente quando eu comecei. Trabalhei com grandes realizadores e tive companheiros maravilhosos, como Mastroianni, Gassman e também Sordi, a quem considero o melhor dos actores que conheci.»

«Sobre Alain Delon, posso dizer que, profissionalmente, crescemos juntos. Entre os norte-americanos, admirava muito John Wayne. Ele gostava muito de mim e, quando morreu, deixou-me a sua sela de montar favorita e a chávena em que habitualmente tomava café.»

Roberto Carreras

EFE/DL em exclusivo para Portugal

Na Gulbenkian

Barbara Hendricks e Ralf Gothoni

Integrado na actual temporada musical da Fundação Gulbenkian, realiza-se no próximo dia 15, no Grande Auditório da Gulbenkian, às 18 e 30, o concerto da soprano americana Barbara Hendricks que se estreou há 6 anos e cuja carreira tem sido uma sucessão de êxitos internacionais. Do programa, consta a interpretação de obras de Schubert e Strauss.

Aquela artista, à qual a crítica dos grandes jornais tem dedicado os melhores louvores, é diplomada em canto de concerto e ópera pela «Julliard School of

Music», além de ser licenciada em Química e Matemática pela Universidade de Nebraska, tendo sido aluna nos seus estudos de canto de Jennie Tourel. Estreou-se como cantora de ópera em S. Francisco, em 1976, em «Poppée» e com a Orquestra dos Países Baixos em «Orfeu», no festival da Holanda. Apresentou-se já com companhias de ópera em Boston, Santa Fé, Glyndebourne, Hamburgo e Berlin onde alcançou enorme êxito em Dezembro de 1978, ao interpretar o papel de Suzanna de «As Bodas de

Fígaro», sob a direcção de Daniel Barenboim. Actuou também sob a direcção de Karl Böhm e, no Verão de 1980, obteve um triunfo na figura de Gilda, no Rigoletto, no festival de Orange. No ano seguinte, na figura de Pamina, da «Flauta Encantada» e a seguir desempenhou o papel de Nanette no Falstaff, numa produção conjunta da Ópera de Los Angeles e do Covent Garden, sob a direcção de Giulini. Estreou-se na mesma época na Ópera de Paris no papel de Julieta, em «Romeu e Julieta».

Barbara Hendricks, em concertos, tem-se apresentado praticamente com todas as grandes orquestras da actualidade e os mais prestigiosos maestros, desde Karajan a Mentha, Levine, Abbado, Ormandy, Barenboim, Kubelic, etc. Cantou também em grandes festivais internacionais na Europa e no Japão, possuindo numerosa discografia.

Por sua vez, Ralph Gothoni, pianista finlandês, que a acompanhará ao piano, tem uma marcada carreira internacional com sucessivos êxitos. Vive na Alemanha Federal, desde 1978 e tem dado inúmeros recitais a solo e de música de câmara, a par das suas apresentações no domínio do «Lieder». Realizou concertos por toda a Europa, União Soviética, Estados Unidos, México, Canadá e Extremo Oriente. Participou também em inúmeros festivais europeus, tendo-se apresentado como solista com a Orquestra Filarmónica de Berlim, no Japão, entre outros países. Gravou já 50 discos de piano a solo e de música de câmara. Para além da sua actividade de concertos, tem igualmente consagrado o seu tempo ao ensino, sendo professor de música de câmara e de canto, nomeadamente de Lieder e em 1984 foi nomeado director do Festival Savonlinna, na Finlândia. Em 1977 foi-lhe atribuída a Medalha do Ministério Austríaco da Cultura e, em 1980, é nomeado Professor de Artes, pelo Estado finlandês; em 1983 recebeu o Prémio de Honra da Fundação Cultural Finlandesa.



Uma aguarela de Ana Mor, patente no «Fora de Moda», em Setúbal

Exposições

- No «Fora de Moda», em Setúbal, está patente ao público uma exposição de aguarelas de Ana Mor, intitulada «Bocados de Sonho». Sobre a mostra, escreveu a artista no catálogo: «Bocados de sonho agarram a minha resolução. A cor imunda o papel, do sonho passo ao tacto, retrato-me.» A exposição pode ser vista até ao próximo dia 15, na seguinte morada: R. Baluarte do Socorro, n.º 20.
- «Gaivota» é o nome da exposição de pintura e colagem que Ana Palacini mantém patente ao público na Codilivro, de 15 às 20 horas até 24 de Abril. A pintura, natural de Vendas Novas, no Alentejo, onde nasceu há 42 anos. Participou já em diversas exposições em Lisboa, Almada, Palmela, Albarraque e Amadora.

Música

- E na região da serra da Estrela prossegue a 3.ª série regional de concertos, denominada «Festival Branco». Assim, esta noite, pelas 21.30 horas no Salão Nobre da Câmara de Oliveira do Hospital realiza-se um espectáculo sobre Grandes Temas do Jazz, no qual serão interpretados temas de Bill Evans, Hammerstein, Gerhwin, Horace Silver, Herbie Hancock e Herman Hupfeld. A execução musical está a cargo de Vasco Henriques (piano); Nuno Gonçalves (contrabaixo) e Urbano Oliveira (bateria).
- Na Rua Francisco Marques Beato, 11, em Mosca, fica situada a «Dancine-Stop Cinema» onde, a partir das 15 horas e até às tantas tem lugar uma «grande gala de Disc-Jockey's». A ideia partiu de Mário Valverde, «disc-jockey» da dita discoteca, e tem como objectivo primordial «mostrar às pessoas como trabalham os 'disc-jockeys' ora em equipa, ora individualmente». Assim, irá ser montado no palco do Dancine Stop uma cabina gigante com seis «pick-ups» e uma sofisticada mesa de mistura para que quatro profissionais e seis amadores possam mostrar a arte de bem trabalhar um «pick-up». São eles: Luís Miguel Matos, Nuno Miguel, Mário Valverde e António Pereira, que constituem os «Ases de Portugal», e ainda Ricardo Pimentel, Rui Santos, Mário Costa, Álvaro de Sousa, e as revelações José Luís (um «disc-jockinha de 11 anos») e Cristina (rapariga Disc-Jockey).

Teatro

- O grupo de teatro «A Barraca» vai representar a peça «Um Dia na Capital do Império» (de António Ribeiro Chiado), na Igreja do Convento de Santo António, na Loja Nova — amanhã —, pelas 16 horas.
- A organização do espectáculo é da responsabilidade da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira e este integra-se nas comemorações de Abril.

Teatro da Rainha comemora 1.º aniversário em Lisboa



Victor Santos numa cena de «Falatório de Ruzante, desertor da guerra»

Depois de ter trazido a Lisboa a peça «AQ», o Teatro da Rainha tem agora em cena, na Comuna, «O Falatório de Ruzante, Desertor da Guerra», de Angelo Beolco.

Ao comemorar o seu primeiro aniversário, o Teatro da Rainha, companhia radicada nas Caldas da Rainha, traz até à capital uma amostragem do que tem sido a sua actividade durante esse tempo.

«Ao fazermos uma curta série de representações no Centro de Arte Moderna com a peça «AQ» achámos que este espectáculo daria uma imagem parcial do nosso perfil como companhia, já que, das montagens que fizemos esta é a que menos se presta

à itinerância», afirmou Fernando Mora Ramos, encenador, que acrescentou: «pretendemos assim completar o nosso bilhete de identidade, com a apresentação de espectáculos mais simples e mais vocacionados à itinerância, sem no entanto deixarmos de ter em conta a adequação dos espectáculos aos espaços».

Companhia vocacionada para a itinerância e que aposta na descentralização, o Teatro da Rainha tem em vista não só o público que os visita na sua sala, mas também levar o teatro até ao público.

É assim que estão agora em Lisboa, «como poderíamos estar noutro sítio qualquer».

O «Falatório de Ruzante, Desertor da Guerra», escrita por Angelo Beolco, dito o Ruzante, autor paduano do princípio do século XVI, é um espectáculo sobre «os desertados da vida e da História, sobre as desventuras de um camponês-soldado fugido da guerra, Ruzante, animal solitário, que engana a fome e as dependências com sonhos desvairados, a única coisa que lhe resta», explica Vítor Santos, o actor que desempenha o papel de Ruzante.

Segundo o encenador, o espectáculo, transposto para um tempo actual, pretende ser «a relação crua, em carne viva, de personagens que a guerra atira agora/outro para a fronteira da própria História».

«O Fim do Princípio»

Para além da peça «O Falatório de Ruzante», em cena na sala da Comuna hoje e amanhã às 17 e às 21.45 horas, o Teatro da Rainha apresenta ainda ao público alfacinha «O Fim do Princípio», do dramaturgo irlandês Sean O'Casey.

Também encenada por Fernando Mora Ramos, a peça estará em cena a partir da próxima quinta-feira e até domingo, no auditório do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, na Av. D. Luís.

Companhia ainda sem um subsídio regular, o Teatro da Rainha, durante este ano de existência e com apenas dois pequenos subsídios de montagem, levou até ao palco cinco peças, o que, segundo o grupo, «é a prova de que podemos ter uma actividade regular e por isso ter um subsídio fixo, e não apenas para a montagem deste ou daquele espectáculo».

A companhia tem ainda projectada a apresentação em Lisboa de mais três espectáculos, mas tudo depende das atribuições de subsídios pelo Ministério da Cultura. De qualquer modo, a Rainha está em Lisboa.



Uma cena do novo filme de ERIC ROHMER, «NOITES DE LUA CHEIA». Com PASCAL OGIER e VIRGINIE THEVENET. Em exibição no Estádio 444 e Quarteto.

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1

ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
15.15, 18.15, 21.15 e 00.15 h

Alfa 2

O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 3

AS MINAS DE SALOMÃO
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club

T. 763319

COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1

ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
15.15, 18.15, 21.15 e 00.15 h

Amoreiras 2

TARAN E O CALDEIRÃO MÁGICO
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.45 h

Amoreiras 3

O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.45 e 24 h

Apolo 70

JUVENTUDE INQUIETA
(maiores 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Ávila

— T. 539930

ESPIÕES COMO NÓS
(comédia)
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Ávis

— T. 547163

LOUCURAS AMERICANAS
(maiores 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitório

— T. 372358

SEXO INCONTROLÁVEL
(int. men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

ESPIÕES COMO NÓS
(comédia)
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cinebloco

— T. 556824

ROCKY IV
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

O VIOLADOR
(m. 18 anos)
24.00 h

Cine Camões

T. 324194

OS VINGADORES DE SHAOLIN
(não acons. men. 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

D.A.R.L.Y.
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Cinemateca

INÊS DE CASTRO/1945

15.30 h

LOUCURA DE AMOR/1948

18.30 h

LA DOLOROSA/1934

21.30 h

Cine Portela

— T. 2524761

Estúdio Anusha

TRINITÁ COWBOY

INSOLENTE

(maiores 12 anos)

14.45, 17.00 e 21.45 h

Estúdio Show

REGRESSO AO FUTURO

(maiores 12 anos)

15.00, 17.15 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

O SOL DA MEIA-NOITE

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

A DIVA E OS

GANGSTERS

(maiores 13 anos)

23.45

Condes

— T. 322523

A JÓIA DO NILO

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

AS MINAS DE SALOMÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

O SOL AOS

QUADRADINHOS

(maiores 12 anos)

15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

HERÓIS E AMANTES

(maiores 12 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

NOITES DE LUA CHEIA

(maiores 12 anos)

15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

Sala 1

TARAN E O CALDEIRÃO

MÁGICO

(maiores 6 anos)

14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 2

A HONRA DOS

PADRINHOS

(maiores 16 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 3

FLORESTA ESMERALDA

(maiores 12 anos)

14.15, 16.30, 18.45 e 21.45 h

Forum Picoas

— T. 541037

O HOMEM QUE VEIO DO

ESPAÇO

(int. men. 13 anos)

16.00, 19.00 e 21.30 h

Gemini

AS MINAS DE SALOMÃO

(maiores 12 anos)

14, 16.30, 19.00, 21.30 e

24.00 h

Hollywood

— T. 802859

Sala 1

A JÓIA DO NILO

(m. 12 anos)

14.30, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45h

Sala 2

A HONRA DOS

PADRINHOS

(maiores 16 anos)

14.15, 16.45, 19.00, 21.30 e

24.00 h

Imperio

— T. 555134

ESPIÕES COMO NÓS

(maiores 12 anos)

15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

A JÓIA DO NILO

(maiores 12 anos)

15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

ENCONTRO

(maiores 16 anos)

15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

A JÓIA DO NILO

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

ERA UMA VEZ NA

AMÉRICA

(maiores 16 anos)

15.00 e 21.00 h

Nimas

— T. 574362

AGNES DE DEUS

(maiores 16 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

COMANDO EM FÚRIA

(maiores 16 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e e

21.30 h

Olimpia

T. 325309

AS ULTRAPOTENTES

A partir das 14 horas

Sessões contínuas

Filme pornográfico

(int. men. 18 anos)

Pathe

— 821933

O INSPECTOR

MARTELADA

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30 e 21.30 h

Politeama

T. 326305

DESTACADAMENTE EM

MISSÃO ESPECIAL

(não acons. men. 13 anos)

14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

Sala 1

NOITES DE LUA CHEIA

(maiores 18 anos)

14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e

23.30 h

MASH

(maiores 16 anos)

00.45 h

Sala 2

O ENCONTRO

(maiores 16 anos)

15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e

23.30 h

DO FUNDO DO CORAÇÃO

(maiores 16 anos)

00.45 h

Sala 3

HISTÓRIA DE PIERA

(maiores 18 anos)

14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e

23.30 h

OS NOSSOS AMORES

(maiores 16 anos)

00.45 h

RUMBLE FISTO —

JUVENTUDE INQUIETA

(maiores 16 anos)

15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e

23.30 h

N'Gola

— T. 573407

FEITOS GLORIOSOS DE

PEDRO, O GRANDE

(maiores 12 anos)

14.30 e 18.30 h

2019 DEPOIS DA QUEDA

DE NOVA IORQUE

(maiores 12 anos)

21.30 h

Restelo

T. 610375

ROCKY IV

(maiores 12 anos)

15.30 e 21.30 h

Cinema Rex

— T. 864756

A TESTEMUNHA

(maiores 12 anos)

14.30, 16.45 e 19.00 h

Roma

T. 889192

ERA UMA VEZ NA

AMÉRICA

(maiores 16 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

JOÃO BRONCAS E A

LICEAL

(maiores 18 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

Lisboa — PERMANENTE (Hoje) — **BAIRRO AMÉRICA:** Costa Ferreira, Rua Fernão Magalhães 33 (Tel. 849448); **BAIXA:** Du-
rão, Rua Garrett 92, (T. 324166);
CAMPO DE OURIQUE: Condes-
tável, Rua Coelho da Rocha 119 (T.
666206); **CHILE - ALTO SÃO**
JOÃO: Vitalis, Rua Morais Soares
69-C (T. 841779); **ESTEFÂNIA:**
Morgado Lourenço, Lg. D. Estefânia
4-5 (T. 554808); **ESTRELA:**
Martins, Cc. fa Estrela 165-167 (T.
660823); **JOÃO XXI:** Onilida, Av.
João XXI 13 A (T. 886848); **LUMI-**
MIAR — QTA. MOURAS: Matos
Viegas, Av. Rainha D. Amélia 34 B
(T. 794174); **MARO. POMBAL —**
PICOAS: Correia Almeida, Av.
Fontes Pereira Melo 21 BC (T.
547385); **OLIVAIS NORTE:** Central
Olivaís, Rua Alferes Barrilero
Ruas 7 C (T. 315539); **PALHAVA:**
Aguilar, Av. Col. Bordoalo Pinheiro
98 A (T. 720934); **SANTO**
AMARO: Correia Azevedo, Rua
Luís Camões 42 B (T. 638625); **CO-**
DIVEL — ODIVELAS: Nabais Vi-
cente, Rua A. It. 19 A Loja-Urb.
Codivel (T. 981803); **PONTINHA:**
Pontinha, Est. Santo Elói 4 Lt. SE
(T. 990220);

PERMANENTE (Amanhã) —
ALAMEDA — PONTE LUMI-
NOSA: Ibeira, Rua Barão Sabrosa
235-235 A (T. 888277); **ALVA-**
LADE: Alvalade, Av. da Igreja 18 A
(T. 892070); **AMOREIRAS — ES-**
TACÃO CARRIS: Ivone, Rua Silva
Carvalho 232C (T. 650760); **ANJOS**
— LISBOA GIN. CLUBE: São
José, Rua Anjos 41 A (T. 570730);
BAIRRO ALTO: Veritas, Rua Mi-
sericórdia 135 (T. 327564); **BEATO:**
Grifão, Rua do Grilo 25 (T. 385264);
BENFICA - CHARQUINHO: Ma-
cedo, Rua República da Bolívia 69C
(T. 713697); **ENCARNACÃO:** As-
censão, Pct. do Norte 11 A (T.
311216); **ESTRELA — POSSI-**
DÔNIO SILVA: Tagus, Rua Possi-
dônio da Silva 162A (T. 669485);
GALINH. CHARNECA — LU-
MIAR: São Bartolomeu, Vila Lu-
Jorge 1 (T. 790969); **RESTELO —**
Av. Vasco Gama — ALGÉS: Oc-
cidental, Rua D. Jerônimo Osório 18D
(T. 610256); **SALDANHA:** Cruz
Nunes, Pct. Duque Saldanha 14-15
(T. 521845); **ALGÉS:** Miramar,
Rua Ernesto da Silva 83 (T.
2112048); **COLINA DO SOL —**
BRANDOA - AMADORA: Vidal
Reis, Urb. Alformelos — Célula
G-Lote 35 (T. 996540); **PONTI-**
NHA: Cruz Correia, Est. Santo Elói
41 A (T. 992453); **QUINTA DO**
MENDES — ODIVELAS: Al-
meida, Pct. a Rua Tomás da Anun-
ciação 38-B; **SACAVÉM:** Lou-
renço, Rua Almirante Reis 31 (T.
2518151); **VENDA NOVA —**
AMADORA: Girassol, Rua Elias
Garcia 17-C (T. 974161).

Linha de Sintra — AMA-
DORA: Cavaca, R. Elias Garcia,
209 (T. 4930019). Permanente; **Car-**
los: Permanente; **DAMAILA:** Nova,
R. Elias Garcia, 10 (T. 972530). Até
às 22 horas; **QUELUZ:** André, Av.
Elias Garcia, 151 (T. 950043). Até às
22 horas; **CAMARATE:** Botafina,
R. Avelino S. Oliv., 5 (T. 2671069).
Até às 19 horas; **CACÉM:** Garcia,
Av. Missionários, 2 (T. 9242181).
Permanente; **ALGUEIRÃO:** Rodri-
gues Rato, R. Morés, 1 (T.
9212038). Permanente; **MERCES:**
Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A
(T. 9215275). Até às 22 horas; **RIN-**
CHOA: Cargaleiro Lourenço,
Calç. Rinchoa, 38 (T. 9262206). Até
às 22 horas; **SINTRA:** Teresa Gar-
cia, Afonso Albuquerque, 3-A (T.
9232747). Permanente; **COLARES:**

Abreja, (T. 9290088); **S. PEDRO**
DE SINTRA: Valentim, (T.
9230456). Permanente.

Outras farmácias —
MOSCAVIDE: Pedro Gomes, B.º
25 de Abril, lote 13 (T. 2519670)
Permanente.

Outra Banda — ALMADA:
Reis, R. Comandante Ant.º Feio, 19
(T. 2750504). Permanente; COVA
DA PIEDADE: Louro, R. Alexan-
dre Herculano, 6-B (T. 2763517).
Permanente; **MONTE CAPARICA:**
Nova, R. Trab. Rurais, 82 (T.
2954436). Até às 19 horas; **COSTA**
DE CAPARICA: Carlos, Av. do
Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19
horas; **LARANJEIRO:** Moderna,
R. Dr. Ant.º Elvas, 8-A (T.
2290305). Até às 22 horas; **SESI-**
MIRA: Leão, Av. Liberdade, 13 (T.
2233471). Até às 19 horas; **LA-**
VRADIO: J. Consolado, Av. Joaq.
J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até
às 19 horas; **BARREIRO:** Pimenta,
R. Cons.º Joaquim Ant.º Aguiar, 259
(T. 2073012). Permanente; **BAIXA**
DA BANHEIRA: Teixeira, B.º
Moçambique, 84 (T. 2040946). Até
às 19 horas; **CORROIOS:** Abreu
Cardoso, B.º Cid. Setúbal, 10 (T.
2291192). Até às 19 horas;
AMORA: Nobre Guerreiro, R. Dr.
Emídio G. Mendes, 314 (T. 2212923)
Até às 22 horas; **ALDEIA PAIO**
PIRES: Central, Est. Nacional, 9
(T. 2210365). Até às 22 horas;
MONTIJO: Higien, R. José Joaq.
Marques, 142 (T. 2310370). Até às
22 horas; **MOITA:** Silva Rocha, P.
República, 16 (T. 239029). Até às 19
horas; **ALGOS VEDROS:** Gus-
mão, R. Cândido Reis, 30 (T.
2040020). Até às 19 horas; **ALCO-**
CHETE: Gamaleiro, L. Ant.º Santos
Jorge, 15 (T. 234100). Até às 19
horas; **SETÚBAL:** Bocagana, R.
Romeu (T. 23425). Permanente; **Ol-**
iveira Rodrigues, R. Misericórdia, 11
(T. 22488). Permanente; **Louro,** R.
Frei Ant.º Chagas (T. 24491). Até às
22 horas.

Linha de Cascais — AL-
GÉS: Almeida Nito, Av. Comb. G.
Guerra, 64 (T. 2112070). Perma-
nente; **LINDA-A-VELHA:** Mo-
derna, Av. 25 de Abril, 30-C (T.
4191235). Até às 19 horas; **OEIRAS:**
Mourão Vaz, Av. Moçambique,
17-C (T. 2437196). Permanente;
NOVA OEIRAS: Leal, Quinta da
Palmeira, Lote 24 (T. 2478737). Até
às 22 horas; **PARADE:** Grincho,
Av. República, 87-A (T. 2471204).
Permanente; **CASCAIS:** Misericór-
dia, R. Regimento 19, 41 (T.
280141). Permanente.

Porto — DAS 9 ÀS 12 E DAS
14 ÀS 22 HORAS — NACIO-
NAL, R. Senhora da Luz, 156,
Foz; COUTO, L. de São Domín-
gos, 106; FERREIRA DA
SILVA, R. dos Mártires da Li-
berdade, 150; GOMES FER-
REIRA, R. de Faria Guimarães,
449; MELO TAVEIRA, R. Al-
caide de Faria, 77.

DE DIA E TODA A NOITE —
VITÁLIA, P. da Liberdade, 34;
CONFIANÇA, R. de Santa Ca-
tarina, 960; NAU VITÓRIA, R.
de Nau Vitória, 723, ao Semide;
MENESES DE LIMA, P. Dr.
Teotónio Pereira, 227; COSTA
LIMA, Av. da Boavista, 855.

Coimbra — SANTA CRUZ,
R. das Padeiras, 94 (T. 23569).
BAPTISTA, P. da República,
9-10 (T. 23747).

Casa da Comédia

R. Francisco de Borja, 24 — Tel. 60 72 99
De 5.ª a sábado às 21.45
Domingos às 16.00

«QUASE POR ACASO UMA MULHER», de
Dario Fo. Encenação de Castro Guedes. Interpretado por
António Cruz, Elisa de Guisett, Fernanda Alves, Júlia
Correia, Juvenal Garcês e Rogério de Sousa.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

De 3.ª a sábado, às 21.45; sábado e domingo, às 16.30.

«E o GODOT SEMPRE CHEGOU», de Alexander
Pastor. Encenação de Amando Cortez. Intérpretes: Her-
minia Tojal, Alvaro Faria, Carlos Martins, Andrade e
Silva e Carla Cristina.

Setúbal — Teatro de Bolso

Rua Dr. Anibal Alvares da Silva, 9 — Tel. 26078

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.30

«JOGO DE LOUCOS», de Michel Viala. Encena-
ção: Domingos Semedo. TAS.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46
Sala Garrett

De terça a sábado, às 21.30; sábados, às 16.00

«D. JOÃO», de Molière. Encenação de Jean-
Marie Villégier. Interpretado por António Rama,
Barroso Lopes, Carlos Daniel, Carlos Pimenta,
Henriqueta Maya, Ignor Sampaio, Lúcia Maria,
Mário Pereira, Ruy de Carvalho, São José Lapa,
António Banha, etc.

Teatro da Graça

T. de São Vicente, 11 — Tel. 87 56 26

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingos só às 16.00

«BEM-VINDO SR. SLOANE», de Joe Orton. En-
cenção de Carlos Fernando. Cenografia de Dalton Salen
Assêff. Intérpretes: António Montez, Carlos Fernando,
Filipe Domingues e Maria José.

Teatro Villaret

Av. Fontes P. de Melo — Tel. 53 85 86

De terça a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«POUCO BARULHO», de Michael Frayn. En-
cenção e direcção de Varela Silva. Com Nicolau
Breyner, Manuela Maria, Morais e Castro, Guida
Maria, Victor de Sousa, Rosa do Canto, Isabel
Maria, Jorge Nery e Henrique Santos.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

Sábados e domingos às 16.00

«AS VIAGENS DO FERRO-VELHO», de Álvaro
Faria. Grupo Pequeno Teatro.

Teatro Iberico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 382531

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

«BODAS DE SANGUE», de Lorca. Encenação de
Blanco Gil.

Instituto Franco-portugues

Av. Luís Bivar, 91 — Tel. 54 43 89

Todas as noites, às 21.30

«UNE PUCELLE POR UN GORILLE», de Fer-
nando Arrabal. pelos alunos do Liceu Francês.

Grupo de Teatro Mazoum

R. Poais de S. Bento, 75
(Casa dos Tabuenses) Tel. 60 18 66

De 4.ª-feira a sábado, às 21.45

TUTANKAMON E A SUA RAINHA, de Adolfo
Gutkin. Encenação de Adolfo Gutkin e cenografia de
Ana Vieira. Intérpretes: Silvina Pereira e Carlos
Paula Vasconcelos.

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 06 37

De terça a domingo às 21.45; domingos, também às
16.00.

«O CORONEL EM DOIS ACTOS», Adaptação de F.
Nicholson. Encenação de Varela Silva. Interpretação:
Alina Vaz, António Feio, Camilo de Oliveira, Dulce
Guimarães, F. Nicholson e P. Marcelo.

Teatro Vasco Santana

Entrecampos — Feira Popular
— Tel. 76 86 90

Teatro Estúdio de Lisboa

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«CESÁRIO QUÊ?», Texto e encenação de Luzia
Maria Martins. Cenografia de Fernando Filipe. Intérpretes:
Fernanda Montemor, Carlos Santos, Clara Joana, Helena
Félix, Luísa Ortigosa, Fernanda Coimbra, José Brás, Vítor
Hugo, Manuel Mendonça e Pedro Paiva.

Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

De 5.ª a sábado, às 21.45; domingos, às 16.00

«CALÍGULA», de Albert Camus. Ence-
nação de João Mota. Intérpretes: Almeno
Gonçalves, Abel Neves, António Melo, Al-
fredo Brissos, Carlos Paulo, Cecília de Sousa,
Isabel Medina e João Mota, entre outros.

Sala Nova

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo às 17.00

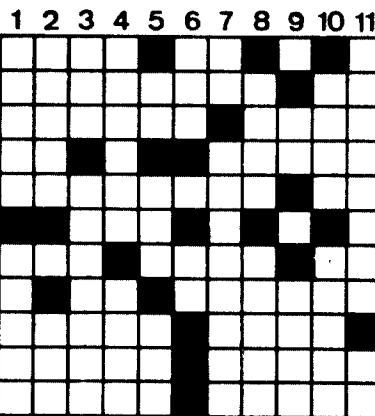
«CALÍGULA», de Albert Camus. Encenação de
João Mota. Intérpretes: Almeno Gonçalves, Abel Neves,
António Melo, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Cecília de
Sousa, Isabel Medina e João Mota, entre outros.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 16 703

HORIZONTAIS:

- 1 Pronome indefinido. Artigo indefinido. Tempo do verbo ser.
- 2 Separaís. Clima.
- 3 Darei mios. Pequeno pássaro dos campos.
- 4 Deus dos pastores. Emparelhado.
- 5 Ossuários. Seguiu.
- 6 Sufixo que designa abundância.
- 7 Biliis. Transpirar. Interjeição brasileira.
- 8 Pertences. Focinho saliente, muito alongado.
- 9 Cação seco (ant). Guarnecer de asas.
- 10 Fazer horas, matar o tempo. Nome de jogo.
- 11 Cidade do Japão. Freguesia do conchelo de Guimarães.



VERTICAIS:

- 1 Freguesia do conchelo e distrito de Viseu. Indivíduo do sexo masculino em relação aos seus pais.
- 2 Cantigas. Uma das Cíclades.
- 3 Doutora. Lê letra por letra.
- 4 Que são do ar. Nome de algumas tribos indígenas do Brasil, em Mato Grosso.
- 5 Preposição. Chefe etíope. Agora.
- 6 Interjeição da ilha das Flores o mesmo que ah! oh! Nome antigo da nota musical dó.
- 7 Nota musical. Colega.
- 8 Transpiras. Tomar a cor da rosa.
- 9 Reis. Sugo o leite materno.
- 10 Rio do Pará. Açôes.
- 11 Urdiria. Apelido.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 702

HORIZONTAIS:

- 1 CADA. CABEÇA.
- 2 Amarguraras.
- 3 Dama. Arrasa.
- 4 Anais. Ser.
- 5 SS. Eido. Ai.
- 6 Acontecera.
- 7 Crosta. Ai.
- 8 Re. Secasses.
- 9 Im. Anaco. Ge.
- 10 Mós. Pau.
- 11 Escoaremos.

VERTICAIS:

- 1 CADA. Crime.
- 2 Amansaremos.
- 3 Damasco. SC.
- 4 Arai. Ossa.
- 5 SENTENÇA.
- 6 Cua. Itaca.
- 7 Arrede. Acue.
- 8 Bar. Ocaso.
- 9 Eras. Eis. Pó.
- 10 Casear. Egas.
- 11 Asaria. Seu.

PROVÉRBO: Cada cabeça, cada sentença.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 539

HORIZONTAIS:

- 1 Lonim. Lampa.
- 2 Oc. Negarias.
- 3 Faon. Ancas.
- 4 Ora. Andor.
- 5 Aio. Sisal.
- 6 Com. Som.
- 7 Id. Cá. Vi.
- 8 Romanos. Ora.
- 9 Omo. Trincou.
- 10 Ga! Honrais.
- 11 Errara. Só.

VERTICAIS:

- 1 Lofio. Girote.
- 2 Ocara. Domar.
- 3 Oaio. Mo.
- 4 Inn. Ca. Há.
- 5 Me. Cantor.
- 6 Ganso. Orna.
- 7 Landim. Sir.
- 8 Arcos. Nas.
- 9 Miaras. Ócio.
- 10 Pás. Louros.
- 11 As. Miau.

ENFERMAGEM PARTICULAR CENTRAL DA ESTEFÂNIA

R. DE D. ESTEFÂNIA, 149
TELEFS. 53 20 47 - 52 29 98
LISBOA



- SERVIÇOS DE ENFERMAGEM E ALUGUER DE MATERIAL
- ACORDOS COM OS CTT, ETC.
- 1/4 SÉCULO AO SERVIÇO DA SAÚDE
- ENFERMAGEM PERMANENTE

ANTENA UM

15.30: Vivosábado; 19.00: Informação e música; 20.00: Som de sábado — Sílvia Alves; 21.30: Transmissão directa do Coliseu, em Lisboa, do espectáculo de Fausto «O Despertar dos Alquimistas»; 23.30: Último jornal; 23.45: No estúdio e no estúdio — (especial sábado). Noticiários de hora a hora.

PROGRAMA 2

16.00: Concerto n.º 1 em ré menor op. 15 de Brahms; 17.00: O nascimento de Cristo, de Oliver Messiaen; 18.00: Cantata cénica «Atlantida» de Manuel de Falla; 19.50: Os grandes intérpretes: fantasia sobre Porgy and Bess de Gershwin; 20.40: Histórias de música e... outras «Aspectos da interpretação dos virtuosos da batuta!»; 21.10: Música de tecla portuguesa — Sonata n.º 9 em mi bemol maior op. 18, n.º 3 de João Domingos Bomtempo — obra de primer Tom de Anónimo; 21.30: Para além da leitura; 22.30: Música de câmara — Quarteto em fá menor op. 20 de Joseph Haydn; 23.00: Intercâmbio musical — Primavera musical de Lugano 1985, em gravações cedidas pela Sociedade Suíça de Radiotelevisão. Concerto pela Orquestra da Radiotelevisão da Suíça italiana sob a direcção de Marc Andrae. Colabora na 1.ª parte o pianista Nelson Freire; 00.45: Danças para harpa e orquestra de Debussy; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)
15.00: Fim-de-semana;
18.00: Ou tudo ou nada; 19.00: Quando o telefone toca; 20.00: Cinema; 20.30: Medicina; 21.00: Tempo de desporto; 23.00: Vigésima quarta hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

14.00: Vivívelho; 16.00: Baú; 17.00: Lança-chamas; 18.00: Top do TNT; 19.00: Country music; 20.00: Luso-club; 21.00: D. Maria terapia; 22.00: A luz de Edison. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média
00.00: Luzes da ribalta; 02.00: Correio da noite; 05.00: Homens da terra; 06.57: Sementas de reflexão; 07.00: Café com letras; 07.56: Oração da manhã; 10.00: Contra factos; 13.00: Hora de música; 14.00: Sons da Europa; 15.00: Música e desporto; 18.30: Transmissão do Terço; 19.00: Jornal das 19.00; 19.30: Quando o telefone toca; 20.00: Conversa de amigos; 21.00: Boa nova; 22.00: Roteiro do sul; 23.55: Meditando.

FM-Estéreo

14.00: Se não se importam; 16.00: O bom e o bonito; 19.30: Transmissão do Terço; 20.00: Partituras; 21.00: Magazine cultural; 22.00: Os amigos de Alex; 23.55: Boa noite.

RTP/1

14.45 — A Televisão dos Outros

17.55 — Os Marretinhas

«Muppet Babies» é a nova série de 21 episódios que a RTP/1 apresenta a partir desta tarde semanalmente e é dedicada aos mais jovens.

«Os Marretinhas» são as versões infantis das personagens adultas já nossas conhecidas e cujas qualidades herdaram.

A acção da série passa-se num infantário dirigido por uma ama e embora as crianças nunca abandonem a sala a sua imaginação, que é fértil, viaja pelo mundo utilizando o aspirador como nave espacial.

Jim Henson é o autor da série que obteve um imenso sucesso nos países onde foi exibida.

18.20 — Fama

(17.º episódio)

19.10 — Parlamento

19.45 — Totoloto

20.00 — Telejornal

20.50 — Boletim Meteorológico

21.00 — Aplauso

«Oscars-86»

22.30 — Dinastia

(6.º episódio): A situação financeira de Blake agrava-se e ele, para salvaguardar os seus bens, põe tudo em nome de Krystle. Steven é acusado de ter sabotado o equipamento de Mathew e Krystle vai empenhar os seus brincos de brilhantes para dar o dinheiro a Mathew...

Intérpretes: John Forsythe, Linda Evans, Pamela Sue Martin. Realizador: Phil Leacock.

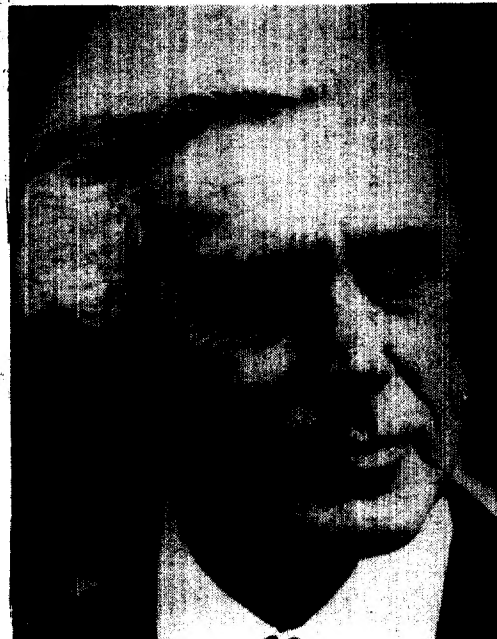
23.25 — Últimas Notícias

23.35 — Sábado Especial

«No Calor da Noite»: Bill Gillespie, chefe da polícia de uma pequena povoação do Mississippi, vê-se a braços com o assassinio de um industrial branco. O suspeito é um negro, que Gillespie, intolerante e brutal, interroga violentamente desconhecendo que se trata de Virgil Tibbs, famoso detective de Filadélfia.

Odiando-se mutuamente, os dois homens vêem-se forçados a trabalhar em conjunto para desvendar o crime. Numa região onde grassa o racismo, de parte a parte, os dois homens vão progressivamente abandonando alguns dos seus preconceitos, aprendendo a respeitar-se um pouco mais.

Premiado com três óscares, de Melhor Argumento (Stirling Silliphant), Melhor Filme, Melhor Actor Principal (Red Steiger), contando com excelente desempenho dos secundários Lee Grant e Warren Oates, e a fotografia soberba de Haskell Wexler, este filme foi objecto de enormes louvores do público e da crítica, a que não será alheia uma atitude emocional. De facto, o seu mérito maior está em veicular uma intriga policial num ambiente de racismo, atribuindo aos protagonistas a visão suficiente para o superarem, ainda que momentaneamente. Numa América de fins dos anos 60 em que os Estados do Sul se vêem abrasados por explosões de sinal contrário, em que o Ku Klux Klan tem um recrudescimento de actividade e os movimentos negros de emancipação manifestam uma força e uma dureza insuspeitadas, este filme traz algo de refrescante através do seu conflito de personalidade e posições que se apaga numa trégua tolerante.



John Forsythe, da série «Dinastia», esta noite na RTP 1

Nunca abandonando um certo tom de comédia (Jewison notabilizou-se como autor de comédias), fazendo de Sidney Poitier uma espécie de Sherlock Holmes negro que inferioriza o branco desastrado, o filme atinge um grau de rigor e tensão de que Norman Jewison já se mostrara capaz em «The Cincinnati Kid», e que não voltou a atingir em obras posteriores.

Título Original: In the Heat of the Night. Realizador: Norman Jewison. Intérpretes: Sidney Poitier, Rod Steiger, Warren Oates, Lee Grant, James Patterson, Quentin Dean, William Schaggert, Scott Wilson. Duração: 109 minutos. Ano de estreia: 1967. Género: acção/dramático. Fotografia: cor. Origem: EUA.

01.30 — Encerramento da Emissão



«Fama» continua nas tardes de sábado na RTP-1

RTP 2

15.55 — Trofeu
19.45 — Totoloto em simultâneo com o 1.º programa



«Marretinhas»: um novo programa infantil a partir de hoje na televisão

20.00 — Animação

«A Beleza e a tragédia de Narciso»

21.00 — Raízes

(Último episódio): Nascido em 1909, no Peloponense, Yannis Ritsos é o maior poeta vivo da Grécia. Por duas vezes deportado, foi vítima da ocupação alemã, da guerra civil que se seguiu e do regime dos coronéis. Os seus poemas foram musicados por Mikis Theodorakis (que aliás participa neste episódio) e foram cantados pela juventude que no princípio dos anos 70 se batia nas ruas pela liberdade.

Realização de Robert Manthoulis.

21.50 — Cristo Parou em Eboli

(Último episódio)

23.00 — Encerramento da Emissão

AMANHÃ

RTP 1

10.20 — Sumário
10.27 — Eucaristia Dominical
11.20 — 70x7
11.45 — Tempo dos Mais Novos
12.15 — Automobilismo — Grande Prémio de Espanha
14.20 — Tempo dos Mais Novos
15.55 — Sessão da Tarde — «Herança do Mal»
17.20 — O Clube Amigos Disney
19.05 — Top Disco
20.00 — Telejornal
20.30 — Boletim Meteorológico
20.35 — Crónicas de Bem Dizer
21.00 — O Homem na Dança
22.00 — Domingo Desportivo
23.10 — Últimas Notícias

RTP 2

14.30 — O Som da Malta
15.45 — Tempo dos Mais Novos
16.25 — Ténis — Open de Portugal
18.00 — Pare, Escute e Olhe
18.35 — RTP — Açores
19.05 — Romanceliro
19.35 — Novos Horizontes
20.05 — Adágio
20.25 — Nós Por Cá
21.05 — Telefilme — «Celente»

GRUNDIG

a segurança de um grande nome

seleccionou para si...

RTP/1

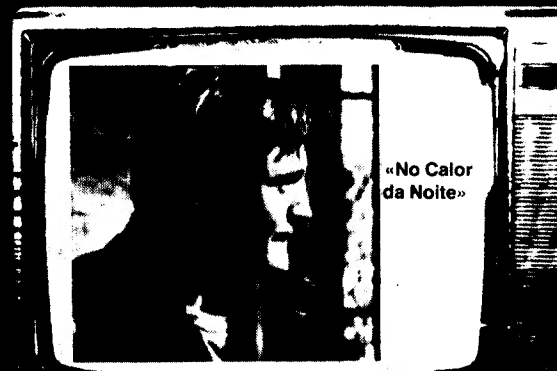
21.00 — Aplauso

RTP 2

21.00 — Raízes

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO

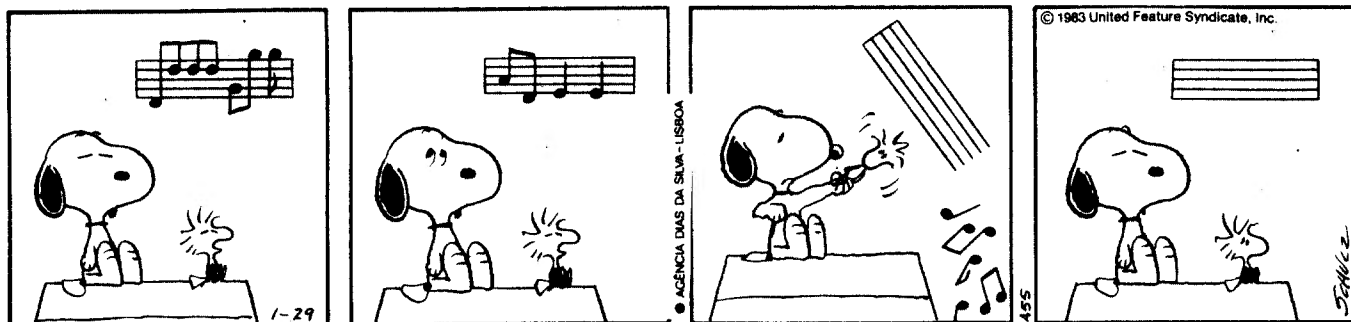
Rua Bento Jesus Caraça, 17 — Cruz Quebrada — Telef. 4197570



«No Calor da Noite»

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES
SOS CTC
A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VIDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIENCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 - 89 98 26
Av. S. João de Deus, 13 B - R. de Macau, 8-11 LISBOA

MELO
INFORMÁTICA
MICROCOMPUTADORES
CAMPANHA DA PÁSCOA
ÚLTIMA OPORTUNIDADE
ATÉ 6 MENSALIDADES
S/ ENCARGOS
JOSÉ DE MELO & SILVA, LDA.
Escritório: R. Bernardina Ribeiro, 15 — cave/dt.
Loja Zodiaco: R. Conde Redondo, 5 Loja C
Loja Melo: R. Gonçalves Crespo, 18-C (Clube Video)
Tel. Zodiaco: 54 99 04 — Tel. Melo: 52 56 99 — 1100 LISBOA
Demonstrações 3.ª e 5.ª das 18 às 20 horas



MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR
4.45 3,8 m 10.14 1,1 m
16.57 3,8 m 22.23 1,2 m

Dia 13

5.16 3,6 m 10.45 1,3 m
17.27 3,6 m 23.06 1,3 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

BRAGANÇA	-2°
VIANA DO CASTELO	6°
VILA REAL	2°
PORTO	5°
COIMBRA	6°
CABO CARVOEIRO	10°
CASTELO BRANCO	4°
PORTALEGRE	1°
LISBOA	7°
ÉVORA	4°
BEJA	4°
FARO	8°
SAGRES	10°
PONTA DELGADA	10°
FUNCHAL	13°

Queriam ser recebidos

Dirigentes dos ferroviários detidos no Ministério dos Transportes

A Federação dos Sindicatos Ferroviários anunciou que seis dos seus dirigentes foram ontem de manhã detidos pela PSP quando pretendiam ser recebidos pelo secretário de Estado dos Transportes.

Em comunicado, a Federação afirma que aqueles sindicalistas foram detidos e levados para a esquadra do Terreiro do Paço quando se encontravam «num corredor da Secretaria de Estado dos Transportes com toda a compostura, em silêncio e sem perturbarem nada nem ninguém». Acrescenta que os dirigentes sindicais estavam «à espera de ser recebidos pelo secretário de Estado dos Transportes, a quem queriam reiterar a disponibilidade da Federação para tentar resolver o conflito da CP através do diálogo e da negociação».

A Federação dos Sindicatos Ferroviários revelou que enviou telegramas de protesto ao Presidente da República, Primeiro-Ministro e ministro da Administração Interna, em que classifica as detenções como «um meio de intimidação, claramente violador da liberdade sindical». Segundo declarou ao «DL» um dirigente da Federação, depois de conduzidos à esquadra, onde foram identificados, os seis dirigentes sindicais viriam a ser recebidos à noite por um assessor do secretário de Estado.

Entretanto, segundo declarou à ANOP um dirigente sindical, a greve dos trabalhadores ferroviários está a afectar o funcionamento de algumas empresas no País.

José Ribeiro, da Federação dos Ferroviários, apontou como exemplo o facto de não haver comboios para transportar o minério de Aljustrel para a Quimigal, não havendo também comboios para levar amoníaco para a fábrica de Estarreja, nem sucata para a Siderurgia da Maia.

Este dirigente sindical revelou que, na segunda-feira, representantes dos trabalhadores destas fábricas vão reunir-se para analisar a situação.

A greve dos ferroviários está também a afectar a linha de Sintra, onde, garantiu José Ribeiro, apenas está a circular menos de um terço do total do material habitualmente usado.

José Ribeiro manifestou a disposição dos dirigentes sindicais para dialogarem, se necessário for neste fim-de-semana. Caso não haja acordo, os ferroviários tencionam manifestar-se em Lisboa na próxima semana.

Transportes alternativos em Sintra

Os utentes da linha de Sintra vão dispor, a partir de segunda-feira, de carreiras complementares de autocarros da CP que podem ser utilizadas por possuidores de títulos de transporte válidos nos caminhos-de-ferro.

As carreiras complementares, com início e término no Cacém, Queluz e Amadora, visam minorar os efeitos da actual «carência de material automotor eléctrico» e do facto de a CP ter já recebido um pré-aviso de greve que prolonga a actual paralisação até ao dia 22 de Abril, «fazendo prever uma situação ainda mais agravada», acrescenta a empresa.

Na linha da Azambuja vai ser reforçado o serviço reduzido implantado desde o dia 9, com o estabelecimento de paragens extraordinárias de alguns comboios de longo curso nas horas de ponta.

DE/CAR/A/S



MUAMMAR KHADAFI, com as suas ameaças lançou também a preocupação entre os responsáveis portugueses, após as ameaças proferidas contra todas as cidades do Sul da Europa. Foi assim que o Ministério português dos Negócios Estrangeiros afirmou que «está a seguir os acontecimentos com toda a atenção». O dirigente libio tinha afirmado que todas as cidades do Sul da Europa «são declaradas como fazendo parte da zona de contra-ataque libio» a um eventual ataque americano contra instalações do seu país.

VENÂNCIO DE MOURA, o vice-ministro angolano dos Negócios Estrangeiros recebeu ontem o embaixador português em Luanda, Pinto da França, para abordagem de questões de interesse bilateral e análise da evolução de toda a situação na África Austral. O membro do Governo angolano recebeu igualmente ontem outros embaixadores acreditados no seu país, como é o caso do britânico, Patrick Fairweather, de Timor-Leste, Roque Rodrigues, e da República Sarauí, Mohamed Molainin.

DIAS LOUREIRO, o secretário-geral do PSD, representou o seu partido no Congresso da Federação dos Partidos Liberais Democratas e Europeus, que decorreu na Sicília. Aí foi aprovada a mudança do nome desta organização para Federação dos Partidos Liberais Democráticos e Reformistas. Mas mais importante para o PSD, que participou pela primeira vez neste tipo de reunião, foi que a presidente do Congresso, Colette Flessch, considerou a presença do partido português como o facto mais importante do conclave siciliano.

MOTA AMARAL informou o Primeiro-Ministro de que se deslocará, em breve, ao Brasil com o objectivo de contactar comunidades portuguesas de ascendência açoriana. No final da audiência em Belém, o chefe do Governo Regional declarou aos jornalistas que nessa visita ao Brasil inaugurará a nova sede da Casa dos Açores, em S. Paulo, mantendo igualmente contactos com empresários eventualmente interessados em investir na futura zona franca de Santa Maria.

MIRITA CASIMIRO vai ser homenageada a 19 e 20 do corrente pelo Rotary Clube de Viseu, numa iniciativa que conta com a colaboração de várias personalidades ligadas ao meio cultural português. Maria Casimiro, filha da falecida actriz e que reside em Inglaterra, vai estar presente na homenagem que compreende uma romagem ao cemitério de Viseu, a inauguração de uma exposição no Museu Grão-Vasco, a projecção do filme «Maria Papoila» e um jantar-concerto onde será evocada a vida e obra da actriz viseense. **DUVALLIER**, o ditador deposto do Haiti, que desde 7 de Fevereiro se encontra a residir em Graffe, na zona dos Alpes marítimos franceses, terá mostrado interesse em fixar residência em Portugal. Esta intenção do ditador foi comunicada à agência Anop através de uma carta datada de Paris da «Duvallier Associates». Entretanto, a Embaixada portuguesa em Paris, nega ter recebido qualquer pedido de visto para Duvallier ou os seus associados, e o «Expresso» afirma que tudo não passa de brincadeira.

Inspecção Económica procura vinho italiano falsificado

A Inspecção Económica lançou uma acção-piloto em todo o País no sentido de apurar se existem no mercado português vinhos e bebidas espirituosas italianas adulteradas, indicou a Direcção-Geral.

As investigações visam a eventual detecção deste tipo de bebidas com elevados teores de metanol ou com outros componentes eventualmente nocivos, que já originaram em Itália a morte de 19 pessoas.

No seguimento desta acção, está a ser dada prioridade ao trabalho laboratorial subsequente, compreendendo as investigações a apreensão de produtos de marca suspeita ou a simples colheita de amostras de outros da mesma origem.

Neste último caso, os agentes económicos deverão reservar a sua comercialização para data posterior à do conhecimento dos resultados das análises, desde que nada seja detectado.

Da vasta operação para controlo e análise foram já apreendidas até ontem à noite centenas de garrafas de vinho italiano, algumas da mesma marca usada pelos falsificadores já detectados em Itália. No entanto a acção fiscalizadora tem sido extensiva a outras marcas de vinho italiano como medida cautelar.

As garrafas assim apreendidas são devidamente embaladas e, depois de seladas, remetidas à Junta Nacional de Vinhos para se proceder às análises a partir das respectivas amostragens.

Actualmente pouco vinho italiano se encontra nas prateleiras dos estabelecimentos que habitualmente o comercializam por os comerciantes o terem recolhido nos armazéns desde que tiveram conhecimento das falsificações. No entanto em nenhum dos casos conhecidos houve intenção de o subtrair à acção das autoridades, mas apenas para acautelar a saúde pública e evitar qualquer risco acidental.

A Inspecção Económica, segundo informou, desencadeou esta operação por indicação da Secretaria de Estado do Comércio Interno.